

Beato Luigi Biraghi

Itinerários biográficos em Milão

Guia artístico - espiritual

de Tamara Gianni

Instituto Internacional
das Irmãs de Santa Marcelina



© Copyright Congregação das Irmãs de Santa Marcelina

Ficha Técnica

Tradução: Ir. Giuseppina Raineri

Revisão da tradução: Ir. Lair Vieira

Revisão gráfica: Ir. Ivania Vassali

Capa e fotos: do original

Impressão: Rush Gráfica e Editora Ltda

Capa:

Retrato de Monsenhor Luigi Biraghi, de uma pintura de Antonello Colombo, 2005, óleo sobre tela, 70 x 100 cm.

Pesquisa iconográfica e fotografias por **Tamara Gianni**

Impressão do original:

Fontegráfica - Cinisello B. (MI) - abril 2006

ÍNDICE GERAL

Índice geral.	3
Premissa	5
Prefácio.	7
Introdução	8
Ficha biográfica essencial.	10

PRIMEIRA PARTE

PREMISSA DOS ITINERÁRIOS MILANESES: Vignate, Cernusco s/n.	12
<i>Vignate, a cidade das origens</i>	13
Como chegar.	13
A “Cassina Bianca”	14
A matriz de Santo Ambrósio.	16
A Fonte batismal.	19
Para um momento de reflexão	22
<i>Cernusco, a cidade do coração</i>	23
Como chegar.	23
A “Cascina Castellana”	24
O Oratório de Sta. Teresa	30
Para um momento de reflexão	35
O Santuário de Sta. Maria	38

SEGUNDA PARTE

ITINERÁRIOS MILANESES	41
Milão no tempo de Biraghi.	42
<i>A vocação sacerdotal</i>	47
O Seminário Maior	48
Biraghi diretor espiritual	49
Para um momento de reflexão	53
O Seminário e as Cinco Jornadas	54
O Palácio Arquiepiscopal.	59
O “ <i>Amico cattolico</i> ”	61
O Duomo.	64
A ordenação sacerdotal.	66
Para um momento de reflexão	68
<i>O encontro com Marina Videmari.</i>	70
A Canonica de S. Ambrósio	70

Na trilha do Oratório da Canonica	72
Para um momento de reflexão	74
Da Canonica à cripta da Basílica Ambrosiana	76
<i>As relações com a sociedade milanese</i>	78
Palácio Mellério	79
O conde Giacomo Mellério.	81
Biraghi, mediador entre rosminianos e tradicionalistas.	82
<i>A fundação das “Irmãs Marcelinas de Milão”</i>	84
O colégio de via Quadronno	86
História da casa	87
Estrutura arquitetônica	92
O colégio de via Amedei	97
Para um momento de reflexão	101
<i>A obra cultural de Biraghi em Milão</i>	104
A Biblioteca Ambrosiana	106
Luigi Biraghi, homem de estudos	107
Os anos na Ambrosiana.	112
Para um momento de reflexão	117
Hóspede em Sto. Alessandro	119
Para um momento de reflexão	124
Basílica de Sto. Ambrósio: os sepulcros santambrosianos.	125
Biraghi e a arqueologia cristã.	126
A narração do santo reencontro	128
Para um momento de reflexão	131
<i>Exéquias e comemorações</i>	134
Breve antologia de memórias.	137
Basílica de Sto. Ambrósio.	138
Ambrosiana	140
Colégio de via Quadronno	141
Cernusco sul Naviglio.	142
Para um momento de reflexão	143
<i>Itinerários transversais:</i>	147
- itinerários geográficos	148
- itinerários temáticos	149
<i>Bibliografia</i>	151
<i>Índice das ilustrações.</i>	155

PREMISSA

A beatificação do sacerdote Luigi Biraghi, em 30 de abril de 2006, enche de alegria toda a Igreja e, particularmente, os que puderam conhecer a santidade dele.

O itinerário que conduziu Pe. Luigi a esse evento começou em 1966, quando o Cardeal Giovanni Colombo, arcebispo de Milão, nomeou a comissão histórica para preparar a causa de beatificação. O rito, que se celebra pela primeira vez na Diocese ambrosiana conforme as novas normas, foi presidido pelo Cardeal Dionigi Tettamanzi, arcebispo da cidade. No dia 7 de dezembro de 2005, solenidade de Santo Ambrósio, ao concluir as celebrações realizadas na basílica dedicada ao padroeiro, o Cardeal anunciou a beatificação do venerável Monsenhor Luigi Biraghi:

“Caríssimos!,

Antes de concluir esta celebração tenho um alegre anúncio para dar: trata-se da próxima beatificação do Venerável Monsenhor Luigi Biraghi (1801 - 1879).

Desejo fazer o anúncio nesta basílica porque devemos aos estudos de Biraghi uma contribuição fundamental para o reencontro do corpo de Santo Ambrósio e dos seus companheiros Gervaso e Protaso, que desde então veneramos na Cripta desta Basílica.

Desejo fazer o anúncio deste lugar porque assim como Santo Ambrósio cuidou com paixão da formação dos seus jovens presbíteros, Mons. Biraghi foi, por trinta anos, apaixonado educador dos seminaristas, acompanhando ao sacerdócio centenas e centenas de jovens entre os quais o beato Giovanni Battista Mazzucconi, martirizado na Oceania há cento e cinquenta anos.

Desejo fazer o anúncio deste lugar porque Monsenhor Biraghi foi por vinte e cinco anos doutor da Biblioteca Ambrosiana, cujos membros pertencem ao glorioso cabido desta Basílica, e também porque estamos ao lado do túmulo de Santa Marcelina. Foi com o nome da irmã de Santo Ambrósio que Mons. Biraghi quis chamar o instituto religioso feminino por ele fundado com Marina Videmari para a formação cultural e espiritual das jovens.

É alegria para todos nós, para a nossa Diocese inteira, saber que o Santo Padre Bento XVI decretou que no próximo dia 30 de abril de 2006, no Duomo de Milão, Monsenhor Luigi Biraghi seja proclamado Beato.

Será a primeira beatificação na secular história do nosso Duomo.

Agradecemos a Deus pelo dom desse novo Beato ambrosiano e invoquemos sobre todos nós e, em particular, sobre as Irmãs Marcelinas, a sua bênção.

*Dionigi card. Tettamanzi
Arcebispo de Milão*

PREFÁCIO

Entre as numerosas publicações recentes com a finalidade de ilustrar a vida e as obras de Monsenhor Luigi Biraghi, por ocasião da sua beatificação, merece nota particular este volume de Tamara Gianni que traz um título originariamente complexo: *Beato Luigi Biraghi – Itinerários biográficos em Milão – Guia artístico-espiritual*.

Em prosa clara e elegante, acompanhada de uma vasta documentação fotográfica, o volume, dividido em duas partes bem justificadas, segue a ordem rigorosamente cronológica das etapas principais da vida do Beato Luigi Biraghi, com oportunas referências à sua atividade cultural e com rápidas e significativas alusões à sua fama de santidade e às comemorações a ele prestadas em seu tempo.

Não se trata, porém, de uma biografia no sentido clássico do termo, como a autora pontua em sua introdução, mas de uma reconstrução biográfica que, através da apresentação dos lugares que marcaram a existência de Biraghi, deseja colher os aspectos mais significativos da sua personalidade.

A finalidade da publicação, em tão breve texto, foi perfeitamente alcançada graças à esmerada preparação histórico-cultural da autora que soube mergulhar na época da personagem em estudo com amorosa inteligência não somente através da documentação biográfica, mas também por um conhecimento aprofundado da sua espiritualidade.

Essa espiritualidade, com delicada discrição, perpassa todo o discurso que, sem trair as regras próprias do guia turístico, antes enriquecendo-o com notável inspiração artística, pode oferecer momentos de reflexão orante àqueles que através dos itinerários de Luigi Biraghi serão envolvidos em sua progressiva caminhada para a santidade.

Esse, ousaríamos dizer, é o motivo inspirador deste guia artístico-espiritual que, no bem sucedido enlace de história e geografia, arte e espiritualidade, constitui-se num gênero de escritos que responde aos interesses e aos gostos atuais.

Um outro motivo de louvor à autora é que a modernidade da obra conjugasse com uma das formas mais tradicionais da religiosidade cristã: a das romarias aos lugares sagrados da fé popular.

Temos que dizer ainda que Tamara Gianni, em seu valioso trabalho, está em perfeita sintonia com sua Personagem, aquele Monsenhor Luigi Biraghi que, em uma carta à Madre Videmari, em 18 de abril de 1866, esboçava exatamente um guia turístico espiritual para suas irmãs em visita, pela primeira vez, à cidade de Roma.

Meus votos de sucesso, antes de tudo espiritual, para essa valiosa publicação.

Suor Giuseppina Parma

INTRODUÇÃO

A figura de Monsenhor Biraghi, uma das mais significativas do clero e da sociedade milanesa do século XIX, está intimamente associada à direção espiritual dos clérigos do seminário de Milão, à sábia colaboração com os bispos milaneses, à fundação das Irmãs Marcelinas, ao doutorado junto à Biblioteca Ambrosiana, às atividades de história e de arqueologia cuja mais importante descoberta foi o reencontro dos restos mortais do Santo Padroeiro de Milão, o Bispo Santo Ambrósio.

Por ocasião da beatificação do sacerdote lombardo, nascem os itinerários aqui propostos com a finalidade de visitar os lugares de Milão onde ele viveu.

Os percursos ilustrados assumem uma configuração histórica, visto que caminham cronologicamente para narrar a vida de Biraghi e descrevem seu ambiente social e cultural numa disposição geográfica que os caracteriza como itinerários. São individualizadas algumas rotas dentro da cidade que correspondem aos momentos mais importantes da história de Biraghi.

Concretamente, a reconstrução biográfica dá-se através da apresentação de alguns itinerários em Milão precedidos por uma premissa “fuori porta” (extra muros) que se refere aos lugares do nascimento e da infância. Não se trata, porém, de uma biografia no sentido clássico do termo, a finalidade é antes de tudo colher os aspectos mais significativos da vida do Biraghi a partir dos lugares que marcaram sua existência, oferecendo uma ocasião para visitar alguns espaços culturais da cidade tomada como pano de fundo para reconstruir uma rápida biografia de Biraghi com finalidade artística.

Esta publicação quer limitar-se exclusivamente ao desenvolvimento dos percursos milaneses; à atividade de Biraghi sacerdote nas redondezas de Milão são feitos apenas simples acessos.

As ilustrações comentam o texto e com a vitalidade da imagem induzem à visita e, às vezes, propõem a comparação com a cidade oitocentista, ajudando o leitor a mergulhar no tempo. Reconstruir o percurso da personagem Pe. Luigi Biraghi, entreter-se nos lugares onde ele viveu, percorrer hoje aqueles caminhos significa conhecer seus acontecimentos históricos, saborear o sentido de sua tradição e, também, diminuir o espaço entre passado e presente, além de captar o significado da própria existência e do próprio tempo.

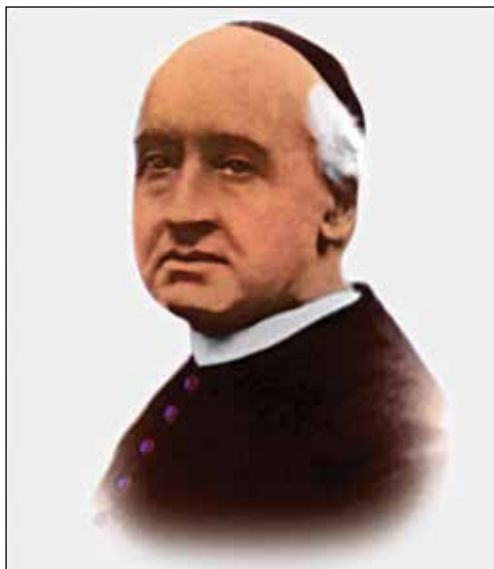
As linhas essenciais da personalidade de Biraghi e o seu perfil espiritual e pastoral brotam também do contexto geográfico onde viveu e atuou. Em Milão, podemos colocá-lo em perfeita sintonia com a figura do grande santo padroeiro da cidade milanese, Ambrósio, a quem se dedicou como estudioso e do qual foi grande devoto, e de sua irmã Marcelina, em cuja vida se inspirou ao fundar um instituto dedicado à educação das jovens. Sobretudo em Milão emergem as qualidades de educador e de insigne estudioso, mas também de estimado sacerdote. Sua preciosa atividade de conselheiro de seus bispos e de formador de clérigos, seu cargo de diretor espiritual do seminário tiveram grande repercussão no clero ambrosiano.

Os lugares mais significativos percorridos por Biraghi há mais de um século e meio e que aqui propomos novamente, no ano da sua ascensão aos altares, como ocasião para uma visita histórico-artística, são também apresentados como abertura a um aprofundamento espiritual. Seus pensamentos, sua profundidade interior assumem um valor espaço-temporal e tornam-se para nós, que desejamos nos aproximar da sua figura, objeto de conhecimento, de meditação e de oração. Eis porque cada capítulo apresenta uma parte dedicada à reflexão, grafada diferentemente para que possa ser logo reconhecida.

Temos, portanto, um elo de ligação entre a pessoa e o espaço. O que se deseja é poder reconstruir a vida terrena de um homem de Deus através dos lugares onde ele viveu para poder captar os traços fundamentais da sua humanidade e, depois, fazer nossos seus ensinamentos espirituais.

FICHA BIOGRÁFICA ESSENCIAL

A ficha contém exclusivamente os dados biográficos relativos aos itinerários descritos no texto.



Vignate

- Luigi Biraghi nasce no dia 2 de novembro de 1801, em uma chácara próxima à cidade. No dia seguinte é batizado na paróquia dedicada a Santo Ambrósio.

Cernusco sul Naviglio

- Em 1803, a família Biraghi transfere-se para a chácara Castellana.
- No antigo oratório dedicado a Sta. Teresa, em 29 de maio de 1825, Pe. Luigi celebra a sua primeira missa.
- No Santuário de Sta. Maria, dedicado a Nossa Senhora das Dores, nasce a inspiração de fundar um instituto para a educação feminina, as Irmãs de Santa Marcelina (1837). Logo depois é edificada a primeira casa das Irmãs Marcelinas (1838).

Milão

- No dia 28 de maio de 1825, Luigi Biraghi é ordenado sacerdote no Duomo. Essa data foi escolhida pela Igreja para a festa litúrgica do Beato.
- Em 1833, torna-se diretor espiritual do seminário maior. Nesse tempo, conhece importantes expoentes da burguesia e da nobreza milanesa, entre os quais o conde Giacomo Mellerio.
- Em 1835, encontra uma jovem, durante um retiro espiritual por ele dirigido, na canônica da basílica de Santo Ambrósio: trata-se de Marina Videmari (1812-1891), que será preparada para dirigir o instituto religioso idealizado por ele.
- Em 1838, no dia 22 de setembro, juntamente com a jovem Marina, inicia a obra educativa a qual se sentia inspirado desde outubro de 1837, quando estava em oração diante de Nossa Senhora das Dores no Santuário de Cernusco.
- Em 1841, participa da redação do jornal “L’Amico Cattolico”, convicto da importância de divulgar através desse meio a mensagem cristã para promover uma moderna cultura católica.
- Em 1848, vive com equilíbrio e sabedoria os dias da insurreição milanesa, conciliando o espírito patriótico do momento histórico com a liberdade interior, trabalha para eliminar toda interferência do governo austríaco na vida da Igreja.
- Em 1854, abre em via Quadronno o primeiro colégio das Irmãs Marcellinas em Milão, a seguir, os colégios de Cernusco e Vimercate.
- Em 1855, é nomeado doutor da Biblioteca Ambrosiana. Transfere-se para a residência dos Padres Barnabitas em Santo Alessandro.
- Em 1858, apóia a inauguração de um segundo colégio em Milão na via Amedei.
- Em 1862, recebe uma carta de Pio IX, datada de 29 de junho, que o convida a fazer-se mediador entre as facções opostas do clero milanês, dividido entre liberais e intransigentes.
- Em 1864, depois de pesquisas de caráter arqueológicos conduzidas na basílica ambrosiana, encontra os corpos de Santo Ambrósio e de dois mártires do primeiro século, Gervásio e Protásio, junto aos quais o bispo milanês quis ser sepultado.
- Em 1879, no dia 11 de agosto, depois de uma breve doença, morre num aposento de hóspedes junto ao Colégio de Quadronno, cercado pelos carinhosos cuidados das suas Marcellinas. Os funerais foram celebrados solenemente nos dias seguintes.

PREMISSA DOS ITINERÁRIOS MILANESES

VIGNATE, CERNUSCO S/N

Para enquadrar melhor a figura e a obra de Monsenhor Luigi Biraghi (1801-1879) em Milão, é bom antes aproximarmos-nos dos lugares do nascimento e da infância que se encontram próximos à capital milanese.

Procedendo desta forma, o desenvolvimento cronológico dos acontecimentos, que pretende caracterizar o texto, pode ser mantido integralmente, partindo daqueles lugares onde o jovem Luigi nasceu e viveu antes de se tornar sacerdote e, posteriormente, atuar em Milão.

Trata-se praticamente de reportar-se a dois territórios: a Vignate, em busca da casa natal ainda não identificada com certeza e, sobretudo, para visitar a fonte batismal; a Cernusco sul Naviglio, para conhecer a chácara onde viveu a sua infância e para onde sempre voltou no decorrer de sua vida e ao oratório de Sta. Tereza onde quis celebrar sua primeira missa..

Essas são as raízes, as premissas significativas para reconstruir os traços de Monsenhor Biraghi. Portanto, partimos justamente daquela boa terra lombarda à qual ele sempre ficou ligado pelo afeto, pelos estudos e lembranças para compreender de forma mais completa a sua obra na cidade de Milão.

VIGNATE

A CIDADE DAS ORIGENS

No pequeno município de Vignate, um lugarejo da Baixa milanese, nasceu Giulio Luigi Biraghi, no dia 2 de novembro de 1801, numa chácara de agricultores alugada pelo avô 50 anos antes.

Passados 200 anos, veio à luz o quinto filho de Francesco e Maria Fini, Luigi, como sempre foi chamado. No dia 3 de novembro foi batizado na Igreja paroquial da cidade.

COMO CHEGAR



O lugar se encontra cerca de quinze quilômetros de Milão: tomando a direção leste da estrada provincial 103, a “Cassanese”, prossegue-se por um trecho em direção a Melzo, depois à direita à altura do centro comercial.

A “CASSINA BIANCA”



Hoje não conseguimos identificar com certeza o casario rural onde nasceu Biraghi. Há algumas dezenas de anos, segundo uma antiga tradição, foi identificado como a “Cassina bianca”, que encontramos até hoje indicada nos mapas locais do percurso Milano-Melzo. Trata-se da construção bastante modesta descrita na biografia de Biraghi pela Irmã Ferragatta como “um vasto complexo de casas austeras e sólidas”. A construção revela detalhes antigos nas remanescentes decorações internas e externas, no tamanho das janelas, no formato dos tetos. Talvez seja, segundo alguns estudos, obra de Bramante. Uma lenda narra que os Visconti ali habitavam na temporada da caça. Na margem da Baixa lombarda, rica em animais de caça, a “Cassina Bianca” lembra solenes recepções, damas e cavaleiros que subiam a cavalo à galeria de honra situadas no andar superior”(p.17)

Nada restou dessa magnificência antiga a não ser testemunhos.

Vindo de Milão pode-se passar por ali para alcançar a cidade de Vignate e lançar um olhar sobre a estrutura externa dessa habitação plurifamiliar típica da Itália setentrional que o nosso tempo já substituiu por modernos conjuntos habitacionais. A sua forma alongada, em volta de um grande pátio que dá para os estábulos, nos ajuda a imaginar o dia a dia da vida da pequena comunidade agrícola de dois séculos atrás centrada na lavoura e na criação de animais.



Na verdade, ainda não se conseguiu identificar a casa natal de Biraghi. Conforme o estágio atual das pesquisas, conduzidas por Lucio Cavanna, podemos afirmar que provavelmente Biraghi tenha nascido “em uma casa da atual Via Alessandro Volta”, porque “numa lista dos cadastrados para impostos, redigida em 1784, as famílias de Isidoro Biraghi (avô de Luigi), Pietro e Cesare (seus parentes), constam como residentes em Vignate, em um dos velhos casarios da atual via Volta” (p. 71, n.1).

A PAROQUIA DE SANTO AMBRÓSIO



A igreja, que foi recentemente restaurada, é dedicada a Santo Ambrósio, o bispo que presidiu a diocese milanese nos últimos vinte anos do século IV. Se levantarmos nossos olhos acima do portal, podemos ler a inscrição e ver o retrato do Santo no mosaico da fachada, numa iconografia muitas vezes repetida, impedindo a entrada do Imperador Teodósio na basílica ambrosiana por causa do pecado por ele cometido.

O edifício, que no tempo de Biraghi encontrava-se em linhas gerais como o vemos agora, possuía, porém, uma entrada formada por um pórtico, que foi demolido depois em 1866. A igreja, que agora se encontra no centro da cidade, foi construída no final do primeiro milênio (o primeiro documento encontrado é datado de 1209) numa área afastada das moradias de então. Isso nos leva a crer que o edifício sagrado tivesse sido construído num terreno de cemitério, conforme o costume dos cristãos.



No seu interior, um complexo de elementos anteriores à época de Luigi Biraghi chegaram até nós. Ao longo dos muros, as 14 telas da Via Sacra, originárias do século XVIII e recentemente restauradas, pintadas a óleo provavelmente por vários artistas pertencentes a uma escola da área lombarda. À mesma época pertence o órgão que está junto ao balcão, e também a imagem de Nossa Senhora com o Menino, pintada em madeira dourada, que se encontra no primeiro altar lateral à esquerda da nave.



É do século seguinte a construção do altar mor, em mármore, em substituição ao precedente que era em estilo barroco e do qual se conservam dois anjos de madeira, com aspecto marmóreo. O altar de estilo oitocentista foi bento no ano 1841. Isso faz presumir que Biraghi tenha visitado a igreja “natal” nessa ou em outra ocasião, ou que, em um momento qualquer tenha visto o altar, permanecendo algum tempo diante dele, em oração. É certo que no dia 10 de agosto de 1853 houve ali a visita pastoral do arcebispo Romilli, do qual Biraghi sempre foi amigo e colaborador. Sabemos também que “lhe foi dada por ele a incumbência – como especifica Ir. Giuseppina Parma na “*Positio super virtutibus*” - de preparar as visitas pastorais e participar delas como secretário para aliviar seu superior do peso da pregação conforme os pedidos confidenciais feitos pelo secretário arqui episcopal” (p. XXXVI). Talvez isso tenha acontecido também naquele momento, não





obstante o fato de que, naquele mesmo ano, Biraghi precisou empreender uma viagem a Viena entre o fim de janeiro e o início de abril para definir sua posição política em relação ao governo austríaco depois da revolução de 48.

Dessa visita pastoral são conservadas as Atas que descrevem alguns particulares do altar com “... a imagem do pelicano que expressa o amor de Cristo para com os fiéis, dando-lhes a sua carne para comer”. A figura da ave reproduzida em ouro sobre a porta do sacrário, enquanto rasga seu próprio peito para alimentar seus filhotes, faz referência a uma tradicional simbologia que vê no pelicano a oferta do Cristo eucarístico pela remissão dos pecados.

Hoje a área do presbitério aparece, em parte, diferente, pois a reestruturação trouxe modificações tais como a eliminação da balaustra e uma disposição diferente do altar de 1841, precedido pela colocação do altar novo dos anos 60, devido às normas litúrgicas

do Concílio Vaticano II, que determinam a celebração da missa com o sacerdote voltado para o povo.

De alguns anos antes da morte do Biraghi, é a colocação dos 24 bancos de nogueira os mesmos que se encontram até hoje na igreja paroquial e dos 4 confessionários também construídos em madeira de nogueira.



FORTE BATISMAL

De particular interesse histórico e espiritual é a fonte batismal. Sabemos com certeza que Biraghi foi batizado na igreja paroquial de Vignate, a mesma onde seus pais se casaram. Conservamos o registro do seu batismo, redigido pelo cura do povoado em 3 de novembro de 1801, isto é, um dia após seu nascimento, como era costume acontecer nas famílias de tradição católica. Na primeira capela à esquerda podemos nos aproximar dessa fonte de travertino rosa, atrás dela se encontra um afresco, de 1951, do batismo de Cristo no Jordão, e ali ler as palavras do documento, conservado no arquivo paroquial, não como fria notificação, mas como anúncio alegre do evento religioso que envolve um sacramento:



Em mil e oitocentos e um, no dia três do mês de novembro, Giulio Luigi Birago, Filho de Francesco e de Maria Fina, legítimos consortes, habitantes nesta paróquia, nascido ontem, aproximadamente às onze horas da noite, foi batizado por mim, cura abaixo assinado, nesta igreja paroquial de Santo Ambrósio, da localidade de Vignate, no dia, mês e ano acima; o padrinho foi Giovanni Fino, filho do falecido Giuseppe desta paróquia de Vignate.
Dou fé, Padre Carlo Antonio Cagnola, cura de Vignate.

Os Atos de 1853, que descrevem a fonte batismal de mármore, fazem referência a uma “imagem pintada de Nosso Senhor Jesus Cristo Ressuscitado.” Nós podemos somente imaginar essa representação pois dela hoje não temos vestígio. Podemos também refletir sobre o significado dessa iconografia perdida que queria sublinhar a ligação entre o sacramento do Batismo e o mistério da ressurreição. De fato, como lembra o Catecismo da Igreja Católica, “o Santo Batismo é o fundamento de toda a vida cristã, o vestíbulo de ingresso à vida do Espírito («vitae spiritualis ianua») e a porta de acesso aos outros sacramentos” (1213).

“Nas duas paredes laterais – comenta o texto de Lucio Cavanna e Giorgio Gorla – seis anjos, três de cada lado, cada um deles representando um elemento simbólico referente ao rito ou ao sacramento do Batismo.

O primeiro anjo, à direita, representado no ato de expulsar um demônio que lhe apresenta flores (símbolos dos prazeres e dos divertimentos) e dinheiro (símbolo do luxo), é o anjo da renúncia. È caracterizado pela inscrição: “*Abrenuncio diabolo, saeculo et pompis eius.*” Em frente, à esquerda, temos o anjo exorcista com a inscrição: “*Tu autem effugare, diabole!*”

O segundo anjo, na parede à direita, segura nas mãos um pergaminho com o texto do Creio e sobre ele está escrito: “*Teneat doctrinam sanctam*”. Em frente a esse, na parede esquerda, encontra-se o anjo que traz na frente o sinal da Cruz. A inscrição diz: “*Signum sanctae crucis in fronte non delebitur.*”

O terceiro anjo, na parede à direita, segura nas mãos a tocha da Fé que se entrega durante o rito batismal “*Accipe lampadam ardentem*”, diz a inscrição. Em frente, na parede à esquerda, encontra-se o anjo que oferece a veste branca: “*Accipe vestem candidam.*”

Nas paredes do batistério, por meio do afresco central e do lateral com as seis figuras angélicas, temos uma verdadeira catequese sobre esse sacramento.”(p. 144-146).

Irmã Luigia Maldifassi, uma das suas primeiras filhas espirituais, registra em uma *Biografia* inédita de Luigi Biraghi : “A linda data do seu batismo, como conhecemos através de numerosos manuscritos conservados, era lembrada com muita veneração e comemorada com piedosos atos religiosos e de caridade. Biraghi procurava inculcar essa atitude em todos aqueles que eram confiados aos seus cuidados espirituais (em Positio, p. 1256).



A *Regra* por ele redigida para as Irmãs Marcelinas permitia a participação extraordinária na Eucaristia, cuja frequência normal era quinzenal, no dia do próprio Batismo” (p. 30).

PARA UM MOMENTO DE REFLEXÃO

Único, irrepetível é o chamado à santidade que o sacramento do Batismo nos infunde. Voltados para a fonte batismal rezemos as palavras da bênção da água que o celebrante pronuncia na fórmula litúrgica do sacramento.

“Ó Deus, por meio dos sinais sacramentais, tu operas com invisível poder as maravilhas da salvação e, de muitos modos, através dos tempos, preparaste a água, tua criatura, para ser sinal do Batismo. Desde as origens, o teu Santo Espírito pairava sobre as águas para que guardassem em si a força de santificar; no dilúvio prefiguraste o batismo para que hoje, como então, a água assinalasse o fim do pecado e o início de uma vida nova. Tu libertaste da escravidão os filhos de Abraão fazendo-os passar ilesos através do Mar Vermelho para que fossem imagem do futuro povo de batizados. Enfim, na plenitude dos tempos, o teu Filho, batizado nas águas do Jordão, foi consagrado pelo Espírito Santo. Levantado na Cruz, Ele derramou de seu lado sangue e água e, depois da sua ressurreição, ordenou aos seus discípulos: “Ide, anunciai o Evangelho a todos os povos, e batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.

Através do batismo nos tornamos novos. A veste branca que recebemos significa a identidade de filhos de Deus. Como no Gênesis, os primeiros pais, depois do pecado, foram revestidos por Deus com nova roupagem (3, 21) e nova dignidade, assim também nós nos revestimos de Cristo (cf. Gal 3, 27).

O Rito pede ao sacerdote que faça esta oração (n. 72): “Esta veste branca seja sinal de vossa nova dignidade, ajudados pelas palavras e pelos exemplos dos vossos pais, levai-a sem mancha até à vida eterna”.

Repitamos dentro de nós como uma ladainha as palavras do salmo (30, 12): “Mudaste meu lamento numa dança, minha veste de saco em vestimenta de alegria”.

CERNUSCO

A CIDADE DO CORAÇÃO

A família Biraghi, por volta do ano 1803, transferiu-se para Cernusco Asinário, hoje Cernusco sul Naviglio, a poucos quilômetros de Vignate, onde haviam comprado um imóvel.

O próprio Luigi, no *Epitáfio romano sobre uma urna descoberta em Cernusco Asinario* (in *Positio*, p.13, n. 31), descreve o lugar que sempre lhe será caro, como um centro agrícola às margens do Naviglio Martesana, importante ponto de comunicação com a próxima Milão, onde os nobres da cidade costumavam construir suas casas de campo.

[...] é um centro habitacional dos mais distintos do território milanês. Com quatro mil habitantes, em terreno muito fértil, com videiras e amoreiras, desenvolve um florescente comércio de sedas, vinhos e aguardente. Famosos são seus jardins, cuja arte compete com a riqueza. Cercado por pequenos lagos, colinas e grutas, apresenta uma vista belíssima. Mais de dez palácios e mansões mereceriam ser lembrados. [...] Cernusco deve atribuir essas mansões a vinda de tantos senhores para veraneio, à sua proximidade com Milão, à boa qualidade de vida que oferece, ao ar saudável e à temperatura agradável.

Cernusco permanecerá sempre em seu coração: “se não foi o berço, foi certamente o ambiente no qual viveu seus primeiros anos e passou sua adolescência. Tanto ele como os seus sempre consideraram Cernusco como sua pátria e residência da família”, escreve Irmã Luigia Maldifassi, sua primeira biógrafa, na *Positio*, p.1256). Ali, padre recém ordenado, celebrou sua primeira missa. Ali se aprofundaram as raízes da sua fundação religiosa, o Instituto das Irmãs Marcellinas.

COMO CHEGAR

De Vignate, dirigindo-se para Milão, à altura de Pioltello, pode-se entrar à direita na estrada que conduz diretamente a Cernusco (mapa p.13).

O SÍTIO “CASTELLANA”



Castellana é o nome da moradia dos Biraghi, adquirida por volta de 1803, em Cernusco. Hoje, habitada pelos descendentes. Chega-se facilmente a ela seguindo um trecho da estrada que ladeia o cemitério até na rua do mesmo nome, à esquerda. Para o jovem Luiz, esse foi o lugar da infância e da meninice, ali permanecendo até 1809 quando partiu para estudar no Colégio Cavalleri de Parabiago.

Durante toda a sua vida sempre voltou à Castellana, sobretudo ao aposento a ele reservado pela família ao qual chama de “cela” em algumas de suas cartas. Hoje, após a reforma da casa, é difícil identificar o lugar escolhido por Biraghi, não somente como espaço físico, mas também como dimensão espiritual: cela “dulcíssima”, como repetidas vezes encontramos

em seus escritos, voltar à casa é momento “alegre”, “sereno”, “feliz”, capaz de renovar “a alma” (cf. *Cartas às suas filhas espirituais*, números:139; 245; 246; 276; 303; 305 etc.). Cella é o aposento da Castellana, cela é o quarto do seminário em Milão, cela é a casa de retiro espiritual em Rho: “Encontro-me aqui eu e Deus, minha alma e Jesus Cristo, cela e paraíso, e o mundo lá fora” (*Carta...*, 7 de julho de 1840).

Ultrapassando o portão de entrada, a casa de dois andares desenvolve-se em largura no ritmo uniforme das janelas retilíneas, ressaltadas pela característica barroca dos arcos, sob um alpendre de ferro batido com linhas sinuosas. Sobre o telhado, um sino destinado a marcar com seus toques as horas do trabalho no campo. Pelo corredor principal, chega-se à parte interna que se abre para um amplo jardim com vista para os campos, reproduzindo uma igual estrutura arquitetônica. À direita, um alpendre com arcos coberto por um telhado inclinado, usado, no tempo do Biraghi, como estábulo e espaço para trabalhar a amoreira típica desse lugar..

A Castellana conserva a disposição dos lugares conforme as características peculiares das “Vilas” dos séculos XVII e XVIII: salas com painéis pintados no teto, lareiras e móveis da época, como a estante de livros e a grande mesa da sala de jantar que foi utilizada no dia em que Pe. Luiz celebrou sua primeira missa no oratório contíguo de Santa Teresa.



Como foi querido por Biraghi esse lugar, fonte de serenidade e rico de afetos, testemunham algumas cartas da correspondência enviada por ele a Marina Videmari, sua filha espiritual e depois colaboradora na fundação das Irmãs Marcelinas. Nele respira-se a transparência do ambiente fami-



liar, lugar acolhedor de encontro entre amigos e parentes onde a carruagem (chamada de “lenho”) está sempre à disposição para o serviço; ponto de referência habitual para viver horas de paz junto aos amigos e lugar ideal



para celebrar eventos mais íntimos, como o de 15 de outubro, festa de Santa Teresa, à qual era dedicado o pequeno oratório.

20 de fevereiro de 1850

[...] vou enviar o “lenho” da Castellana, para que possa vir facilmente a Cernusco.

10 de outubro de 1852

Quinta feira estarei com todos os padres na Castellana para almoçar, e na sexta feira de manhã (S. Teresa) para celebrar.

(carta sem data, n° 993)

Fui informado de que amanhã, sendo o primeiro domingo, os sobrinhos virão à Castellana.

(carta sem data, n° 994)

Se Carlino Prina e Peppino Gargantini querem vir aqui para caçar aves e para pescar será oportuno que o façam na segunda ou na terça feira. É bom que venham amanhã à noite ou segunda feira pela manhã. Se o senhor cômego quiser oferecer um pouco de lazer ao Pe. Clemente, poderia vir visitar Cernusco e almoçar comigo na Castellana, onde comeremos polenta com passarinho. O dia oportuno seria terça ou quarta.

17 de junho de 1853

Ontem ao meio dia, fui à Castellana e dei uma volta pelos campos e pelo casario, encontrei belíssimos bichos da seda, rica vegetação, trigo amadurecendo .

16 de outubro de 1854

Com santa alegria fizemos uma pequena festa a Santa Teresa e tudo correu bem.

A Castellana representava tudo isso para o Biraghi, mas também o lugar do retiro, da oração, do estudo do qual permanece fiel testemunho a sua biblioteca, embora muitos de seus livros tenham sido retirados mais tarde.



Quantas vezes, – observa Ferragatta na biografia (p. 18) – em suas cartas, ele mencionou com saudade essa casa dos seus antepassados. Quantas vezes aí retornou com secreta alegria, quase sentindo a paz que de lá emana. Significativo é o cabeçalho de uma de suas cartas: “Da minha cela na Castellana”. Ali rezou, estudou, se preparou para o grande futuro, para ali voltou muitas vezes como

ao porto amado; ali, imerso em grande silêncio, diante da grandiosa e tranquila natureza, sentiu o convite para uma intimidade cada vez mais profunda com Deus.

O ORATÓRIO DE SANTA TERESA



O lado oriental do pórtico liga o edifício da Castellana com a sacristia do contíguo oratório de Santa Teresa de propriedade das Irmãs Marcelinas.

Nessa igrejinha, Pe. Luiz celebrou sua primeira missa em 29 de maio de 1825. Uma placa comemorativa, colocada na parede interna à direita, lembra esse evento após cinquenta anos da morte de Biraghi: “Esta devota igrejinha junto a sua casa paterna, recorda o fervor dos trabalhos campestres”. O evento é lembrado também por Monsenhor Luiz Talamoni, revisor da Biografia de Luiz Biraghi, escrita por Irmã Luigia Maldifassi no fim do século XIX. “A sua

primeira missa foi celebrada no oratório da família, a Castellana, participada pelo abade Cesar Rovida do qual ainda se tem memória entre nós pelos seus últimos escritos e por sua vida exemplar. As belas festas religiosas e familiares duraram três dias para a grande alegria de todos os conhecidos que nutriam as mais belas esperanças em seu futuro” (*Positio*, p. 1257, n. 13).

Esse precioso documento, inédito, representa cronologicamente a primeira biografia de Biraghi (1892 aproximadamente), escrita por pessoas que o conheceram pessoalmente.



Já nos anos 80 do século precedente, o belo volume de Simonetta Coppa e Elisabetta Ferrario sobre Cernusco descrevia com pormenores esse edifício da segunda metade de 1600, mencionando os trabalhos de restauração daquele tempo (p. 127 - 128):

O pequeno edifício religioso, apesar da deterioração sofrida no passado, (embora recentemente as atuais proprietárias o tenham restaurado, por ocasião das celebrações no primeiro centenário da morte de Monsenhor Biraghi), conserva alguns caracteres próprios dos oratórios particulares da idade barroca na Lombardia. Corresponde a uma tipologia largamente difusa: a forma simplificada da fachada, tendo no alto um frontão triangular, no qual percebe-se uma busca de vibrações claro-escuras através do movimento leve das molduras.

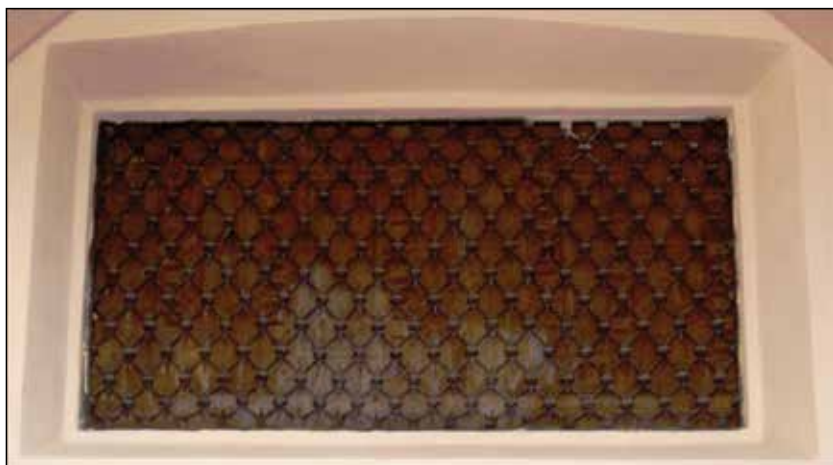
Um projeto de obras, realizado no decorrer do ano 2005, reestruturou novamente o oratório que, dessa vez, foi significativamente restaurado, mantendo a forma originária. A inauguração aconteceu em 28 de maio, por ocasião do 180º aniversário da primeira missa de Monsenhor Biraghi. Buscando as chaves com as Irmãs Marcelinas de Cernusco, é possível visitar o minúsculo lugar de culto. A sobriedade do edifício sagrado é percebida em sua simplicidade: paredes laterais lisas conforme os cânones arquitetônicos



ditados por São Carlos Borromeu para os oratórios da Lombardia entre os séculos XVI e XVII. A planta, de forma retangular, apresenta só uma nave, fechada ao fundo e um único altar.

A ala retangular – continua a descrição de 1980 – é coberta por um teto abobadado, pintado com desenhos florais. Na parede esquerda do presbitério, que possui o teto em abóbada, abre-se uma janela interna, acima da sacristia, (fechada por uma grade de madeira), pela qual os proprietários podiam assistir a missa sem se misturar com o público. (op. cit., p. 128).

Esse tipo de cobertura de madeira era mais frequente nas mansões do que nos edifícios religiosos pois representava uma continuação ideal do edifício contíguo destinado a moradia. Hoje, ela não existe mais, foi substituída por “caixotões” mais sóbrios, lembrando o forro precedente que fora muito danificado. Na parede esquerda, permanece visível a janela com a grade.



Ao lado do altar, dois nichos com relicários do século XVIII, em madeira dourada, dos mártires Sisínio e Inocência. No centro, uma tela do século XVII, de grandes dimensões (211x150 cm), que representa o *Êxtase de Santa Teresa*, embeleza o altar. O desconhecido pintor lombardo do século XVII parece ser Francisco Cairo, embora a obra não apresente qualidade à

altura desse autor. Não se pode afirmar com certeza a autoria dessa tela em parte deteriorada. Pode-se dizer que a característica curvilínea das figuras que envolvem a santa ajoelhada diante de Nossa Senhora com o Menino lembra Cerano. (*Giovanni Battista Crespi, il Cerano, 1575-1633*)



O recente trabalho de restauração deparou-se com um estado de conservação “muito precário” dessa pintura de “boa qualidade”, assim descrito no relatório dos trabalhos: “A pintura representa Santa Teresa D’Ávila recebendo o Rosário das mãos de Nossa Senhora e do Menino. As três figuras são colocadas em linha diagonal. Nossa Senhora está sentada entre as nuvens com o menino nos braços, Santa Teresa, ajoelhada aos seus pés, inclina a cabeça para receber o Rosário e tem o olhar voltado para a cruz. Em volta das três figuras, há nuvens, em parte repintadas, que deixam entrever pares de anjos em festa”. A restauração deu melhor visibilidade às figuras deterioradas, removendo as repinturas e as superposições, trazendo à luz partes da policromia original. Para “conciliar as partes legíveis com outras impossíveis de serem decifradas”, foram realizados retoque “a verniz em

traços maiores e menores”, retoques “curtos e precisos nas partes onde as falhas de policromia o permitiam e mais longos onde a função era atenuar a passagem para as partes de total ausência de policromia, utilizando também rejunte neutro”.



PARA UM MOMENTO DE REFLEXÃO

Permaneçamos um momento em oração diante do quadro de Santa Teresa de Ávila, como Biraghi certamente o fez, muitas vezes. Essa Santa, que lhe foi tão querida e familiar, foi-lhe inspiradora de profundos pensamentos; meditemos sobre aqueles que nos chegaram através de suas cartas dirigidas a Marina Videmari. Na primeira, abaixo reproduzida, escrita por Biraghi no dia 14 de março de 1839, a figura de Teresa encontra-se inserida em uma reflexão quaresmal como modelo cristão de aceitação do sofrimento vivido com amor. Observemos a doce expressão da Santa no ato de receber o terço das mãos do Menino e o crucifixo das mãos de Maria que parece apresentá-lo para que o beije.



Querida filha, nestes dias, tenha sempre diante de seus olhos Jesus Cristo traído pelos seus, abandonado por todos, cheio de tédio, de tristeza, de medo. Ajoelha-se, lança-se com o rosto em terra, reza, grita, chora, dizendo: Ó meu Pai, devo mesmo beber este cálice? Se for possível evitá-lo... Mas, não, Pai, não se faça a minha vontade, mas a tua. Eis que está amarrado como um assassino, contemple-o durante toda aquela noite. Cospem-lhe no rosto, açoitam-no, empurram-no, zombam dele. E Ele qual manso cordeirinho não se irrita, não responde, mas sofre contente. Considere-o na flagelação e nos outros padecimentos, mas, sobretudo, na cruz. Diante de Jesus que tanto padece, que tanto é ultrajado, você se recusará a padecer aquelas poucas aflições que Ele lhe envia? Quantas provações o Senhor mandou a Santa Teresa em suas fundações! Quantas contradições, quantas críticas. E ela, com o olhar fixo em Jesus e escondida no seu coração, não se importava com as cruces, alegrando-se quanto mais padecia. Assim também nós devemos fazer.

Se Jesus nos manda tribulações, amarguras, incômodos é sinal de que nos ama, nos agracia, nos quer bem. No momento, a cruz é amarga, depois tornar-se-á doce como o mel. Agora não vemos o porquê de certos acontecimentos, de certas disposições de Deus, mas depois o veremos, e bendiremos o Senhor e nos encheremos de admiração considerando as suas grandes misericórdias. Veja, o Senhor é bom e cheio de ternura para conosco, Ele estima quem o serve e quem o ama. E, se tanto nos amou enquanto nós o ofendíamos, quanto mais nos amará agora que o servimos. Que bondade de Deus o ter-nos chamado ao seu serviço e garantido um reino no céu.

Ó minha filha, ainda que servir ao Senhor nos custasse lágrimas, feridas e aflições de morte, deveríamos servi-lo, pois Ele o merece. Mas não, o Senhor nos reserva muitas alegrias também nesta terra e sua graça e amizade superam qualquer outro bem.

Tenha diante dos olhos também a Virgem Mãe das Dores. Pobre Mãe! Quantas penas, quantas inquietudes, quantas ansiedades, quantas cruces! Mas como foi a

Rainha das Dores, assim também agora é a Rainha das Alegrias e das Glórias. Alegre-se sempre em Jesus e em Maria e diga sempre: seja feita a vontade de Deus, a Deus seja a glória!.

Numa outra carta, datada de 22 de maio de 1840, as fadigas do dia a dia são confiadas ao espírito mariano. À luz das palavras do Magnificat, a pequenez da criatura é entregue à misericórdia de Deus que opera grandes coisas. Teresa se entrega a Jesus, esvazia-se de si (cf. Fil 2,7) para se tornar Teresa de Jesus."

E você como está passando? O que o Senhor diz ao seu coração? Vamos, prossigamos com coragem, e o Senhor estará sempre conosco.

Tivemos alguma tribulação, mas, meu Deus! O que são as nossas em comparação com as que tiveram os santos, em comparação com os imensos padecimentos que Jesus Cristo sofreu para fundar a sua Igreja? Era obra do Senhor, logo, deveria ser provada no fogo, como o ouro. São justamente as provações a prova de que era obra de Deus. Não podemos duvidar: a nos cabe agora conservarmos-nos gratos ao Senhor pelo imenso benefício recebido e conservarmos-nos fieis à vocação com que Ele nos honrou. Foi Ele, o Senhor, que nos escolheu para a sua obra, escolheu a nós gente incapaz, má, ignorante, inútil, para que se tornasse evidente que tudo foi obra dele e não nossa.

Ó caríssima filha! Quem sou eu? Quem é você? Quem são suas companheiras? Todos somos pó, cinza, pecado e miséria. Amemos, portanto, o Senhor que nos tratou com tanta misericórdia e digamos muitas vezes, com Nossa Senhora: "Fecit mihi magna qui potens est. Et misericordia eius super timentes eum." Nós agora somos todos consagrados ao Senhor que tomou posse dessa casa, e, por isso, nossos corpos e nossas almas devem ser inteiramente dele. Do Senhor seja o nosso coração, por isso deixemos todo afeto a parentes, amigos, a nós mesmos e não tenhamos apego senão ao Senhor. Do Senhor sejam os nossos olhos, e não olhem senão a Ele e só a Ele achem belo; do Senhor seja a nossa língua e só a Ele queira saborear, só goste de falar dEle, atraia todos a Ele e se acostu-

me ao silêncio por Ele; do Senhor seja a nossa mente, que O contemple continuamente e permaneça recolhida com Ele. Vivo eu, mas não mais eu, vive em mim Jesus Cristo, dizia São Paulo. Quem sou eu? Dizia Santa Teresa, sou Teresa de Jesus.

O SANTUÁRIO DE SANTA MARIA

Cernusco é a cidade do coração também por um outro motivo. Às margens do Naviglio, que a atravessa, está o Santuário de Sta. Maria, lugar de fé e de oração muito amado e frequentado por séculos pelos cernusquenses (Para a descrição do Santuário vejam: Tamara Gianni, A “*Addolorata*”, (pp. 4-14).



Nessa igrejinha em funcionamento até hoje, e diante da imagem de Nossa Senhora das Dores, colocada no nicho do altar, Biraghi, já na maturidade do sacerdócio, imensamente desejoso de servir a humanidade através da Igreja, teve a inspiração de fundar uma congregação que se dedicasse à educação cristã da mulher, as Irmãs Marcelinas.

Esse momento de outubro de 1837 voltará à sua memória quando, já idoso, encontrava-se em oração diante de Nossa Senhora das Dores do Santuário dos padres de Rho onde tinha ido para fazer os santos exercícios. Em uma carta de 18 de novembro de 1875 deixa marcada para sempre essa lembrança:



“E contemplando essa imagem, essa poderosa Virgem das Dores, lembrei-me da imagem dolorosa de Santa Maria de Cernusco e daquele dia, daquela hora, em outubro de 1837, daquele final de mês, quando diante dela rezei e fui impelido a decidir-me pela fundação de nossa querida Congregação”.

No dia 22 de setembro de 1838, foi aberto o primeiro colégio das Irmãs Marcelinas, sob a direção de Irmã Marina Videmari, filha espiritual de Biraghi, na casa de aluguel de propriedade da família Vittadini, hoje demolida, situada na praça da igreja paroquial. O colégio com prédio próprio começou a funcionar em 1839 e, em 1987, foi reestruturado e ampliado como Casa de Saúde Assistencial.





ITINERÁRIOS MILANESES

Deixando definitivamente, em 1813, a chácara Castellana em Cernusco, para um período de formação sacerdotal, Biraghi viverá e atuará principalmente em Milão. Tentaremos acompanhá-lo em seus percursos na cidade e não teremos apenas uma idéia de sua atividade, mas perceberemos, também, aspectos predominantes da sua personalidade.

Inicialmente o encontramos no seminário como formador dos jovens aspirantes ao sacerdócio, numa época cheia de turbulências que conduzirá ao “1848”. Está envolvido em gerir suas aspirações de independência, culminando nas históricas Cinco Jornadas.

Homem de estudos, ei-lo redator de jornais e escritor de ensaios de vários gêneros. Nomeado doutor da Biblioteca Ambrosiana, frequenta círculos culturais onde conhece e colabora com pessoas influentes da burguesia e da nobreza, como os condes Tiago Mellério e Paulo Taverna, que se tornaram, sucessivamente, os “protetores leigos” de sua Instituição, ou seja, tutores legais de uma Congregação Religiosa, segundo as exigências do governo austríaco.

Voltado para a sociedade do futuro, preocupa-se com a formação das jovens, as mulheres do amanhã. Para elas, abre, inicialmente, nos arredores de Milão e, depois, no centro da cidade, alguns colégios aptos para a formação cultural e espiritual, conduzidos por métodos educativos inovadores.

Homem de grande equilíbrio, atento aos revezes políticos e sociais do seu tempo e às suas consequências também para a Igreja, mas alheio à qualquer facção. Por isso recebeu do Papa a missão de dissolver as tensões surgidas entre clero milanês, nesse o período de formação da unidade da Itália, que se caracterizava pela queda do poder temporal da Igreja.

Amante da arqueologia, é protagonista de interessantes descobertas na cidade do patrono Santo Ambrósio, do qual descobriu as relíquias. Mas, nem por isso, deve ser considerado homem do passado, porque seu coração e sua mente sempre estiveram voltados para o futuro: “Coragem e grande atenção para progredir sempre”(Cartas, 13 de fevereiro 1854).

MILÃO NO TEMPO DE BIRAGHI

A história da Milão biraghiana coincide com a história liberal do ressurgimento oitocentista.

Já terminara a aventura napoleônica. O Congresso de Viena, concluído em 1815, depois de definir a divisão européia, demarcou um território, o Lombardo-Veneto, submisso à autoridade austríaca. Milão se fez porta voz do descontentamento gerado e criou uma oposição alimentada pela burguesia e pela nobreza liberal. São os tempos do *Conciliador*, o periódico literário que foi porta voz do primeiro romantismo lombardo, das sociedades secretas, como a *Carboneria*, e de figuras que deixaram seus nomes na história, como Silvio Pellico. Difundida também entre as classes populares, a *Jovem Itália de Manzini*.

Essa atividade conspiradora terá seu cume nas Cinco Jornadas de 1848, com o afastamento dos Austríacos por um breve período. Voltando a Milão, depois de poucos meses, implantaram uma dura repressão. Biraghi também sofrerá as consequências: em 1849, será exonerado do ofício de diretor

esperar pela segunda guerra da independência para ver o nascimento do Reino da Itália (1861), sob o governo da monarquia dos Sabóia.

O arcebispo de Milão neste período era Carlo Bartolomeo Romilli (1847-1859), do qual Biraghi sempre foi amigo e grande colaborador. Romilli fez sua entrada solene no dia 05 de setembro de 1847 e foi acolhido com entusiasmo pela cidade que preparava a iminente insurreição. Designado depois do alemão Gaisruck, o arcebispo italiano só podia suscitar o entusiasmo do povo. A aclamação da multidão, que pronunciava o seu nome junto ao nome de Pio IX, em ato de manifesta provocação, causará violentos confrontos.

Entretanto, no tempo da dominação austríaca, “Milão e a Lombardia, em geral, atravessavam um período de prosperidade e de crescimento econômico – escreve Franco Fava, na sua *História de Milão* – grande desenvolvimento tiveram as indústrias têxteis que também eram favorecidas pela crescente demanda de seda por parte dos mercados estrangeiros, com a aplicação do vapor como força motora e a introdução maciça das máquinas; surgiam em toda parte novas indústrias metalúrgicas e mecânicas, fábricas de produtos químicos e farmacêuticos, de moveis. [...] Milão já se tornara a incontestável capital cultural italiana. No centro do seu fervido mundo literário primava Alexandre Manzoni, seguido por Tomé Grossi, Máximo d’Azeglio, Cesar Cantú e Carlos Cattaneo.





[...] Mas, foram também os anos de intensa renovação da construção civil: foram transformadas e alargadas muitas ruas, entre as quais a célebre Corsia dei Servi (outrora Francesco, agora Corso Vittorio Emanuele II), as ruas Giardino (agora Manzoni) e Monte Napoleone. Em 29 de setembro de 1832, foi inaugurada a Galleria De Cristoforis, da estrada do Monte ao corso Francesco, na qual foram abertas setenta elegantes lojas.

Em 1840, foram inaugurados os treze quilômetros da ferrovia Milano – Monza; em 1841, apareceram os primeiros ônibus; em 1845, a população pode assistir extasiada ao primeiro ensaio de iluminação à gás”(pp. 119-120).



Nessa Milão industrial, mas também capital cultural, no contexto sócio-político daqueles anos, Biraghi terá seu papel como protagonista, batalhando entre as facções do clero ambrosiano, dividido entre liberais e intransigentes, e buscando levar a paz a sua diocese, tanto amada quanto atribulada.

A VOCAÇÃO SACERDOTAL

Em 1813, aos doze anos, Luigi deixa a Castellana. O desejo de vestir o hábito sacerdotal se faz imperioso dentro dele. Depois do período de formação, transcorrido nos seminários de Castello sopra Lecco e de Monza, entra no seminário de Milão em 1821. Receberá as ordens menores numa das capelas do palácio arquiepiscopal e, em seguida, será ordenado sacerdote no Duomo de Milão.

Nosso itinerário biográfico nos conduz, portanto, ao Seminário maior de Milão, hoje situado no centro da cidade, na Corso Venezia, nº 11, facilmente alcançável pela linha metropolitana vermelha (M1), estação Santa Babila. O edifício encontra-se no interior dessa ampla via que possui palácios de grande importância. Na Milão da dominação austriaca, essa via fazia a ligação com Viena e o centro da vida mundana.

Ali perto, distante apenas de uma estação da metropolitana, levanta-se a Catedral; pode-se alcançá-la a pé, percorrendo o breve trecho entre rua Venezia e a Praça Santa Babila, e ali entrando na rua Vittorio Emanuele II.

O palácio arquiepiscopal encontra-se à direita da Catedral.



O SEMINÁRIO MAIOR



O seminário de Milão foi aberto por São Carlos Borromeo em 1565. O lema “Humilitas” e o brasão com o chapéu cardinalício lembram o ilustre eclesiástico lombardo. O complexo em estilo barroco foi iniciado por Vincenzo Seregni e concluído por Pellegrino Tibaldi, denominado Pellegrini (1527-1596), que na época da contra-reforma foi nomeado arquiteto da cidade.

O portal da entrada é de Francesco Maria Richino (1584-1658), um grande artista dos anos Seiscentos milanês. Duas cariátidas ornam o portal, a Esperança e a Caridade, e introduzem a uma peristilo formado por uma dupla fileira de galerias em estilo dórico e iônico, circundando o quadrado do pátio interno com 152 colunas aclopadas e arquivadas. O projeto é de Aurélio Trezzi e a realização de Fabio Mangone. Entrando, podemos parar no pátio de onde se pode observar a estrutura arquitetônica do edifício.

BIRAGHI DIRETOR ESPIRITUAL

Biraghi concluiu a sua preparação ao Sacerdócio no Seminário de Milão e aí retornou como diretor espiritual em 1833, permanecendo no cargo até 1848, depois foi professor até 1854. Os quinze anos em que desenvolveu a missão de “diretor espiritual no seminário teológico de Milão são de fundamental importância para conhecê-lo na plenitude de sua maturidade espiritual e no fervor do seu ministério sacerdotal, caracterizado por uma atividade intensa e diversificada que teria repercussão depois na própria vida da Diocese ambrosiana” (*Positio*, p. 105).



Dedicou-se à educação dos clérigos que lhe foram confiados para que os formasse segundo os valores humanos e cristãos, de forma que estivessem preparados para viver frutuosamente a missão apostólica. O perfil da sua pregação era bem pedagógico, não abstrato, mas encarnado na vida dos seminaristas. A eles dirigia-se sempre por meio de exemplificações salientando circunstâncias e apresentando santos, como modelo, mostrando o sacerdócio como “um estado de graça, que supera todo entendimento humano. Forte por sentir-se eleito por Deus para estabelecer o seu Reino no mundo, o sacerdote deve ir pelo mundo sem temor, confiante na vitória que é sempre a de Cristo” (*Positio* p. 111).

O Cardeal Giovanni Colombo apresenta Biraghi num discurso comemorativo em outubro de 1979, relatado em “*Conoscerci*”, o periódico do Instituto Internacional das Irmãs de Santa Marcelina, colocando em destaque a espiritualidade e as intuições educativas nos encontros com os seminaristas durante o período de formação (pp. 40-41):

Quanto à espiritualidade, na qual educava os seminaristas, não se inspirou somente na doutrina de uma determinada escola, como a inaciana, dominante por longa tradição nos seminários milaneses. Orientava-os para que lessem Santo Ambrósio e Santo Agostinho, e buscassem também São Bento, São Bernardo e São Francisco de Sales. Alertava muitas vezes os seminaristas sobre duas coisas. A primeira: “Um padre desde o dia de sua ordenação deve dedicar-se a Deus completamente, em perpétuo”. A segunda: Um Padre deve tornar-se apto para fazer Jesus Cristo amado por todos.” [...] Outra característica da sua capacidade formativa era entusiasmar os seminaristas para o ideal missionário. Surgia então em Milão o Instituto das Missões Estrangeiras e para elas orientou muitos dos seus melhores jovens. Tinha a convicção de que cada vocação missionária elevava a intensidade espiritual de quantos permaneciam trabalhando no ministério diocesano.

Falando do espírito missionário, encontramos entre os seus discípulos o Pe. Giuseppe Marinoni. Marinoni, que teve Biraghi por diretor espiritual, foi reitor do Instituto das Missões Estrangeiras, fundado em Milão em 1850. Dele permanecem 14 cartas autógrafas endereçadas a Biraghi, como testemunho da colaboração entre eles que partilhavam o mesmo ideal missionário.

À missão, consagrou a sua vida outro discípulo de Biraghi, Pe. Giovanni Mazzucconi de Lecco, missionário do PIME, martirizado na Oceania. “A Biraghi, que conheceu profundamente a família Mazzucconi, tendo entre seus clérigos o irmão mais velho do Beato, Giuseppe, que depois se tornou barnabita, e entre as Marcelinas, a irmã dele, Paola, Giovanni Mazzucconi mostrou sua estima e afeto a Biraghi lembrando-o em suas cartas escritas na Oceania” (*Positio* p. 934). Elevado à glória da beatificação a nove de fevereiro de 1984, o primeiro sacerdote milanês beatificado depois de São Carlo Borromeo nos protege do alto do Duomo, onde foi colocada sua imagem.



Sempre vivamente interessado pelas obras missionárias, num inflama-
do desejo apostólico, em 1843, o próprio Biraghi pensara em fundar um
instituto de padres dedicados à pregação na cidade, mas foi obrigado, com
muito pesar, a abandonar o seu projeto, por não ter encontrado apoio no
Arcebispo de Milão. Docilmente nunca mais falou desse seu desejo.

Com estas palavras, o cardeal Colombo encerra seu discurso sobre Bi-
raghi (p. 41):

*Podemos concluir esse aceno à sua função de formador
do clero milanês, voltando ao ponto de partida: o amor
por Jesus. Ele escreve numa carta: “Servos de Jesus, de-
vemos viver e morrer por Jesus; devemos nos amar, nos
corrigir, nos admoestar para que possamos cumprir nos-
sos deveres para com ele que se identificou com os seus
irmãos especialmente os pobres e humildes”.*

A figura de padre apresentada por Biraghi a seus clérigos era aquela da
fiel testemunha de Cristo, continuador da missão apostólica e, portanto,
perito na ciência de Deus, mas também profundo conhecedor do homem.

Tudo isso transparece no seu *Catechismus ordinandorum*, um pequeno
manual escrito em 1837 a pedido do cardeal Gaisruck e destinado aos can-
didatos ao sacerdócio, cuja finalidade é alcançar, buscando diretamente da
imitação de Cristo, a santidade da vida alimentada pela oração contínua. O
texto que vigorou nos seminários até 1901, alimenta-se nas fontes da lita-
rgia e da patrística, privilegiando a dimensão teológico-espiritual.

PARA UM MOMENTO DE REFLEXÃO

A espiritualidade de Biraghi era vivamente orientada para “a ciência que busca sempre a Deus e a Ele só”. A afirmação é tirada da oração fúnebre de Pe. Giuseppe Pozzi, que traça um perfil rico em pormenores biográficos, que pode ser considerado pelos estudiosos como uma sua primeira biografia (em *Positio* p. 1138):

[...] eis um exímio Professor de ciências humanas, revestido por respeitável autoridade para ser mestre de almas, Diretor espiritual do nosso seminário teológico. Tremenda responsabilidade! De fato, a santidade do povo, se é fruto precioso da graça, depende também, em grande parte, da santidade dos sacerdotes que devem instruir e preceder com seu exemplo, e esta é obra de quem forma o coração e a mente dos jovens levitas na idade mais difícil das lutas morais. Portanto, é necessário que seu orientador espiritual seja um homem que tenha alcançado alta perfeição, conheça todos os caminhos do coração e possua em alto grau a ciência de Deus. Ora desde aquele momento em que Mons Biraghi, extremamente humilde e confiante em Deus, inclinava obediente sua cabeça ao grave peso, não teve outro pensamento a não ser o de adquirir aquela ciência que sempre busca Deus e a Ele somente procura.”

A sua espiritualidade possuía uma conotação fortemente cristocêntrica. Escrevia, em 11 de dezembro de 1839, à Videmari: “Nós não devemos nos ocupar senão de Jesus Cristo e do seu reino. Busquemos ter Jesus Cristo diante dos nossos olhos e nenhum distúrbio nos causarão as coisas do mundo.”

Era difícil esquecer seus ensinamentos. Significativo é o testemunho de dois sacerdotes que tiveram Biraghi como diretor no seminário. Pe. Andrea Coppiardi dirige-lhe uma carta, conservada no Arquivo Generalício das Irmãs Marcellinas, na qual o define como “o anjo do bom conselho”. Pe. Alessandro Cavallini, preposto em Lodi e arquipreste do cabido: “Depois de Deus, eu devo à sua caridade a graça da santa vocação. As suas palavras para mim são uma escola, nunca se extinguirão em mim.”

O SEMINÁRIO E AS CINCO JORNADAS



Em Milão, monsenhor Biraghi envolveu-se nos acontecimentos do Resurgimento, partilhando e orientando a paixão patriótica dos jovens seminaristas que educava. Desde 1833, quando o cardeal Carlo Gaetano Gaisruck, o prelado austríaco que ocupou em Milão o cargo de arcebispo por quase três décadas (1818-1846), o designou diretor espiritual dos clérigos do seminário teológico, Biraghi realizou essa empenhativa tarefa educativa durante 15 anos. Em seguida, depois de 1848, vindo a faltar Gaisruck, a situação política atingiu tal nível de tensão que também Biraghi foi envolvido entre os suspeitos aos olhos do governo austríaco. Os Austríacos, entrando novamente em Milão no período da Restauração, aplicaram a repressão também ao clero. Biraghi, do qual se conhecia a posição moderada, não foi imediatamente afastado do seminário onde continuou como professor, mas não mais como diretor espiritual.

Realmente, o seminário da Porta Oriental participou ativamente da insurreição popular das Cinco Jornadas de Milão (18-22 de março de 1848), coisa que não poderia ter acontecido sem certa concordância de ideais por parte dos dirigentes. Nessa situação carregada de tensões, Biraghi sempre conservou a sua linha de prudência.



De fato, as barricadas foram levantadas também diante do seminário de corso Venezia: os clérigos se organizaram [...] “construíram a melhor barricada de Milão; organizaram um eficientíssimo serviço de provisões para os combatentes e de assistência aos feridos; sobretudo, solicitaram a intervenção das populações do campo com o uso de balõezinhos aerostáticos que levavam, para além da linha da resistência austríaca, os boletins do Comitê da defesa e do governo provisório” (*Positio*, p. 209). Foi um recém ordenado, Pe. Antonio Stoppani, lembrado hoje como patriota, cientista e escritor, a idealizar o lançamento dos balões aerostáticos do interior do seminário, para comunicar ao povo do campo a notícia da insurreição no território urbano.



“Muitos clérigos anciãos, que tinham voltado às suas vilas provincianas, guiaram as centúrias dos seus paroquianos em direção à cidade que, com tanta decisão, se rebelava à sufocante dominação estrangeira. Narra-se que, naqueles dias, alguns de seus superiores, arregaçada a batina até à cintura, colaboraram com os alunos no preparo e na animação do povo. Talvez haja exagero nesta reportagem – precisa Portaluppi no *Perfil espiritual de mons. Luigi Biraghi fundador das Marcelinas*, – eco do momento supremamente excitado e fervente de paixão, mas não deixa de ser significativa” (p. 194).

Naqueles dias de tumultos também o seminário foi atingido. No pátio caíram duas bombas, uma delas atingiu o próprio Biraghi, por sorte, sem consequência alguma. É preciso, entretanto, considerar que ele, homem manso de coração, mesmo nas caóticas circunstâncias históricas do momento, nunca perdeu o equilíbrio e “nada fez de extraordinário que extrapolasse o seu papel, manteve-se entre os seus clérigos como um superior equilibrado e compreensivo, no qual pudesse ser encontrada uma referência segura nas exaltadas jornadas de março e na eufórica confusão que acompanhou a retirada dos austríacos de Milão”, (*Positio*, p. 210).

“De 1833 a 1848, foi diretor espiritual do seminário teológico de Milão” – lembra Monsenhor Libero Tresoldi, na homilia de comemoração do centenário da morte de Biraghi – “Foram anos de atividade e fecundidade espiritual excepcionais. Preparou muitos jovens para a ordenação sacerdotal e para o ministério nas várias comunidades paroquiais, e os formou para que fossem uma viva presença nos problemas políticos e sociais do seu tempo, como sacerdote, é claro, mas com uma participação que sabe também enfrentar certos riscos. Não foi por acaso que uma das primeiras barricadas - parece até as mais consistentes – foi levantada diante do seminário de Corso Venezia, durante as cinco jornadas de Milão, em março de 1848”, (p. 25).

Pode-se também deduzir o quanto Biraghi deve ter compartilhado com o movimento insurrecional urbano. Reportando-nos a algumas cartas, entre as poucas conservadas por motivo de prudência, e que depois chegaram até nós, parte das muitas certamente enviadas à Superiora do Colégio das Marcelinas de Vimercate, Irmã Marina Videmari, para mantê-la informada sobre a situação política do momento.

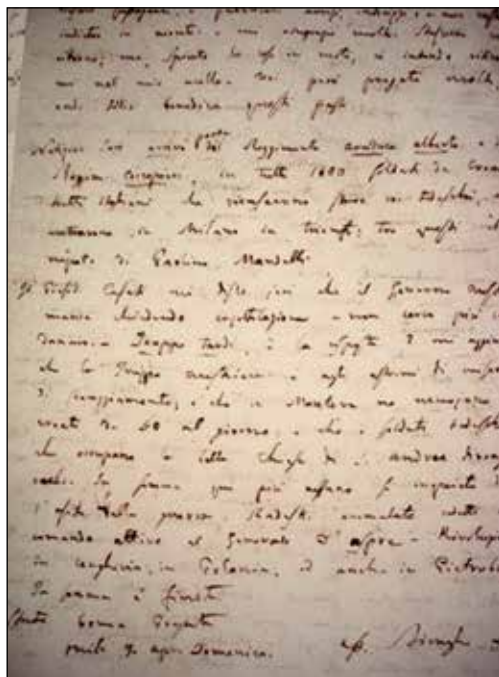
Como exemplo citamos a carta de 6 de fevereiro de 1848, pouco antes das Cinco Jornadas de Milão, que descreve a atmosfera que se criara no Duomo, durante a celebração da missa em ação de graças pela Constituição conseguida no Reino das Duas Sicílias: “Hoje, às 12 horas e 15 minutos,

fui ao Duomo. Estava repleto de senhores assistindo à última Missa em ação de graças pela constituição dada a Napoli. Grande silêncio e grande recolhimento. A praça do Duomo e parte daquela esplanada estava toda cheia de carruagem e de cavalos como em grande parada. Na praça, havia duas longas filas de soldados armados e prontos para... Tudo acabou tranquilamente e com decoro.” E, alguns dias depois, no dia 19 de fevereiro: “Dá-se por certo que está para chegar em Vienna alguma concessão para nós Lombardo Vênetos. Queira Deus! O vice-rei foi caçar no parque de Monza. Quarta feira levarei para vocês o programa da constituição de Nápoles e o motu-proprio do Papa de 10 de fevereiro”. Este último documento continha a famosa invocação – “Ó grande Deus, abençoei a Itália” - que alimentara o equívoco liberal a respeito da figura de Pio IX.

A propósito da partilha dessa situação política, não somente com os seminaristas, mas também com as jovens Marcelinas, escreve Angelo Portaluppi, em “a Martinella di Milano”: “É de não pouco interesse ver como Biraghi confiava suas solitudes também políticas àquele grupo de jovens religiosas e não pensava, em sua profunda experiência espiritual, que elas devessem ser excluídas, ficando alheias à grande atribulação do povo. Quero assinalar, antes, seu propósito de alargar o campo de suas idéias e preocupações. A vida do espírito faz-se mais ativa em contato com esses acontecimentos, e a própria oração perde todo traço de egoísmo para se tornar solicitude para com a Igreja e com todo o mundo dos homens” (p. 679).

Biraghi se preocupava muito que nesse momento de reviravolta política não fossem esquecidas as exigências da Igreja. No dia 9 de abril, após o acontecimento das jornadas, relata a Videmari o encontro que teve com o arcebispo e em seguida com o presidente do governo Gabrio Casati, observando que “enquanto o governo provisório reorganiza com tanta energia as coisas públicas em todos os setores, a Igreja, ou seja, o arcebispo não devia ficar sem ação - coisa que desagradaria aos bons que querem resgatar a liberdade perdida, a nomeação dos bispos, a administração dos bens eclesiásticos, as causas matrimoniais, etc., etc.” (foto a p. 58).

A sede do governo provisório era situada na zona de Porta Nuova no atual palácio Taverna - depois Trivulzio -, descrito por Attilia Lanza e Mari-lea Somarè como um “edifício de 1500, de caráter um pouco mais modesto, mas igualmente encantador com sua entrada com abóbodas e o pequeno pátio com pórticos. Na época das Cinco Jornadas, o proprietário da casa era o conde Carlo Taverna, o qual permitiu que, na noite entre 18 e 19 de março de 1848, o comitê central dos insurgentes, depois Governo Provisório, estabelecesse com segurança a sua sede nos seus aposentos.” (p. 166).



Uma placa, afixada na fachada do palácio, lembra até hoje o evento.

Para chegar ao local, saindo do Seminário volta-se à praça Santa Bábila (mapa p. 47) e dobra-se à direita na via Matteotti, até cruzar com a rua S. Pietro all'Orto. Dali, mantendo-se à direita, segue-se até à altura de rua Bigli,9.

O patriotismo ressurgido podia encontrar no neoguelfismo uma proposta que procurava conciliar as exigências políticas com as exigências da Igreja. Para um padre como o Biraghi, ao mesmo tempo atraído pelos ideais de independência política, mas também firme em querer manter-se fiel à tradição eclesiástica, este período não foi certamente fácil. Ele não era um homem de política no sentido estrito da palavra, expressava a fidelidade à pátria desenvolvendo obras de caridade para com o próximo. Toda sua ação trazia um significado religioso, cujo fim último era a glória de Deus.

O PALÁCIO ARQUIEPISCOPAL



Chegando à praça do Duomo, à direita da Catedral, encontramos um lado do Palácio Arquiepiscopal, cujos sinais do passado são testemunhados por colunas bíforas e janelas quadradas com molduras com decorações em cerâmica terracota. À altura da Praça do Duomo, 16, abre-se um dos dois pátios, de 1600, com vista para as moradias dos Cônegos do Duomo: é formado por dois andares de galerias com arcos.

A entrada ao palácio encontra-se à direita na Praça Fontana, 2. O portal do século XVI é



obra de Pellegrini. A fachada é de Giuseppe Piermarini (1734-1808), grande arquiteto milanês do final de 1700, que contribuiu para fazer da cidade um dos maiores centros do estilo neoclássico italiano, com suas construções elegantes, sóbrias, com racionalismo severo e simplificado, em estrita ligação com a tradição milanesa dos dois séculos precedentes, de Pellegrini e de Richino, que legaram seus nomes a muitas obras urbanas do tempo. A entrada pela praça Fontana dá acesso ao pátio do Arcebispado.

Em uma das capelas do palácio arquiiepiscopal, Biraghi celebrou algumas etapas de sua caminhada sacerdotal: aí recebeu a tonsura, as ordens menores e o subdiaconato. Além disso, numa sala do palácio, houve a primeira reunião da redação do jornal *L' Amico Cattolico*. Biraghi foi, desde o início, um dos diretores, na certeza de desenvolver uma obra educativa por meio desse instrumento de comunicação.





Afirmam que o primeiro encontro dos colaboradores de *L' Amico Catolico*, periódico bimensal fundado em 1841 com o objetivo ambicioso de renovar culturalmente o mundo católico, de formar cristãmente e de evangelizar a sociedade moderna, foi realizado nas dependências do palácio arquiepiscopal. A *Positio* relata que “a primeira reunião dos redatores e colaboradores aconteceu numa sala do arquiepiscopado, na noite de 04 de fevereiro de 1841” (p. 165). O próprio Biraghi, no dia seguinte a essa reunião, informou Videmari, escrevendo: “ontem à noite, numa sala de sua Eminência, foi feita a primeira sessão do jornal, da qual participaram 18 sacerdotes e foram escolhidos os diretores, fui eleito entre eles. Espero que façamos algum bem.” (*Cartas...*, 5 de fevereiro de 1841).

Foi o cardeal Gaisruck, arcebispo de Milão de 1818 a 1846, quem desejou um instrumento formativo como esse periódico que colocava a instrução na base da formação cristã. Inicialmente bimensal, depois semanal, devia informar os milaneses, sem entretanto criar divisão na so-

cidade já bastante perturbada pelas ideologias da moda. O projeto era ambicioso: tratar cada tema cultural sob a visão religiosa, permanecendo alheio às questões políticas.

O primeiro fascículo apresentou um longo prefácio não assinado, mas certamente de autoria de Biraghi pois consta em uma listagem de suas obras. Nesse prefácio foram definidos os conteúdos do jornal:

“Quais serão, então, os assuntos de que trataremos neste jornal? Os dogmas da fé, a moral evangélica e a disciplina eclesiástica terão lugar privilegiado. Argumentar-se-á sobre a boa educação, os estudos verdadeiramente úteis, as piedosas instituições, a beneficência organizada, as tradições e costumes louváveis, os ritos sagrados, especialmente o rito ambrosiano. A filosofia, o amor e a honra dos nossos dias, sublimada para demonstrar, na medida em que é possível à mente humana, a racionalidade das crenças cristãs, não será certamente negligenciada. Daremos a conhecer as obras novas que sejam úteis para a religião e delas ofereceremos ensaios, análises, observações. Publicaremos traduções, resumos ou comentários dos melhores artigos dos jornais estrangeiros que forem oportunos e não deixaremos de trazer à tona as boas produções esquecidas pelo tempo. Muitos encontrarão aqui relatos dos trabalhos apostólicos dos missionários, especialmente dos que se encontram em países de infiéis, e os dedicados cuidados dos pastores nas províncias cristãs. Dar-se-ão a conhecer as alocuções e encíclicas do Sumo Pontífice, as pastorais do nosso Cardeal Arcebispo, e as de outros Bispos nacionais e estrangeiros dirigidas ao povo e merecedoras de especial consideração. E quando for importante ou necessário, serão lembrados os decretos dos concílios provinciais e diocesanos, as decisões da Congregação dos Ritos e da Sagrada Penitência. Em uma palavra, estaremos expondo a respeito das ciências profanas ou sagradas e apresentando as notícias nacionais ou estrangeiras, que possam contribuir para aumento da Fé e para a melhoria dos costumes.

Na Introdução ao volume II das *Cartas às suas filhas espirituais*, de Biraghi, lê-se que “Para todos, clero e boa parte do laicato católico, órgão fundamental de formação e informação era o jornal lançado pelo arcebispo, *L'Amico cattolico*, e cuja redação recaía grandemente sobre Biraghi. Nele nada havia que pudesse despertar a suspeita da polícia austríaca, mesmo quando o professor Pe. Alessandro Pestalozza divulgou por meio dele o pensamento de Rosmini [cf p. 82] e o próprio Biraghi nele saudava as novas instituições religiosas, início promissor da desejada renovação na vida da Igreja milanese”(p. 8).

Neste periódico, Biraghi publicou cerca de quarenta artigos, principalmente de caráter histórico e arqueológico, referentes a Santo Ambrósio e a Igreja Ambrosiana, No final de 1849, foi obrigado a abandonar a direção, por causa de suspeitas de natureza política que caíram sobre a sua pessoa, depois dos fatos do 48 milânês.

O DUOMO



Pe. Luigi Biraghi recebeu do cardeal Gaisruck, no Duomo, o diaconato e a ordenação sacerdotal.

O Duomo de Milão se estende sobre uma superfície tão grande que o torna a terceira igreja do mundo católico. Ocupa o espaço que antes era ocupado por duas igrejas, a antiga Santa Tecla, do IV século, e a igreja de Santa Maria Maior, do IX século, entre as quais se erguia o Batistério de São João das Fontes.

A idéia da construção nasceu no final do XIV século, no tempo de Gian Galeazzo Visconti, com a intenção de enriquecer a cidade com um monumento semelhante aos existentes no centro da Europa. Desse modo, Milão, que já representava um papel importante no comércio europeu, tornava-se também centro de referência cultural, inaugurando a sua catedral no estilo artístico da época: o gótico internacional. Uma selva de pilastras, arcos rampantes, pináculos e muralhas, agulhas que sobem até o ponto mais alto onde domina a Madonina dourada, o revestimento em mármore de



Candoglia, que tinge de cor róseo seu manto branco com listras escuras, e uma multidão silenciosa de estátuas colocadas sobre as agulhas, tornam sua construção incomparável em toda a Itália e fazem dela a oitava maravilha do mundo. Entre essas estátuas, no lado esquerdo do Duomo, desde junho de 1981, está também a de uma Irmã Marcelina, Maria Anna Sala, beatificada em 1980.

O início da construção do Duomo de Milão, nos informa uma placa colocada sobre o primeiro vão da catedral milanese, entrando à direita, foi em 1386. Mas, ainda no Oitocentos o imponente canteiro encontrava-se em atividade. No início do século encontrava-se em acabamento a fachada com os três janelões, e ainda se estava trabalhando nas agulhas. As portas de bronze que substituíram as de madeira, são todas do século XX.

No interior, 52 pilastras ornadas por capitéis que sustentam estátuas de santos. Essas colunas imponentes se



destacam ao longo das cinco naves e querem idealmente indicar a divisão do ano litúrgico em cinco semanas. O ritmo da vida cotidiana é assim marcada pela alternância do tempo festivo e do ferial que representam os dois aspectos de uma única e indivisível realidade: o tempo sagrado.

Grandes janelas coloridas recebem a luz e a reflete em mil matizes. Hoje a iluminação artificial, fruto da moderna tecnologia, procura não perturbar esse antigo equilíbrio natural da luz, mas valorizar as estruturas e enfatizar os momentos celebrativos, através de três diferentes fases de iluminação. Também o sistema de calefação tornou mais confortável a permanência no Duomo. A sonorização permite que as palavras sejam claras e os sons nítidos em todo seu interior.

Trabalhos de restauração se fizeram necessários nos anos 80 do século passado para consolidar as estruturas ameaçadas pelo rebaixamento do lençol freático devido a vibração provocada pelo tráfego e também pela poluição da atmosfera. As novas normas da reforma litúrgica do Vaticano II modificaram seu aspecto interior. O Duomo ganhou um novo presbitério festivo e uma capela ferial.

A ORDENAÇÃO SACERDOTAL

Quando Biraghi foi ao Duomo por ocasião de sua ordenação sacerdotal, a 28 de maio de 1825, o monumento apresentava-se, sob alguns aspectos, diferente de como o vemos hoje.

Também a praça sofreu transformações, os pórticos dos velhos edifícios foram substituídos e foi construída a galeria Vittorio Emanuele II.

Certamente daquele dia, vieram-lhe as lembranças de sabor ambrosiano, tão ligadas à sua sensibilidade e espiritualidade. A figura do grande bispo milanês, que lhe ficará presente por toda a vida, está ali sempre reapresentada, seja na estátua prateada seiscentista que se encontra à direita do cibório de Pellegrini ou no quinhentesco coro de madeira, que se encontra no fundo da Catedral, onde estão entalhadas a *história da vida de Santo Ambrósio*. Também algumas estátuas da irmã de Ambrósio, Santa Marcelina, começaram a ser colocadas no Duomo desde o século

XVI (cf Tamara Gianni, *Sulle orme di Santa Marcellina*, pp. 54-55). Hoje nós dispomos de outro elemento que atesta a presença de Ambrósio nesse lugar. Na entrada da Catedral, o batistério octagonal de São João das Fontes, encontrado durante as escavações do final do século, é testemunha da antiga tradição do Batismo de Santo Agostinho pelo Bispo Ambrósio, na noite da Páscoa de 387. As descobertas podem ser visitadas nos horários expostos no Duomo.



PARA UM MOMENTO DE REFLEXÃO

Ir. Ferragatta, em sua biografia de Biraghi (p. 32), imagina a cerimônia do dia 28 de maio de 1825, quando Biraghi foi ordenado sacerdote pelo cardeal Gaisruck e, para melhor mergulhar na celebração, recorre às palavras do ritual da ordenação. Leiamos, também nós, esse trecho em clima de reflexão e de oração, diante do presbitério no interior da Catedral.



Na augusta majestade da catedral milanesa, cardeal Gaisruck celebrou o rito litúrgico solene da ordenação sacerdotal.

Impondo as mãos sobre os ordenados, ele disse: “Pai onipotente, concede ao teu servo a dignidade do sacerdócio”. Consagrou as mãos do jovem Biraghi e disse: “Dignai-vos, Senhor, consagrar e santificar estas mãos com a unção e com a nossa bênção. Seja abençoado tudo o que abençoarem e

seja consagrado tudo o que consagrarem e santificarem no nome de Nosso Senhor Jesus Cristo”.

Em seguida, apresentando o cálice com o vinho e a patena com a hóstia, o arcebispo disse: “Recebei o poder de oferecer a Deus o sacrifício e de celebrar a missa tanto pelos vivos quanto pelos defuntos”. E, novamente, impondo as mãos disse: “Recebei o Espírito Santo, a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão Perdoados, a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos”. Desde aquele momento, o neo-consagrado possuiu o poder de oferecer o santo sacrifício, de perdoar os pecados, de administrar os sacramentos, de abençoar e de anunciar o Evangelho.

O próprio Biraghi, 12 anos depois desse santo dia, no seu *Catechismus ordinandorum*, escrito com a finalidade de preparar os ordenandos à consagração sacerdotal, expressará com suas palavras e seu sentimento toda a dignidade sacerdotal daquele que, continua Ferragatta nas páginas 33 e 35, “deve tender à santidade. [...] Visto que ele é como um vigário do amor de Cristo junto aos homens e o representa, foi cumulado por Cristo de grandíssimos benefícios, deve amar Cristo com amor todo especial e viver unicamente para ele. [...] Não há nada de mais belo nesta vida do que, longe do mundo e do seu tumulto, ocupar-se só de Deus, dos interesses da Igreja, da salvação dos irmãos, adquirindo para o céu aquela glória da qual fala São Paulo”.

O crisma da unção sacerdotal remete ao crisma batismal, pelo qual, como lembram as palavras pronunciadas pelo celebrante, o próprio Deus “vos consagra com o crisma da salvação, para que, enxertados no Cristo, sacerdote, rei e profeta, sejais sempre membros do seu corpo para vida eterna”. O Concílio Vaticano II reforçou que o Batismo nos habilita a desempenhar o sacerdócio de Cristo “para exercer um culto espiritual, a fim de que Deus e os homens sejam salvos” (cf LG 34). “Por eles eu me consagro para que também eles sejam consagrados na verdade” (Jo 17,19). Do decreto *Presbyterorum ordinis* (1,2): Jesus Cristo “tornou todo Seu Corpo Místico participante da unção pela qual foi ungido; nele, de fato, todos os fiéis formam um sacerdócio santo e régio [...]”. Por vontade do próprio Jesus Cristo, alguns foram escolhidos como ministros, para que exerçam, de forma oficial, em favor dos homens, a função sacerdotal que lhes é conferida “em virtude do particular Sacramento pelo qual os Presbíteros, pela unção do Espírito Santo, são marcados com um caráter especial que os configura a Cristo Sacerdote, de modo que possam agir em nome de Cristo, Cabeça da Igreja”.

O ENCONTRO COM MARINA VIDEMARI

A próxima etapa do nosso itinerário biográfico nos conduz à Canônica de Santo Ambrósio, onde o sacerdote Luigi Biraghi orientou um retiro espiritual, do qual participou uma jovem, Marina Videmari (1812-1891), que alimentava a vocação para a vida religiosa. Era outono do ano 1835. Videmari será a “primeira pedra”, a colaboradora e a intérprete do projeto de caráter educativo que o Pe Luigi tinha intenção de instituir. Dessa intuição pedagógica e apostólica, terão origem as Irmãs de Santa Marcelina.



Para chegar a esse local é preciso usar a linha metropolitana verde (M2), parada S. Ambrogio. O complexo arquitetônico da Canônica encontra-se ao lado da basílica de Santo Ambrósio, e pode-se entrar pela própria igreja através da porta lateral esquerda ou pela praça S. Ambrogio ao lado do Largo Gemelli, onde, à direita há um portão, a poucos metros da entrada da Università Cattolica del Sacro Cuore.

A CANÔNICA DE SANTO AMBRÓSIO

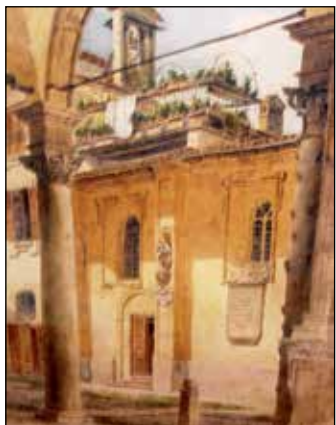


Encontramo-nos num pátio situado entre os dois lados remanescentes das arcadas bramantescas que ladeiam um pequeno edifício de fundação antiga, gótica ou bizantina, isto é, o oratório de São Sigismundo cuja primeira lembrança documentada é de 1096. Na época da Renascença um membro da família Sforza, Ludovico il Moro (1452-1508) senhor de Milão, confiara a Bramante (1444-1514) a nova residência dos cônegos de Santo Ambrósio. Os trabalhos começaram no final do século XV e foram concluídos por Francesco Maria Richino, o maior arquiteto lombardo da época barroca. Do projeto bramantesco daquela época, que abrangia um pátio quadrado e arcada, hoje, depois dos bombardeios da segunda guerra mundial, restam somente dois lados. Temos, no lado oriental, uma construção arquitetônica totalmente diferente da antiga; no pórtico encostado ao lado setentrional da basílica, temos a recomposição fiel realizada por Ferdinando Reggiori, com seu grande arco triunfal e as colunas, algumas delas representando formas de troncos de árvores com ramos cortados. Ao lado do portal da passagem que introduz diretamente na igreja, o perfil severo dos bustos de Ludovico il Moro e da esposa Beatrice d'Este. Também o andar superior foi reconstruído completamente, abandonando o precedente sabor seiscentista e reproduzindo traços da essencialidade clássica.



SOBRE AS PEGADAS DO ORATÓRIO DA CANÔNICA

Hoje não conseguimos determinar exatamente o lugar da Canônica onde, então, se encontrava o oratório, junto ao qual Biraghi pregou o retiro de que Marina Videmari fala na sua história das origens: “*Alla prima fonte, le origini e il successivo svolgersi della congregazione delle suore Marcelline, narrati alle sue figlie dalla veneranda madre fondatrice, Suor Marina Videmari*” (I, pp. 9-12). Podemos somente esboçar algumas hipóteses baseadas em algumas considerações sobre os dados que nos restam.



Marina narra que obteve licença de seus pais para “fazer o Retiro dos Exercícios Espirituais com Ir Madalena Barioli, Superiora de uma pequena Casa de Religiosas, na Canônica de Santo Ambrósio, em Milão”. Podemos, portanto, pensar que se trate de um pequeno edifício destinado a reuniões de oração, anexo a uma igreja, semelhante ao oratório de São Sigismundo que se encontra ao lado da basílica ambrosiana, exatamente em frente da Canônica. Além disso, no oitocentos, a parte superior deste edifício destinava-se à moradia, como atestam o quadro e a estampa da época pendurados nas paredes da atual Canônica de Sto. Ambrósio. Ao binômio habitação-oratório, de fato, podemos voltar nosso discurso de reconstrução, supondo que a casa religiosa de Madre Barioli tivesse um lugar de oração, anexo. Madre Madalena Barioli (1784-1865), cujo nome é ligado à fundação das Ursulinas de São Carlos, era uma franciscana da ordem terceira que foi obrigada a deixar o mosteiro por causa da supressão napoleônica e, com quatro coirmãs, e encontrara refúgio na Canônica de Sto. Ambrosio.

O lugar onde Pe. Luigi Biraghi conduziu aquele retiro espiritual poderia ser um espaço do recinto da basílica ambrosiana apropriado para encontros de oração e cursos espirituais, próximo à moradia de Barioli, no beco Sant' Agostino, exatamente sob o campanário dos monges, conforme o texto de Irmã Buffa (p. 21). Para chegar ao local pode-se passar diretamente do interior da basílica através da primeira porta lateral à direita, ou, então, por fora, percorrendo a via Lanzzone até à altura do portão nº 30/A, antes da igreja de Santo Agostinho, chegando a uma viela homônima cujos fundos, depois do Cinema Gnomo, nos mostra um particular inesperado da basílica ambrosiana. Hoje, a parte habitada construída sobre o teto não existe mais, como podemos verificar comparando as figuras. Entretanto, é interessante saber que desse alojamento, através de uma porta, hoje não mais acessível, podia-se comunicar diretamente com o interior da basílica, através da galeria das mulheres. Essa, por sua vez, conduzia e conduz até hoje a uma sala onde, desde o tempo da restauração de 1986, se localiza a Biblioteca capitular de Santo Ambrósio, que, na época da Barioli, podia ser a sede do oratório em questão.

De qualquer forma, merece nossa atenção saber que foi exatamente Biraghi quem organizou o Arquivo Capitular de Santo Ambrósio com seus mil e duzentos pergaminhos. Esse trabalho foi tão importante que constituiu a base para as catalogações que se seguiram.

A consulta aos textos colecionados no local é possível às quintas feiras.





Se quisermos levantar uma terceira hipótese, eis que, descendo as escadas para o térreo, exatamente sob a Biblioteca capitular, encontra-se a capela de São Vitor “in Ciel d’Oro”, precedida pela ante capela, hoje espaço reservado às visitas artísticas, mas no oitocentos destinada a Oratório, ou seja, apta a proporcionar cursos de exercícios espirituais, como nos atesta uma foto da época, conservada nos arquivos da basílica.

Oratório de São Sigismundo? Biblioteca Capitular de Santo Ambrósio? Ante capela di S. Vitore in Ciel d’Oro? Além de toda suposição e identificação, fica a

certeza de que a presença de Biraghi, como pregador neste lugar, situado ao lado da Canônica de Santo Ambrósio, foi reconhecida pela jovem Marina como providencial. Isso será determinante na sua escolha de vida, na descoberta da Vontade de Deus através da mediação desse homem por ela definido como “piedoso, douto e santo”. *”Alla prima fonte* p. 10). Abandonado o propósito de abraçar a vida claustral, será a própria Irmã Videmari, primeira discípula e co-fundadora, juntamente com Biraghi, da Congregação das Irmãs Marcelinas, a lembrar esse momento com uma série de formas verbais, nos apontamentos históricos escritos por ela 50 anos depois: “Ele perscrutou minha alma, dissipou minhas dúvidas, entusiasmou-me para a vida apostólica, arrancou-me da família e colocou-me, por assim dizer, no desejado, mas ainda escondido caminho no qual Deus me queria” (*Ibidem*, p. 10).

PARA UM MOMENTO DE REFLEXÃO

Não conhecemos as palavras usadas por Biraghi durante esse retiro na Canônica de Santo Ambrósio, podemos, entretanto, nos reportar a uma carta dirigida a Videmari, vários anos depois, na qual Pe. Luigi a orienta, já

Marcelina, sobre o modo de realizar os exercícios espirituais. (Cartas 18 de abril de 1846):

[...] nesse retiro deverá fazer duas coisas. A primeira, meditar sobre os novíssimos, sobre as virtudes de Jesus Cristo, sobre as virtudes que são próprias da religiosa, etc. A segunda é perscrutar em seu coração onde está falhando. De fato, muitas religiosas pensam, acreditam fazer grande coisa saboreando belas meditações, mas não voltam seu olhar para os próprios defeitos, não se humilham diante das próprias misérias e, portanto, continuam suas vidas vazias, frias, relaxadas, com grande prejuízo a própria salvação eterna. Você, porém, pegue algum livro de exercícios espirituais, retire-se na capela ou vá para seu quarto, invoque o auxílio do Senhor, medite, interrompa a meditação com frequentes atos de fé, de amor, de humildade, depois reflita sobre si mesma [...]. Filha, tornar-se santo é coisa trabalhosa e longa, de tal forma que fez transpirar e agonizar também os santos. Coragem, portanto, e o Senhor a confortará.

Também a Irmã Giuseppa Rogorini, que foi uma das primeiras companheiras de Marina Videmari e que ajudou o Instituto na função de Vigária com inteligência e fervor desde as origens, Pe. Luigi enviou uma carta, (Cartas..., 17 de janeiro de 1840) em resposta ao seu desejo de aprender a disposição interior mais oportuna para os exercícios:

O modo de fazer os Santos Exercícios, como deseja que lhe ensine, seja este. Imagine-se uma pobrezinha doente, esfarrapada, miserável, e que o grande Rei Jesus Senhor a chame em seu palácio para consolá-la com palavras e com presentes, e torná-la saudável, rica, gloriosa. Seu palácio se encontra no retiro, no fundo do coração, na solidão: suas palavras são percebidas somente num grande recolhimento; seus presentes são concedidos apenas às almas humildes, simples, abertas, que reconhecem suas próprias necessidades e suas misérias. Portanto, entre nesse retiro com essa disposição. Diga frequentemente: “Eis, ó Senhor, a vossa serva, faça-se em mim segundo a vossa palavra. Falai, Senhor, que a vossa serva escuta” e outras palavras semelhantes.

O próprio Pe. Luigi, relatando a Videmari o especial momento por ele vivido junto aos Padres de Rho, em cuja casa costumava fazer seus exercícios espirituais, revela quão precioso é para a alma este momento de retiro (*Cartas...*, 7 de julho de 1840):

Oh como é doce encontrar-se numa casa santa, em piedosos exercícios, em devota meditação, em santa companhia, no silêncio, na oração, no amor de Deus! Parece que a alma se liberta de um peso que a oprimia, que se dissipa em seu redor a neblina que a ofuscava. Esse peso são as dissipações do mundo, a neblina são as próprias paixões que, na dissipação, se fortalecem e escurecem a luz da alma. Feliz retiro! Encontro-me aqui, eu e Deus, a minha alma e Jesus Cristo, cela e paraíso, e o mundo lá fora. Cara filha, rezemos. Reze por mim para que me renove totalmente no espírito, reze para que me apaixone por Jesus Cristo, para que me torne santo. Ai de nós se não amarmos Jesus Cristo, nosso único bem.

DA CANÔNICA À CRIPTA DA BASÍLICA AMBROSIANA

E como não lembrar, nesta basílica tão rica de sinais, a oração da jovem Marina, a Santo Ambrósio e a sua irmã Santa Marcelina como término do discernimento de sua vocação! Se descermos à cripta setecentista, nos encontraremos, também nós, diante dos despojos mortais “daqueles Santos” - de um lado Ambrósio juntamente com Gervásio e Protásio e, do outro lado, no

fundo, uma placa de mármore, cuja inscrição recorda o lugar da sepultura da irmã Marcelina, antes que fosse transladada para a capela, terceira do corredor à direita, especialmente dedicada a ela em 1812 (cf Tamara Gianni, *Sulle orme di Santa Marcellina*, pp. 21-22).



Ouçamos, portanto, pela voz de Marina, a sua resposta a Pe. Biraghi, quando afinal decidiu contar com o auxílio de uma novena (*Alla prima fonte...*, p. 11):

“Então eu respondi que faria uma novena a Santo Ambrósio e a Santa Marcelina, depois tomaria uma decisão. Toda manhã junto com uma irmã passava da Canônica à Basílica e, diante da cripta daqueles santos, rezava de coração para conhecer a vontade de Deus. No último dia da Novena, depois da santa Comunhão, senti-me diferente do habitual; até na saúde me sentia fortalecida. Sorridente, serena e firmemente decidida a me submeter em tudo e para tudo aos conselhos daquele santo homem, Pe. Luigi Biraghi, que me parecia um anjo enviado por Deus para me apontar o caminho a seguir.”

Pe. Luigi Biraghi viu em Marina Videmari “uma das pedras fundamentais” (Cartas..., 8 de maio de 1838) sobre as quais construir seu projeto apostólico. Em 29 de março de 1838, estando Videmari terminando a sua formação cultural e espiritual numa escola em Monza, ele lhe escreve:

“Você deve ser uma das primeiras pedras deste santo edifício, mas as primeiras pedras se colocam embaixo, bem no fundo. Humilhe-se muito e nunca deixe de se humilhar; as primeiras pedras são as mais sólidas e as mais firmes. Procure, pois, firmar-se bem na ciência de Jesus Cristo, nas máximas evangélicas, na oração, na pureza de vida. Assim o edifício espiritual será como deve ser, muito melhor que o material. Rezemos! Rezemos!”

“[...] e me convenci por mim mesma - conclui Videmari na sua narração – que aquele era o campo de ação onde Deus me queria” (*Alla prima fonte...*, p. 15).

AS RELAÇÕES COM A SOCIEDADE MILANESA



Monsenhor Biraghi foi homem de personalidade riquíssima, cuja influência carismática foi percebida por muitos em Milão, entre eles o conde Giacomo Mellerio (1777-1847). O encontro com Mellerio, acontecido provavelmente em 1833, foi de fundamental importância para o conhecimento e a inserção na sociedade milanese na qual Biraghi queria atuar. O Palácio Mellerio foi definido na biografia de Angelo Majo como “uma autêntica encruzilhada onde se encontravam personalidades de profunda fé e finíssima cultura, como Antônio Rosmini que em suas temporadas milanesas era seu hóspede. Ali se discutiam os grandes problemas, entre eles o da educação das jovens das famílias abastadas facilmente vítimas do clima criado pelo Iluminismo, totalmente alheio aos valores cristãos (p. 70). Na casa de Mellerio discutia-se também o problema político italiano, como aponta Gianfranco Radice: “[...] esperar por tempos melhores e, entretanto, atuar na ordem civil e religiosa restabelecida a espera do reconhecimento da nação



italiana, [...] aguardar o momento oportuno para culpar a Áustria pelo não cumprimento e impor-lhe, consequentemente, a retirada do Lombardo-Véneto” (p. 2159).

O nosso itinerário biográfico nos conduz, em seguida, à casa de Mellerio. Percorrendo a via Mazzini, que se encontra à direita do Duomo (mapa p. 148), caminhamos pela praça Missori, da qual parte uma das artérias mais importantes da cidade, a Porta Romana, antigamente integrada aos muros espanhóis ou muralhas, que se fecha com o arco de 1598, projeto de Aurelio Trezzi.

Essa longa alameda reproduz a antiga “Via Porticata”, edificada pelos Romanos no início do III século; constituía uma das duas vias principais que atravessavam a cidade, voltada na direção de Roma. Na altura do nº13, encontra-se o palácio do conde Giacomo Mellerio.

PALÁCIO MELLERIO



O belo volume de Lanza e Somarè descreve o edifício de Porta Romana do alto: “[...] quatro pequenos atlantes finamente esculpidos simbolizando os quatro continentes sustentam a cornija do palácio Mellerio, que apresenta numa perspectiva luminosa uma balaustra com estátuas. Mais que “homões” [termo próprio milanês para indicar os atlantes, isto é, as imponentes estátuas masculinas, que servem de suportes, devido às suas dimensões reduzidas, estes deveriam ser considerados “hominhos”]; o mais interessante deles é o segundo à direita, um negrinho de cabelos crespos, lábios carnudos e nariz achatado.



Sob os alpendres do último andar sobressaem muitas máscaras teatrais com acentuadas expressões de choro, indignação, raiva, enfado e medo. A heterogênea fachada, idealizada, no final do século XVII, por Simão Cantoni, foi objeto de inflamadas críticas por parte dos contemporâneos por causa da arriscada miscelânea de motivos ainda rococó e já neoclássicos” (p. 107).

O CONDE GIACOMO MELLERIO

Homem de cultura dedicado a obras filantrópicas, o conde Giacomo abriu as portas da sua habitação milanese e da mansão de Gernetto de Les-



mo, na Brianza, a grandes personagens do seu tempo, como Alessandro Manzoni e Antonio Rosmini.

Amigo de Biraghi, com o qual partilhou interesses de ordem cultural e espiritual, ajudou-o financeiramente na realização de algumas de suas iniciativas. Apoiou-o quando abriu o Colégio de Cernusco e, em seguida, colocou à sua disposição uma quantia para a aquisição da Casa de Vimercate.

Mellerio tornou-se o “protetor leigo” das Marcelinas, tutor legal da Instituição. No último ano da sua vida, quando a sua saúde ficou comprometida, foi para Recoaro com Biraghi, onde foi por ele assistido. Falecido em 1847, sua herança serviu também para obter a ereção canônica das Marcelinas, ou seja, a aprovação oficial da nova Congregação por parte do arcebispo de Milão e do governo austríaco (1852).

O seu testamento, redigido em favor dos necessitados, colocava-se também à disposição das obras artísticas da cidade, como a realização em bronze da porta central do Duomo, dedicado ao Nascimento de Maria, com temas inspirados na Virgem Maria, “utilizando, possivelmente, a obra de artistas milaneses com experiência nesse ramo de trabalho”(Finocchi - Pini, p. 4). Os ornamentos do portal maior serão realizados depois, por Lodovico Pogliaghi, no início do século seguinte.

BIRAGHI MEDIADOR ENTRE ROSMINIANOS E TRADICIONALISTAS

Entre os frequentadores das reuniões na Casa Mellerio estava dom Alessandro Pestalozza, que ali se encontrou com Rosmini e se tornou seu amigo, compartilhando de suas idéias difundidas através dos artigos de *L'Amico Cattolico* (cf p. 63), do qual se tornara colaborador. Esses escritos suscitaram oposições e polêmicas entre os intelectuais milaneses, visto que o sistema filosófico rosmينiano se encontrava inserido na corrente do catolicismo liberal, em oposição ao tradicionalismo.

Biraghi interveio como mediador entre as partes. “Quando a polêmica acendeu-se, em 1843, no ‘*L'Amico Cattolico*’ já haviam sido publicados 10 artigos de Pestalozza sobre *O sistema do abade Antonio Rosmini*. Biraghi

precisou intervir junto aos redatores responsáveis pelo jornal para conseguir que não se interrompesse a publicação”. Ele sugeriu “aos redatores uma prudente declaração que lhes garantisse a isenção do risco de parecer apoiadores do questionado sistema” (*Positio...*, p. 158). Biraghi foi feliz nessa obra de mediação graças à sua equidistância entre rosminianos e antirosminianos, confirmando a metodologia declarada pelo jornal de não apoiar nenhum sistema filosófico em particular.

Referindo-se a Biraghi, Gianfranco Ravasi declara que ele viveu num contexto histórico particularmente atribulado, atormentado pelo desconforto tanto civil quanto eclesiástico. Assim, estudar a sua pessoa do ponto de vista histórico significa descobrir também todos os ecos, todas as ressonâncias; individualizar todos os momentos cruciais, porque ele viveu no âmago de uma forte tensão que, então, permeava entre o clero milanês, a tensão entre o partido – diríamos - dos “conservadores”, os intransigentes, e o partido dos “liberais” que tinham como referência Rosmini e por isso definidos como “rosminianos”. Naturalmente esses dois pólos extremos das opções eclesiais, civis, sociais de então revelavam também uma série de outras opções. Biraghi consegue conservar, mesmo estando dentro de tal conflito, o seu equilíbrio e tornar-se até mesmo ponto de referência [...] Mons. Buzzi escreveu que a pesquisa histórica atual fez justiça a Biraghi, enfatizando que qualquer enquadramento ideológico que o colocasse alternada ou exclusivamente em um dos dois movimentos, das duas orientações, incorreria num esquematismo muito rígido que não poderia explicar o grande equilíbrio e a vontade de conciliação que inspiravam a pessoa, a arte educativa, o testemunho de Biraghi, testemunho que perdurou pelo mandato de quatro arcebispos em Milão (pp. 58 - 59).

A FUNDAÇÃO DAS IRMÃS “MARCELINAS DE MILÃO”

Eu não tenho mais nenhuma inquietude e bendigo o Senhor todos os dias por se servir de mim para fundar uma bela e querida instituição. E toda vez que visito as duas casas, delas parto com muita consolação. Enquanto eu viver, esta instituição será sempre o meu coração, a pupila dos meus olhos.

Assim escrevia Biraghi à Videmari, em 21 de dezembro de 1842, ano seguinte à fundação do colégio de Vimercate, surgido após o primeiro, o de Cernusco sul Naviglio, que teve início em 1838. Já estabelecidas as “irmãs do campo”, mas não ainda as “da cidade”, para usar uma colorida expressão de Biraghi na carta de 7 de junho de 1875, enviada à madre Marina. De fato, será preciso esperar até 1854, com a abertura da casa de via Quadronno e até 1858 com a de via Amedei, para que acontecesse a fundação das “Marcelinas de Milão”, título com o qual foi apresentado o Instituto em 1896, para a aprovação pontifícia das Regras.

Deus, entretanto, era o autor da obra e Pe. Luigi era somente o instrumento: “quando Deus quer ninguém pode resistir-Lhe: os montes diante dele se desfazem em fumaça, o mar se torna sólido como o bronze. Feliz daquele que confia em Deus! Assim aconteceu conosco e com nossa querida Congregação, que não tem outro apoio senão o de Deus: Deus eliminou todo obstáculo e quis que assim fosse” (*Cartas...*, agosto 1852).

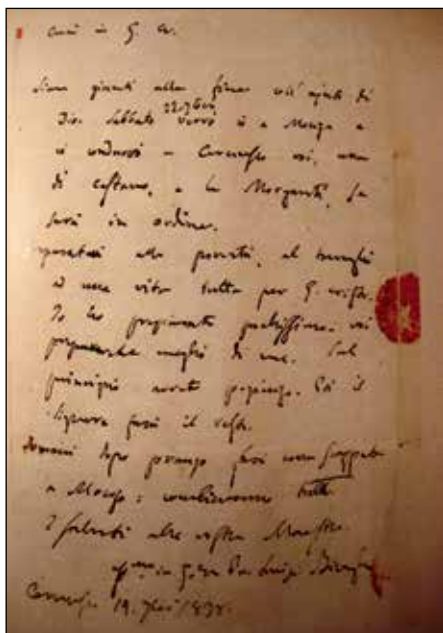
A Instituição das Marcelinas foi a resposta à situação educativa do momento, que necessitava de uma intervenção decisiva, depois da supressão das congregações religiosas por Napoleão. Biraghi, homem de bom senso e de grande equilíbrio, percebia que a educação das jovens, realizada no interior dos mosteiros de clausura, não respondia mais às necessidades reais que as mulheres do amanhã deveriam enfrentar. Havia necessidade de uma sábia reforma pedagógica no campo da educação feminina. Por isso, ele quis que as Marcelinas fossem inovadoras, consagradas, mas não de clausura, em contato com o mundo externo e disponíveis para inserção nas estruturas da sociedade civil. Na *Regra* de 1853 (p. 81), redigida para as Irmãs “Úrsulas Marcelinas”, assinala-se que o Instituto

quer todas as virtudes religiosas, mas não penitências extraordinárias, não muitas horas de capela, nem de cela, quer a vida interior de Maria, mas juntamente a vida exterior e ativa de Marta.

Portanto, Biraghi quis que as Irmãs buscassem “também aquelas virtudes civis e sociais que são necessárias para bem educar “ (*Ibidem*, p. 46). Ao mesmo tempo quis suas irmãs capazes de proporcionar às jovens a elas confiadas um clima de família, no qual a relação educativa nascesse espontânea e pudesse desenvolver-se no campo da vida, da vida comum com as alunas, na cotidianidade das exigências concretas. Alheio a toda estéril formulação teórica, o “método abençoado”, praticado pelas Irmãs em contínuo espírito de doação, era assim expresso na *Regra* (p. 55):

“Não abandonem nunca o método até aqui abençoado, de estarem sempre no meio das alunas, nos dormitórios, no refeitório, na recreação, pois elas se formarão melhor com bons exemplos do que com a multidão dos preceitos.”

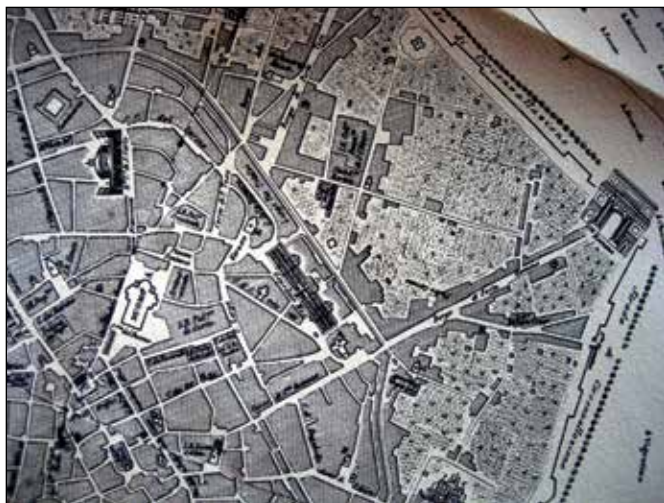
Com essa modalidade, particularmente adequada ao momento histórico, Biraghi objetivava educar para os valores humanos e cristãos, na concretude do dia a dia. Procurava tornar sempre atual a especificidade de sua intuição pedagógica. Além do como operar no próprio tempo, sempre evidenciava o porquê. Recomendava: “[...] façam com que as alunas conheçam que lhes querem o verdadeiro bem, para que, nas futuras necessidades da vida, tenham a confiança de abrir o coração e acolher os bons conselhos de suas mães educadoras” (*Ibidem*, pp. 60 - 61).



A obra educativa teve início nos arredores de Milão, em Cernusco sul Naviglio, em 22 de setembro de 1838. Biraghi encontrou em Marina Videmari a pessoa que podia abraçar seu projeto, apoiado - como ele mesmo escreveu na carta de 19 setembro de 1838 - “em uma vida toda por Jesus Cristo. Eu preparei muito pouco: Você preparará melhor do que eu. No início tenha paciência, depois o Senhor fará o resto” (foto pag. 85).

De modo particular ele sentiu a necessidade de formar culturalmente e preparar moralmente a classe social burguesa de então, aquela que devia conter e marcar presença na sociedade. Pensou, portanto, trabalhar o tecido da família e, particularmente, a função educativa da mulher no seu interior. Idealizou a fundação de um Instituto feminino que respondesse a essa exigência e deu-lhe o nome de Santa Marcelina. Ela foi a verdadeira inspiradora de Biraghi. Foi, de fato, educadora de seus irmãos e os fez crescer na Fé; foi o ponto de referência, durante o caminhar de suas vidas. Foi ela que Biraghi quis colocar como modelo das Irmãs Marcelinas. Em 10 de julho de 1853, Biraghi escrevia à Videmari: “Santa Marcelina nos alcançou muitas graças, sobretudo a graça de dar vida à nossa Congregação de maneira prodigiosa. Seja bendita e louvada por nós para sempre”.

O COLÉGIO DE VIA QUADRONNO



Trata-se de um complexo arquitetônico situado próximo à Porta Romana, na via Quadronno 15, que, originariamente, ocupava um vasto espaço, até à atual praça Cardinal Ferrari, e que funcionava também como generalícia. Ali foi a primeira sede do primeiro colégio das Marcelinas em Milão. Ali, num quarto de hóspedes, morreu Monsenhor Biraghi, no dia 11 de agosto de 1879, cercado pelas atenções filiais das suas Irmãs.

O grande complexo reduziu-se gradativamente com o tempo, até ocupar a atual ilha na qual foi construída em 1924 a atual casa generalícia na praça Cardinal Ferrari. Após os bombardeios de 1943, a casa foi reconstruída, foi-lhe acrescentado um andar e ampliada a igreja. Hoje, Quadronno é um Instituto frequentado por alunos de todas as idades: infantil, fundamental e médio.

Pode-se chegar ao Colégio pela linha metropolitana amarela (M3), parada Crocetta, pela linha do bonde n° 16, a linha de ônibus n° 94 (mapa p. 79).

A origem da palavra Quadronno é desconhecida, algumas hipóteses a consideram derivada de “Ca Drona” ou de “Calle tres mororum”, “isto, não esclarece, mas obscurece mais ainda a questão. Melhor é dizer que “a origem dessa palavra é desconhecida”, como afirma Ottone Brentari no seu roteiro.

HISTÓRIA DA CASA

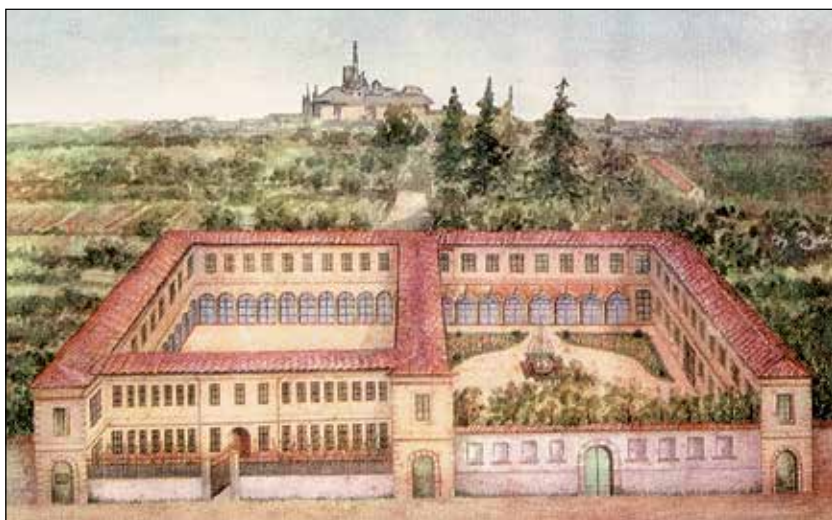
Desde 1837, quando Biraghi, diante da imagem da Virgem das Dores de Cernusco, teve a inspiração de fundar um instituto religioso para a educação da mulher, já haviam sido construídas duas casas: uma em Cernusco sul Naviglio, em 1838, outra em Vimercate, em 1841. A primeira casa das Marcelinas em Milão, destinada a educandário feminino, foi inaugurada no dia 9 de novembro de 1854 e dedicada a Nossa Senhora Imaculada, pouco antes da proclamação do dogma.

Essa escolha demonstra a profunda devoção mariana de Biraghi e a sua convicção da necessidade de que fosse reconhecida pela fé o que a Escritura e a Tradição das origens não tinham explicitamente declarado, ampliando o quadro da história da salvação, mostrando esse mistério numa visão



globalizante. O clero e o laicato católico haviam atravessado várias fases polêmicas durante o longo processo histórico-teológico que se concluiria no dia 8 de dezembro de 1854, com a bula de Pio IX *Ineffabilis Deus*. A definição do dogma da Imaculada Conceição de Maria finalmente deu voz definitiva ao sentimento popular cristão, que se manifestava em favor desse privilégio mariano.

Até hoje, na capela do Colégio, sobre o altar mor, pode-se admirar a pintura de Giuseppa Videmari, Irmã Marcelina e irmã da Madre Marina, de Nossa Senhora Imaculada. “O belo quadro da Imaculada ficará como querida recordação sua” comentou Biraghi, numa carta endereçada à Madre Marina em 29 de dezembro de 1855, quando soube da morte prematura de Irmã Giuseppa.



Biraghi havia adquirido uma propriedade dos Condes Castiglioni. Como mostram as plantas do Cadastro Teresiano, o “amplo edifício em via Quadronno”, descrito pela fundadora Marina Videmari na sua história da Congregação, *Alla prima fonte* (p. 65), era “constituído por dois edifícios separados por um jardim anexo” (*Positio...*, p. 578) e abrangia um grande terreno, “situado numa área arborizada entre São Celso e São Calimero” (*Ibidem*, p. 579), tanto que surgiu logo a exigência de construir uma rua lateral, “ao longo do lado oriental do jardim” (*Alla prima fonte...*, p. 66) para permitir o livre acesso, através de passagem pública, evitando-se a passagem pelo pátio da casa.

As origens da casa de Santa Maria, ou seja, da Imaculada, na viva narração deixada pela fundadora, são reapresentadas também por Ferragatta no volume publicado em 1954, por ocasião do centenário da fundação: “E, numa bela tarde de verão, na solitária estrada milanesa, chegou secretamente Madre Marina, com a mansa e delicada Superiora Rogorini e a sábia e prudente Superiora Marcionni. Visitei meticulosamente a nova aquisição e parti satisfeita, antes feliz, tanto pelo complexo da construção, quanto pela posição” (p. 8).

Ao lado de Biraghi estava o conde Paulo Taverna, na época protetor leigo do Instituto. Foi ele quem apresentou a proposta do complexo de Quadronno, resolveu a questão da abertura da nova passagem em via São Calimero, disposto a dar o sinal para a “compra” porque “queria que se abrisse uma casa em Milão” (*Alla prima fonte...*, p. 65). Ir. Enrica Gussoni lembra, no periódico *Conoscerci*, que “nele as Marcelinas encontraram o perito jurídico para garantir cada passo, toda mudança da nascente vida milanesa na Casa de Quadronno e, em seguida, de Amedei” (p. 108).

Nos arredores foi adquirido outro estabelecimento destinado a receber os hóspedes e que foi vendido no período da guerra por necessidades financeiras. Nesse local Mons Biraghi terminará sua vida terrena, já ancião e doente, cercado de carinhosa atenção das suas Marcelinas e cuidadosamente assistido por dois médicos.

Nada resta hoje do edifício onde tinha sido hospitalizado. Se quisermos achar vestígios, podemos examinar as plantas da segunda metade de 1800, conservadas no Arquivo Histórico de Milão, através das quais pode-se supor que o edifício onde no dia 11 de agosto de 1879 Biraghi faleceu corresponda ao edifício contíguo ao colégio situado entre via Quadronno e via Pini (antes via S. Calimero), exatamente onde hoje se encontra a casa Santa Marcelina destinada a estudantes (foto à p. 95).

Por outro lado, o testemunho escrito de algumas Irmãs Marcelinas e outras documentações e plantas específicas do Colégio anexadas a uma listagem dos locais que compunham a casa de Quadronno – material recolhido no Arquivo Generalício das Marcelinas, série histórica – mostram a hospedaria num local isolado, em frente à entrada da casa, como também afirmava Irmã Enrica Gussoni no seu artigo sobre Quadronno (p. 51):

Em volta, uma vasta extensão verde ocupada por campos e parreirais, que deveria dar à primeira casa milanesa das Marcelinas uma impressão nostálgica dos colégios de Cernusco e de Vimercate, erguidos como Oasis de piedade e de cultura entre a verde plantação lombarda. Em frente à entrada de via Quadronno, no limite do vasto prado, um outro edifício formava, ou melhor, fixava os limites da via Quadronno no início da verde extensão dos pomares que preenchiam os espaços entre os dois limites urbanos.

Aqui, nesta casa, propriedade das Marcelinas e reservada aos hóspedes, conhecida com o nome de “forasteria”, Mons Biraghi passou seus últimos dias; aqui ele faleceu assistido por Mon. Francesco Biraghi, a ele ligado pelos vínculos de um afeto devoto e reconhecido; pelo sobrinho Pe Paulo e pelas suas Marcelinas, naquele longínquo 11 de agosto de 1879 às oito horas.

Uma indicação interessante encontra-se também nos primeiros apontamentos históricos da Congregação das Marcelinas, narrados pela fundadora, Irmã Marina Videmari, graças aos quais viemos a conhecer os últimos meses de vida do Biraghi até à morte (*Alla prima fonte...*, pp. 104-114). Vale a pena percorrer novamente essa comovente narração, prestando atenção às numerosas alusões ao lugar onde foi assistido o “nosso Monsenhor” – justamente a “forasteria”-, que Videmari diz ter alcançado atravessando a rua e subindo ao andar superior.

Primeiro ele começou sentir “ao acabar o longo e áspero inverno [...] alguma dificuldade de digestão”. A seguir, três ou quatro vertigens aconteceram em junho, de duração brevíssima, mas que provocaram pesadas quedas no chão, preocupando os RR. PP. Barnabitas, dos quais era hóspede, o que os levou a avisar as Marcelinas [...]. As filhas do seu coração, sob velado pre-

texto, o induziram com não pouco esforço a habitar na hospedaria do Colégio [...]. Ali foi confiado aos cuidados de dois médicos e as coisas pareciam melhorar, de forma que, no começo de julho “desejou ir a Chambéry” para respirar “aquele ar serrano mais fresco” do qual “esperava um grande bem. [...] o nosso Monsenhor dizia que se sentia bem melhor, e, sem apresentar mais nenhum sintoma do seu mal, voltou feliz a Milão onde morou novamente na hospedaria de Via Quadronno”. Mas, em seguida, o mal retomou, no começo de modo intenso, depois frequente até chegar ao fim (p. 109).

Naquela semana chamou o Confessor duas vezes e se preparou para receber a Sagrada Comunhão. Acabava de dar a meia noite do sábado, quando levei o SS. Sacramento da Capela do Colégio, acompanhada por dois clérigos com as velas e por um ministro com o baldaquim, atravessei a rua e subi ao quarto do Monsenhor.



ESTRUTURA ARQUITETÔNICA

Se confrontarmos a planta do colégio de via Quadronno em Milão com aquelas preexistentes das casas de Cernusco e Vimercate, reconheceremos um único modelo arquitetônico, isto é, aquele dos seminários arquiiepiscopais: um quadrado central com dupla ordem de colunas.



Essa estrutura tão familiar a Biraghi, provida também de aspectos práticos, ele a quis reproduzir nos seus colégios, confiando a construção ao primeiro arquiteto que restaurou os seminários diocesanos, Giacomo Moraglia, e propondo novamente o mesmo esquema para os próximos edifícios.



Na relação dos trabalhos de reestruturação, realizados por ocasião do 150º aniversário do Colégio de via Quadronno (2004), o arquiteto Giancarlo Bentivoglio assim se expressava: “Todos os trabalhos acima descritos foram executados com profundo estilo unitário, derivado da tipologia já consagrada pela tradição e pela experiência dos Colégios de Cernusco e de Vimercate, em função das influências pedagógicas de Antônio Rosmini e da espiritualidade de São Francisco de Sales (autor querido por Mons Biraghi). A fixação tipológica dos edifícios era de grande simplicidade, respeitando os cânones clássicos previstos no projeto do Colégio de Cernusco Asinário realizado pelo arquiteto Giacomo Moraglia em 1838”.

As arcadas do pátio, intercaladas pelo ritmo cadenciado das colunas, são conservadas até hoje. A aquisição das 42 colunas, compradas com satisfação por Biraghi para a casa de Milão na primavera de 1854, tornou-se imortal na correspondência com Videmari, em 29 de março daquele ano, com extrema precisão:

As bênçãos do Senhor continuam sobre a casa de Quadronno. Vejam, com pouco fiz uma bela compra para aquela casa: 42 peças, ou seja, colunas, com 5 braços e meia de alturas por 6 onças de largura, com capitéis, ferramentas, tijolos, etc., de belíssimo granito, ou seja, de pedra avermelhada, pelo preço total de a£. 337 (trezentos e trinta e sete). Pertenciam ao Horto Botânico de Brera, e agora são minhas, e devo levá-las em 15 dias.

Do mesmo modo, também a aquisição das colunas para casa de Cernusco foi pontualmente documentado na carta de 25 de fevereiro de 1838: “Agora só espero o tempo bom para transportar as 33 colunas de Milão para Cernusco e dar início à construção”. Por detrás dessa história de colunas de algum modo “abençoadas”, aparentemente áridas, transparece toda a força do projeto que está para se tornar realidade concreta, justamente a partir de elementos fundamentais, aquelas colunas que “agora são minhas”, e isso as torna para nós mais queridas que qualquer coisa.

Além disso, se quisermos estabelecer alguma analogia entre esses edifícios biraghianos, podemos olhar um dos cantos do pátio da casa de Cernusco onde ainda se conserva o sino que marcava as horas da vida daquele tempo. Mesmo não encontrando em Quadronno nenhum vestígio, não é difícil,



entretanto, imaginá-lo, tanto mais se nos for permitido arriscar uma referência corajosa a um outro velho sino do qual se perdeu a história, mas que é conservado no ex-colégio das Marcelinas de Vimercate, que se tornou propriedade das Irmãs Canossianas desde 1912.



Também na meia lua da entrada, com uma representação do episódio evangélico de Marta e de Maria (cf Lc 10, 38-42), às vezes presente na tipologia das estruturas das construções das Marcelinas, não há nenhum sinal na casa da via Quadronno. Entretanto, se quisermos encontrar esse objeto tão querido a Biraghi (cf *Cartas*. 2; 492), podemos encontrá-lo hoje sobre o portão de entrada da casa de Cernusco, pintado pelo amigo e pintor Francesco Gonin, e também na parede de um quarto junto à entrada da casa de Vimercate.



Estruturas que, portanto, se repetem, com seus significados eternos, e que nos ajudam a reconstruir aqueles dados que o tempo apagou para sempre, ou no-los devolver modificados.

No final do século XIX, o complexo arquitetônico de Quadronno recebeu ampliações na Igreja, conforme o estilo neogótico da época, e nos páti- os. As modificações no edifício foram necessárias devido aos bombardeios

de 1943. Hoje o edifício que correspondia ao núcleo histórico, isto é, o da escola, foi recentemente submetido a um processo de renovação, sendo restaurada a pintura das paredes, eliminados os desenhos da época Humbertina, readquirindo a simplicidade do gosto neoclássico lombardo adotado em 1800 para estruturas de colégios, e o pátio foi renovado. Além disso, foram instalados o



”Centro Diurno Marina Videmari”, onde vinte anciãos passam o dia assistidos pelas Irmãs, como ainda um pensionato para jovens universitárias, a Residência para moças estudantes Santa Marcelina.

Se, por um momento, retrocedermos no tempo, o discurso de inauguração pronunciado, em 9 de novembro de 1854, pelo padre barnabita Francesco Vandoni, nos presenteia com uma reflexão interessante sobre o modo de ser dessas primeiras Marcelinas milaneses (em *Positio* pág. 579):

[...] Aquele silêncio que cercou seu berço, e aquela amável simplicidade de hábitos, tão estranhos às cidades, mas tão conformes ao Evangelho, que, por assim dizer, haviam impregnado suas vidas e se tornaram caros aos seus corações. Desejosas mais de fazer o bem do que torná-lo conhecido, mais de adquirir mérito do que prestígio, compraziam-se com aquela beata solidão que as subtraía, em grande parte, aos olhos do público, para viver escondidas em Jesus Cristo [...]. Se é verdade que em algum outro lugar pudesse haver melhor educação da juventude, é verdade também, em contrapartida, que a boa e verdadeira educação cristã deixa ainda muito a desejar e não acharia fora de propósito afirmar que no campo da educação religiosa, a messe é grande, mas os bons operários são poucos.

No dia seguinte, com uma carta datada de 10 de novembro, Biraghi informava o acontecimento solene a Ir. Giuseppa Rogorini, superiora do Colégio de Vimercate, fazendo-a participante da alegria deste momento especial:

“Carissima Rogorini

Sobre a nossa festa de ontem não é preciso que eu lhe escreva, visto que longamente lhe escreveu a Madre Superiora. Digo-lhe somente que foi uma coisa tão perfeita em dignidade e recolhimento que pode ser colocada entre as nossas mais belas solenidades. Agradecemos de coração a Nosso Senhor Bendito, a nossa querida Mãe Maria e aos Santos Protetores, e façamos disso novo motivo para servir o Senhor com gratidão e fervor. Só senti que não estivessem aqui todas as minhas queridas filhas para participar das alegrias do Senhor. Mas somente no paraíso teremos felicidade e alegrias sem mistura de desgostos.”

150 anos depois desse momento, uma página do *Giornale*, no sábado, 06 de novembro de 2004, lembrava o aniversário com estas palavras:

ANNIVERSARIO

Una scuola cattolica aperta a tutti: le «Marcelline» compiono 150 anni

CINZIA BOSCHIERO

Come sono cambiate le scuole cattoliche in questi anni? L'Istituto delle suore Marcelline ne è un esempio: nato come scuola femminile ora è misto, è cattolico ma accoglie da tempo anche alunni di altre religioni. Oggi l'istituto di via Quadronno festeggia i 150 anni dalla fondazione. Alla cerimonia che inizierà alle 15 saranno presenti Riccardo De Corato, vicesindaco di Milano, Valentina

*Il collegio
di via Quadronno
è stato fondato
nel 1854*



FESTA Si ritrovano studenti di ieri e di oggi per i 150 anni delle «Marcelline»

e religione. Da più di 150 anni, l'accoglienza e il rispetto della diversità fanno parte del nostro progetto educativo» ha spiegato Suor Miranda.

Le suore di Santa Marcellina sono una congregazione religiosa di diritto pontificio con finalità educativa. Il fondatore della congregazione, monsignor Luigi Biraghi, decise di chiamare le suore come la sorella di Sant'Ambrogio, Marcellina. A questa santa, modello di vita umana e cristiana, le consorelle si sono dunque ispirate. Il primo collegio venne aperto nel 1838 a Cernusco sul Naviglio. L'istituto di via Qua-

*Alla cerimonia
interverrà
il vicesindaco
De Corato*

“Que mudanças aconteceram nas escolas católicas nestes anos? O Instituto das Irmãs Marcelinas é exemplo disso: nasceu como escola feminina e agora é mista, é católica, mas acolhe, faz tempo, também alunos de outras religiões. Hoje o Instituto da via Quadronno celebra 150 anos da sua fundação [...]. Hoje em Quadronno há educação infantil, ensino fundamental e médio; “as classes são formadas por crianças e adolescentes que pertencem a diversas culturas e religiões. Há mais de 150 anos, o acolhimento e o respeito à diversidade fazem parte do nosso projeto educativo, afirmou Irmã Miranda.

“Monsenhor Biraghi sempre quis que as Marcelinas se adequassem à realidade cultural e histórica do próprio tempo, lembrou a diretora. Em uma preciosa intuição, o Fundador falou em “simpatia” com os tempos, isso exige compreender as necessidades do tempo presente para poder discernir os sinais do futuro.”

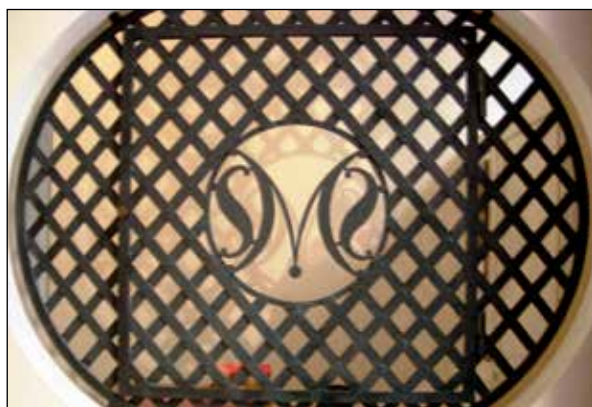
O COLÉGIO DE VIA AMEDEI



Hoje não há mais vestígio do colégio da via Amedei 2 (mapa p. 148), que foi adquirido em 1858. No domicílio construído no lugar, somente um pátio quadrado fechado por uma cerca em ferro batido atrás do portão lembra a estrutura do antigo edifício.



Nem mesmo entre as numerosas cartas enviadas por Biraghi às suas Marcelinas há alguma alusão, mesmo de passagem. Entretanto, foi a segunda casa aberta em Milão, poucos anos depois da casa da via Quadronno, em 1859, e não muito distante dela. Talvez seja daquela época a grade da entrada que dá para a guarita, trazendo no centro um brasão, provavelmente o do Instituto.



O prédio era o palácio Mazenta que seu proprietário cedera às Irmãs Marcelinas com o acordo de que elas ensinassem o catecismo na paróquia de Santo Alessandro, onde já há alguns anos Biraghi se hospedava com os Barnabitas.

A obra nasceu com a finalidade de acolher surdas-mudas pobres, segundo o desejo do conde Paulo Taverna que se tornara o protetor leigo depois da morte do conde Mellerio. “Mas, no último momento, conde Taverna rompeu com o compromisso que assumira, portanto, as Marcelinas precisaram pensar numa outra utilização do imóvel. Abriram, em conformidade com as novas exigências, uma escola para as alunas externas, logo muito frequentada, e acrescentaram uma escola gratuita para as meninas pobres da paróquia, aceitando no internato algumas surdas-mudas de famílias abastadas. (*Positio*, pág 582). A solução de formar um externato e em anexo uma escola gratuita é narrada com entusiasmo pela própria Videmari, na história por ela mesma redigida. (*Alla prima fonte*, 73-74):



Pensou-se em abrir externatos e foi elaborado um programa para essa modalidade. A ocorrência foi consoladora.

Do lado oposto do edifício que dá para a praça Olmetto, foi aberta uma escola gratuita para as crianças pobres da paróquia [...]. Nós ficamos satisfeitas com o bom andamento daquela casa, objeto de tanta preocupação, e o conde ficou contente com a solução encontrada. Ficou feliz o Superior Biraghi por ter uma casa perto dele onde poderia celebrar a missa, oferecer frequentemente conferências religiosas e entretenimentos santos e instrutivos às suas filhas, todas essas coisas lhe eram caras, esperavam-se dias tranquilos no horizonte.

A casa foi vendida em 1945, no final da guerra, porque duramente atingida pelos bombardeios em um momento em que a Congregação atravessava grandes dificuldades econômicas. Havia sido dedicada a São Carlos. A pintura que retrata o Santo, antes guardada na capela do edifício, depois do seu fechamento, foi transportada para Cernusco, onde ainda pode ser admirada numa das salas contíguas à entrada da primeira casa das Irmãs Marcelinas.



Essa pintura, de autor desconhecido, representa o cardeal recolhido em oração durante o jejum, segundo uma iconografia típica de 1600, muito popular em seus tons de severa austeridade, adotados pelos bem conhecidos pintores do século, tais como Cerano e Daniele Crespi.

Carlos Borromeo (1538-1584), nomeado arcebispo de Milão com apenas 27 anos, deu vida a numerosas instituições de caráter educativo e a obras de caridade. Participou das fases finais do Concílio de Trento e se tornou o intérprete da reforma do clero; instituiu os seminários, entre eles o de Milão, no qual Biraghi estudou e foi depois diretor

espiritual. A figura dele esteve bem presente em toda a sua vida. Ele é o único que encarnou a tradição na continuidade firmemente ligada a Santo Ambrósio. Biraghi o recorda com frequência nas cartas às suas filhas espirituais. Está na sua lista junto com outras personagens significativas às quais habitualmente recorre e das quais recebe ajuda e reconforto: “[...] graças a Deus, a Santo Ambrósio e a Santa Marcelina, a São Carlos, a São Francisco de Sales e Nossa Senhora de Santa Maria, que pela primeira vez me inspirou e fortaleceu o pensamento da Congregação, em outubro de 1837 e 1838” (5 de outubro de 1873).

Ora pela Ir. Marina Videmari na cripta do Duomo, onde se encontra o corpo do Santo: “Hoje rezei por você na cripta de São Carlos” (24 de dezembro de 1841).

No Duomo, por ocasião de sua festa e em outras ocasiões, Biraghi faz o panegírico São Carlos, um deles é conservado no arquivo geralício das Marcelinas: “Fiz o panegírico de São Carlos” (4 de novembro de 1843).

Dele se recorda e transcreve algumas passagens da meditação: “Oh noite melancólica e tétrica que o bom Jesus passou no jardim! Naquelas trevas, naqueles temores, entre aqueles gemidos, fiquemos ao seu lado, desejemos poder consolá-lo. Este é o ponto da Paixão que São Carlos amava tanto meditar e onde encontrava maior gosto e fruto” (7 de abril de 1846).

Guardava suas palavras como sagrada lembrança: “Hoje recebi o presente de uma carta manuscrita de São Carlos ao Beato Alessandro Sauli. Colocá-la-ei em moldura e enviá-la-ei a você como relíquia.” (20 de abril de 1844).

Biraghi se sentia próximo a São Carlos, sem dúvida também pelo costume de ir a Cernusco para descansar; como recorda: “[...] oprimido pelos mil cuidados da diocese, retirava-se em Cernusco junto aos barnabitas para dar repouso ao corpo e fervor à alma” (8 de janeiro de 1844).

PARA UM MOMENTO DE REFLEXÃO

Façamos nossa a preocupação educativa de Biraghi para com os jovens de então, que hoje se renova e se concretiza na obra de suas filhas Marcelinas. Iniciemos nossa reflexão escutando diretamente as palavras do sacerdote lombardo, as motivações que outrora o levaram a agir diante do “estrango da educação”. Estas últimas são tiradas dos autógrafos, conservados no Arquivo Geralício das Marcelinas.

As Irmãs Marcelinas surgiram na diocese e cidade de Milão quando ainda não havia institutos religiosos para a educação da juventude e toda a educação estava em poder de senhoras e mestras seculares que, sob aparências de métodos modernos, de modernas ciências, administravam ensinamentos vaidosos e superficiais. (n. 70).

Quando, em 1810, houve a supressão geral das entidades religiosas, as senhoras seculares se apropriaram totalmente da educação das meninas da burguesia da cidade de Milão. Essa educação era principalmente frívola e só voltada para as aparências e vaidades. Com solenidades que agradavam ao público, com a lisonja de menções honrosas dispensadas às alunas, exibindo possuir ampla ciência, que negavam às antigas monjas, enganavam os pais, estragando gerações inteiras. Estando eu, em Milão, sentia grande pena por esse tão grave e universal estrago da educação e, com a ajuda de Deus, pensei como se poderia instituir um corpo religioso que unisse o método e a ciência, requeridos pelos tempos e pelas leis escolares, ao espírito cristão e às práticas evangélicas. (n. 69).

Com poucos traços podemos delinear a figura da Irmã Marcelina educadora, assim como foi pensada pelo fundador. Sobre esse retrato, com traços decididamente cristocêntricos, encontramos num trecho da introdução de Massimo Marcocchi na recente publicação das Cartas às suas filhas espirituais, servindo-se das mesmas expressões de Biraghi, tiradas da correspondência com as Marcelinas (pág.14-15):

Invocando o exemplo do “grande mestre Jesus” que viveu uma vida comum, simples, sem singularidade alguma, Biraghi exorta ao exercício das “virtudes mais comuns”, como “a obediência, o silêncio, a caridade para com as Irmãs, o desejo de ser desprezada e considerada como nada; o ter o coração desapegado de tudo, pronta a morrer cada dia”. A idéia dominante é a imitação de Cristo “mestre” e “modelo”. A perspectiva cristocêntrica, proposta a Videmari, torna-se o programa de toda a Congregação que deve “estudar” e “meditar” a vida de Cristo para “imitá-lo”, e para vivê-lo”.

A imitação, entretanto, não é reprodução passiva, exterior e ostensiva de um modelo, mas a vivência das virtudes que resplandeceram em Cristo durante sua vida pública e sobre cruz: humildade, pobreza, obediência, castidade, simplicidade, mansidão, paciência, bondade, inocência e caridade. De modo especial a caridade, pois a cruz não é somente modelo de despojamento e de abnegação, mas é, sobretudo, a revelação suprema do amor de Cristo pelos homens; por isso o lenho da cruz acende e alimenta o fogo da caridade. Portanto, a Irmã Marcelina é chamada a testemunhar o espírito de amor emanado de Jesus. Biraghi confia às suas filhas espirituais a missão de continuar na história o amor de Cristo, tornando presente o amor com o qual Deus Pai ama, em Cristo, todos os homens.

Biraghi destaca a dimensão cristocêntrica não apenas nas cartas às Marcelinas, mas também na *Regra* de 1853, onde descreve as atitudes que deve ter a Irmã educadora:

[...] Sejam simples discípulas na escola do grande Mestre Jesus Cristo. (pág. 49)

Amem e imitem Jesus Cristo, nosso Salvador, nosso Mestre e Modelo; nisso consiste o essencial da religião cristã. (pág. 52)

Tenham constantemente diante dos olhos o Divino Mestre Jesus Cristo. (pág. 73-74)

A referência evangélica colocada como fundamento desses ensinamentos biraghianos é sem dúvida constituída pela passagem de Mt 23,8-10, na qual Cristo é o único modelo a ser imitado: de fato, Ele é o verdadeiro Mestre.

Mas quanto a vós, não deixeis que vos chamem “rabi”, porque um só é vosso Mestre e vós sois todos irmãos. E não chameis a ninguém de “pai” sobre a terra, porque um só é o vosso Pai, aquele que está no céu. E não deixeis que vos chamem “mestres”, porque um só é o vosso Mestre, Cristo.

A OBRA CULTURAL DO BIRAGHI EM MILÃO

Em 1855, Biraghi foi nomeado doutor da Ambrosiana, uma das mais importantes bibliotecas públicas européias. Sua vida de estudos e de escritor lhe deram oportunidade de desenvolver sua tendência aos estudos e de fazer o bem na sua diocese através de escritos. Nessa época vivia com os Barnabitas e colocava seu ministério sacerdotal a serviço da paróquia.

Em 1864, a paixão pela arqueologia cristã o levou a fazer uma descoberta bem relevante na cidade de Milão: sob o altar da basílica de Santo Ambrósio descobriu os despojos do santo Padroeiro.

Esse lugar é facilmente alcançado pela linha verde (M 2) da Metropolitana (mapa pag. 70).



O nosso itinerário biográfico nos leva, portanto, em direção à praça S. Sepulcro, no coração da Milão romana, em volta da qual se irradiam ruas com reminiscências medievais, cujas corporações ganharam imortalidade na toponomástica. Para esse espaço, no passado, convergiam as duas principais vias da cidade romana, Cardo e Decumano, num ponto chamado Foro: recentes escavações trouxeram à luz essa relevante documentação arqueológica. A praça Pio XI, abre acesso ao palácio onde está sediada a Biblioteca Ambrosiana. Podemos chegar ali pelas linhas metropolitanas M1 e M3, parada Cordúcio ou Duomo.

Diz-se que nos anos em que o Biraghi frequentava a Ambrosiana, residindo com os Barnabitas da praça Santo Alessandro, ali se chegava facilmente pela praça S. Sepulcro, onde havia um antigo acesso à Biblioteca. Para reconstruir esse percurso, pode-se pegar a via Valpetrosa, assim chamada porque, antigamente era sede dos escultores. No cruzamento com via Torino, segue-se pela via della Palla, nome devido a um hipotético jogo antigo, atingindo-se finalmente a praça Santo Alessandro onde se encontra a igreja do mesmo nome. O antigo colégio



dos Padres Barnabitas, que hoje se alcança pela praça Missori 4, está situado à rua Zebedia, por onde antigamente se entrava : uma passagem ainda existente põe em comunicação a residência dos Padres com o exterior.

A BIBLIOTECA AMBROSIANA



O edifício apresenta uma arquitetura sóbria e elegante, com duas colunas de janelas arquivadas. O arquiteto Giacomo Moraglia, que nos oitocentos ampliou a construção, quis dar-lhe um aspecto neoclássico e modificá-la a partir da entrada. O projeto originário remonta a 1603 e foi tradicionalmente atribuído a Lelio Buzzi, até que, recentemente, foram encontrados alguns desenhos de Richino. A entrada da construção de então, que ainda hoje pode ser observada da praça S. Sepulcro, era constituída por um alpendre triangular, ritmado por quatro pilastras dóricas.



O edifício é sede de um importante centro de estudos que abrange milhares de livros, manuscritos, pergaminhos, incunáveis e documentos vários. A Ambrosiana foi a primeira biblioteca verdadeiramente pública da Europa. Nasceu do desejo do cardeal Federico Borromeu, primo de São Carlos, que quis erigir um lugar de cultura, no qual o estudo se tornasse o instrumento mais adequado para combater a heresia protestante. Para alcançar esse fim, foi antes necessário que os livros pudessem ser colocados ao alcance daqueles que necessitavam consultá-los, coisa muito rara na época, “muito além das idéias e hábitos comuns àquele tempo”, como lembra Manzoni. De fato, no seu célebre romance Os noivos, no capítulo XXII, o autor afirma que a Biblioteca Ambrosiana, como queria seu fundador, deveria ter uma finalidade prática, “a intenção da utilidade perpétua”: que os livros, habitualmente relegados aos armários, “fossem expostos à vista do público, dados a quem os pedisse.”

LUIGI BIRAGHI, HOMEM DE ESTUDOS



O período vivido na Ambrosiana ofereceu a Biraghi a possibilidade de realizar seus estudos na ótica sempre viva do aprofundamento da fé e da divulgação apostólica. Ele – escreve Ferragatta na biografia – “amante da cultura e das profundas pesquisas, compreendeu e viveu plenamente a vontade do cardeal fundador: a grande biblioteca deveria contribuir para a formação de um clero estudioso, que pudesse colocar a serviço da missão, com comprovada capacidade de doutrina e de ministério, os tesouros hauridos no sacrário da ciência e da sabedoria” (pp. 90-91).

Alí, em 1855, Biraghi recebeu o título de doutor da Biblioteca Ambrosiana, depois de um longo trabalho. Em consequência dos acontecimentos políticos que envolveram a cidade de Milão em 1948, ele também foi visto com certa desconfiança pelo governo austríaco restaurado e se viu por isso obrigado a abandonar pouco a pouco seus cargos no seminário, não obstante a insistência do arcebispo Romilli junto às autoridades austríacas. Inicialmente foi obrigado a deixar o cargo de diretor espiritual, depois, em 1854, o de professor.



O doutorado na Ambrosiana foi uma oportunidade propícia que lhe permitiu desenvolver aquela dimensão intelectual já presente nele, desde os tempos da sua pequena e tanto amada biblioteca particular da Castellana. Podemos facilmente imaginá-lo consultando os volumes colocados nas salas oficiais da vasta biblioteca que conservam a estrutura das origens e, portanto, eram também assim no Oitocentos: a Federiciana, reservada à leitura no verão, a sala de leitura no inverno, usada no período frio (foto pag. 107), e a sala Custodi, desde o tempo do Biraghi, destinada a depósito dos livros.



A *Positio* especifica que este “Era seu modo de entender a vida de estudos: não tanto como solitária tensão do espírito para verdades alheias aos interesses comuns, mas como exercício de compreensão e de colaboração com a conquista científica, para ser oferecida a todos” (p. 680). Ser útil ao próximo, defender a fé, servir a Jesus Cristo: nestas palavras poderia ser resumida a sua atitude diante do universo do conhecimento que crescerá junto com ele e que se abrirá totalmente ali na Ambrosiana, no rigor dos estudos enfrentados com método. Este *modus operandi* lhe era habitual. Em novembro de 37 escrevia à jovem Marina Videmari, que estava conduzindo para a vida apostólica (*Cartas*, 17 de novembro 1837):



“Procure orientar o estudo ao seu único fim: servir melhor Jesus Cristo e ajudar melhor o próximo. Caso contrário, se servirdes à vaidade, à ambição, perdereis o mérito”.

Ainda em relação a essa atitude interior, Ir. Luigia Maldifassi nos diz que “ele descobriu o que queria seu coração e vivia com respeito e humildade a sua vida de sacerdote e de estudioso, sempre pronto a dar indicações, subsídios, normas aos estudiosos, sem exercer aquela egoística privacidade que às vezes torna inacessível e, portanto, infrutífera a erudição e a ciência”(VIII, 11-12). Ele foi um homem profundamente amante do estudo e da cultura. Sobre esse aspecto, Portaluppi no *Perfil espiritual*, nos oferece também um aprofundamento quando coloca em evidência que “o estudo não é por ele encarado como um direito exclusivo, mas instrumento e condição para desenvolver a mais profunda inclinação ao cuidado das almas” (p. 10). De fato (*Ibidem*, pp. 153-154),

Pe. Luigi Biraghi, ao lado de uma alma quente e vibrante, com a qual viveu sua fé religiosa muito intensamente, possuiu um espírito em busca contínua da verdade e uma inteligência dinâmica e vigorosa. O estudo foi nele a integração da piedade. O saber, a cultura, adquiridos com o trabalho em cada momento livre, ou subtraído ao sono, constituiu o alimento delicioso para sua própria vida espiritual. [...] Ele experimentava que a mente alimentada sabe conceber a verdade em atitudes renovadas e que a atenção dos ouvintes sente-se atraída pela expressão inusitada. Sentia que a busca intelectual enriquece também um coração sensível, ansioso por experimentar sempre mais diretamente o benefício da verdade. Assim luz e calor se multiplicam e o lucro vai para as almas do Senhor. Essas percebem ter diante de si, - mais do que repetidores de mandamentos, privados de uma paixão interior, sofrida pela busca - consciências, em certo sentido, proféticas.

Um século depois, o Concílio Vaticano II, que dirigia sua palavra a “homens e mulheres de todas classes e nações, conscientes de serem artífices e autores da cultura da própria comunidade”, no discurso sobre a promoção do progresso da cultura, observa que “com o termo genérico cultura entende-se indicar todos os meios pelos quais o homem aperfeiçoa e desenvolve seus múltiplos dotes de alma e de corpo; [...] torna mais humana a vida social [...] comunica e conserva nas suas obras as grandes experiências e aspirações espirituais, para que possam servir ao progresso de muitos, antes, de todo o gênero humano [...] No mundo inteiro desenvolve-se cada vez mais o sentido da autonomia e da responsabilidade, valor de suma importância para a maturidade espiritual e moral da humanidade. Isso aparece ainda mais claramente se tivermos presente a unificação do mundo e a tarefa que nos propomos de construir um mundo melhor na verdade e na justiça. Desta forma somos testemunhas do nascimento de um novo humanismo no qual o homem define-se, antes de tudo, pela sua responsabilidade diante dos seus irmãos e da história” (*Gaudium et Spes* 53; 55).

Monsenhor Biraghi sempre soubera e experimentara que um estudo conduzido com constância e seriedade, com assídua aplicação e profundo sentido do dever leva inevitavelmente a uma vida sóbria, austera, que conhece a renúncia e o sacrifício. “Estudai com a reta intenção de agradecer ao Senhor”, escrevia à jovem Marina Videmari numa carta, em 26 de janeiro de 1838, quando ela se encontrava ainda em Monza junto às professoras Bianchi, para um período de formação cultural e espiritual; “e fazei dos estudos – acrescentava – uma forma de penitência”. Ele, que era homem de estudos e bem conhecia as fadigas do estudo e do ensino, numa carta, aos 19 de maio de 1839, insistia com suas Marcelinas professoras que “[...] nenhuma penitência aflige tanto o corpo quanto a escola”. De fato, Biraghi não quis para as Irmãs práticas de “penitências extraordinárias”, convicto de que uma vida bem consumida nas “práticas comuns” (Regra, pp. 38-39) nada subtrai à conquista da santidade. Numa carta precedente, já lhes tinha dado orientações enraizadas na espiritualidade de São Francisco de Sales. Ele, Francisco de Sales, “que foi o grande mestre de espírito que vós bem conheceis, não estimulava muito às penitências corporais, dava preferência às mortificações internas da vontade” (*Cartas...*, 6 de março de 1839).

OS ANOS NA AMBROSIANA

Durante os anos passados na Ambrosiana, Monsenhor Biraghi teve a oportunidade de conhecer homens ilustres e de aprofundar e desenvolver sua cultura humanística sempre cultivada com paixão. Desde 1841, quando escrevia para o periódico “*L'Amico Cattolico*”, revista destinada ao clero e ao ambiente católico milanês, com a finalidade de orientar as ideologias da cultura secularizada do tempo, ele havia percebido na imprensa um instrumento para difundir a fé e defender a Igreja e empenhou-se em usá-la criando em vários gêneros literários.

Também a Vida de Santa Marcelina, que retratava o modelo cristão da mulher educadora que queria propor às suas Irmãs, foi escrita com finalidade apologética: “Nela – escreve ao ilustre amigo arqueólogo De Rossi, na carta de 28 de abril de 1863, – além dos exemplos da Santa Padroeira das Irmãs Marcelinas, selecionei e dei a conhecer os dogmas e as principais práticas católicas como eram entendidas e praticadas pelo grande Doutor Ambrósio e pelos seus”. Com a intenção de ressaltar “em Ambrósio e em Marcelina o máximo de deferência ao bispo de Roma - como vemos na Positio – Biraghi visava reafirmar a união com a Santa Sé, com o clero milanês que, por motivos políticos mais que teológicos, através de alguns elementos pontuais, reivindicava, em nome do grande Ambrósio, uma certa autonomia do pontífice romano.” (p. 797).

Em consequência da crise política que se criara depois da unificação da Itália e que envolvera também o clero milanês, Biraghi precisou trabalhar para amenizar as controvérsias surgidas entre o clero e a Santa Sé. Assumiu a missão de mediador entre as duas partes. Conserva-se uma carta de 29 de junho de 1862, autografada pelo Papa Pio IX, que a ele se dirige, em tom familiar e bastante informal, para confiar-lhe a missão de pacificador entre as várias tendências.

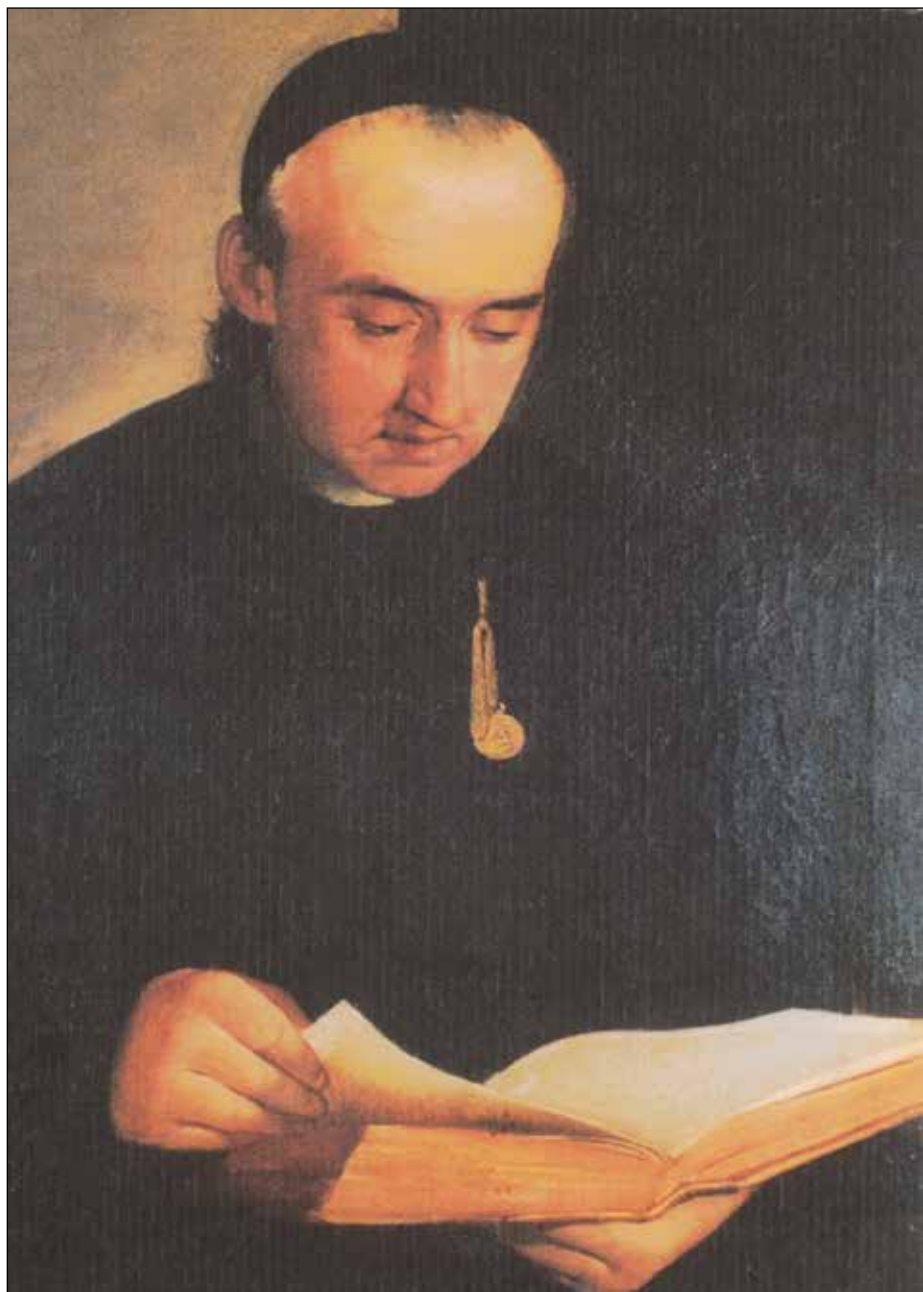
“Queira Deus – responde Biraghi – que eu possa ter tanta autoridade para poder penetrar, convencer e reduzir todos à unidade e obediência como convém aos Ministros da Santa Igreja una, católica, animada pelo Espírito do Salvador Nosso Jesus Cristo!” (em *Positio...*, p. 785). Professora assim sua fé católica e, em seguida, manifesta toda a sua devoção para com o Papa, em cujo nome inicia o trabalho: “Eu ouvi com coração a voz da sua preciosíssima carta como a voz de Jesus Cristo, e imediatamente me empenhei em fazer o melhor que pude.” (*Ibidem*, p. 785).

18

D. Luigi Piraghi

Ho ricevuto il suo uero lavoro sup
 l'uni di S. Ambrogio, che leggerò
 molto volentieri appena le mie
 occupazioni me lo permetteranno.
 E poiché Ella vi mostra così
 devoto del S.^o Dottore) Io vorrei
 darle un incarico che saprei
 tornare grato a questo Protettore
 di Milano, e meritarsi a lui la
 sua benedizione nell'esporsi.
 E' cosa troppo nota la situazione
 non lodevole nella quale si trova
 una porzione del Clero di questa
 Città. Ella vi adopri il quanto
 può affine di persuadere la tanta
 unione, e la soggezione al
 prelado. Si spera che S. Luigi
 che una volta di un'alta e santa
 te per ricondurre la calma, e
 serenare lo spirito, e togliere
 di mezzo uno scandalo che affligge
 la Chiesa. Ella adunque si
 accinga alla santa impresa
 nel la quale viveva la missione
 del S. Padre di Gesù Cristo, quan-
 tunque indaga. Del resto Io
 pongo la mia premura e i miei
 desiderj nelle mani dello stesso
 Gesù Cristo.
 Ad benedire coll'Angelica Benedizio-
 ne).

Il giorno di S. Pietro 1862.
 firmato — Luigi P.P.P. IX —



Eram anos de grande confusão, seja internamente entre o clero milânês, seja nas relações do clero com o Estado. Basta lembrar que, em 1859, falecido o arcebispo de Milão Romilli foi nomeado em seu lugar Monseñor Paolo Ballerini, cuja nomeação não foi reconhecida pelo governo. Ele precisou viver no exílio sendo-lhe impedido de assumir o cargo. Em seu nome governou a Diocese Mons. Carlos Caccia Dominioni, até 1866.

A situação particular da diocese de Milão deve ser analisada em meio a uma extrema tensão existente entre o estado Italiano e a santa Sé, surgida na época por causa dos revezes políticos que envolveram a Itália desde 1848 e que se seguiriam também pelos decênios sucessivos. Entre esses eventos recordamos primeiro as guerras para obter a independência, a laicização progressiva do Estado, a concretização da unidade da Itália com as suas conseqüências, a “questão romana” que surgiu quando foram retirados de Pio IX os territórios que constituíram por séculos o Estado da Igreja; a declaração da infalibilidade do Papa proclamada pelo Concílio Vaticano I e a ocupação de Roma por parte do exército italiano, marcando o fim do poder temporal dos Papas.

Nesse contexto político, Biraghi continuava a sua obra cultural de difusão da fé católica. Data de 1863 um escrito de avaliação sobre o livro de E. Renan, *“Vida de Jesus”*, *Carta do padre Luigi Biraghi, comentada por Franco Buzzi*, por ocasião das celebrações do bicentenário do nascimento do sacerdote ambrosiano. Biraghi quis - relata o autor- “ajudar seus leitores a formar um juízo correto e crítico sobre essa Vida de Jesus que suscitava tanto sensacionalismo e fazia grande sucesso, especialmente entre as classes elevadas [...] Porém – continua Buzzi, parafraseando as palavras de Biraghi – é um livro que nem valeria a pena contestar! Sim, porque o autor é mais digno de pena do que de contestação..., e a fé cristã sai mais confirmada do que abalada pelo conjunto do livro [...]. Como vemos, o que mais interessava ao estudioso Biraghi era a salvação das almas: ele não deixava de ser um pai espiritual, mesmo através das suas intervenções culturais” (pp. 116-118).

Graças também à sua cultura filológica, que lhe permitia lidar livremente com a língua grega e hebraica, pode produzir alguns escritos de caráter histórico, ligados ao grande interesse que possuía em relação à arqueologia cristã, que teve seu cume em 1864, com o feliz descobrimento dos três sepulcros ambrosianos: tratava-se da descoberta dos corpos do santo bispo Ambrósio, de São Protásio e de São Gervásio.

Assim escreve Pe. Agostino Acquistapace, seu amigo e companheiro, numa carta conservada no Arquivo Generalício das Marcellinas (Ep. II, 173):

“Não há dúvida de que os trabalhos da tua douta pena, sem ser pesados, mostram o homem de vasta erudição, de finíssima crítica e de brilhante inteligência e te colocam na categoria dos arqueólogos mais distintos do nosso tempo. Bendito seja o Senhor doador de toda luz, o seu servo e a sua boa vontade. Tu, entretanto, com esses trabalhos entrelaçados com uma vida comum, de retiro, de oração, santificas a ti próprio, enquanto educas e instrues os outros [...].”

A figura do bispo Ambrósio e a Igreja milanesa foram pontos de referência no caminho de pesquisa empreendido por Biraghi. Dois anos antes do descobrimento dos despojos, um estudo sobre *Inni sinceri e Carmi de S. Ambrósio*, dentro de um rigor incomum na época para assegurar uma correta atribuição de alguns textos poéticos ao bispo milanês. A questão é atual, porque ainda hoje é vivo o debate sobre a autenticidade dos hinos santambrosianos. Dois séculos depois, afirma sobre ele Gianfranco Ravasi: “Sabemos que ele foi o primeiro autor de uma edição crítica dos hinos de Ambrósio, uma edição que, como todas as experiências pioneiras, tem limites, porém é uma estrada aberta no interior de um percurso que será depois seguido por outros. [...] Além disto, essa pesquisa era também a expressão do amor que ele possuía pela figura não somente do padroeiro da Igreja de Milão, mas também das raízes vitais dessa grande árvore que foi a Igreja de Milão” (pp. 59-60).

No conjunto esses seus escritos precisos foram redigidos com um estilo que Portaluppi define como “ordenado e sóbrio”. Neles percebe-se a mente alimentada pelos estudos clássicos e o espírito reto e sincero. Sua expressão adere ao pensamento e o período é transparente e geralmente leve, no decoro grego de sua elegância. Oferece parca vivacidade e pouco ímpeto. Qualidades estas que ao contrário encontramos com muita abundância nas cartas, onde sua alma de sacerdote e de educador não assume aquela postura que um escritor muitas vezes pensa precisar adotar ao se dirigir ao público. Na escrita, aparece sua preocupação em expor seus raciocínios com clareza, com erudição, com propriedade de vocabulário. E isso representa certamente grande qualidade (pp. 172-173).

Pe. Luigi Biraghi foi bom escritor e hábil orador. Um modo penetrante de colocar o discurso, gerado por seu temperamento reflexivo, produzia em “quem escutasse sua palavra[...]a necessidade de se tornar melhores [...]” (G. Pozzi, p. 25).

“Pe. Luigi Biraghi – afirma monsenhor Meregalli na redação da biografia de um discípulo espiritual de Biraghi, o barnabita padre Villoresi – possuía a ciência dos santos. É essa posse, essa identificação do sobrenatural que o fazia falar com natural segurança de coisas grandes com termos familiares e com simplicidade sobre os mais elevados assuntos, de forma que enchia de admiração os seus ouvintes” [...] (p. 39).

“[...] nele verdadeiramente o estilo foi o homem. As qualidades naturais que o distinguiram são antes de tudo simplicidade e espontaneidade de inteligência, de coração, de atitudes, que o tornaram pronto para apreciar e seguir as melhores orientações de pensamento e de vida do seu tempo e lhe permitiram colocar-se frente à realidade, no plano teórico e prático, com admiração, maravilha, cordialidade. Daí o entusiasmo, a expansividade que singularmente o favoreciam no seu magistério entre os jovens e o abriram a um diálogo construtivo com eles.” (*Positio...*, p. 1052).

PARA UM MOMENTO DE REFLEXÃO

Como conclusão, para alimentar a reflexão sobre estas especiais dimensões da sua mente, podemos recorrer às palavras dirigidas aos intelectuais, que se encontram entre as mensagens enviadas pela Igreja ao mundo, no término do Concílio Vaticano II (8/12/1965).

O discurso é dirigido aos intelectuais, aos homens de ciência, a quantos buscam a verdade, aos estudiosos desta nossa humanidade a caminho da luz:

[...] Nós não poderíamos deixar de nos encontrarmos. O seu caminho é também o nosso. Os seus pensamentos não são estranhos aos nossos. Nós somos amigos de sua vocação de pesquisadores, aliados de suas fadigas, admiradores de suas conquistas e, se necessário, consoladores de seus desânimos e de seus insucessos. Portanto, temos também para vocês uma mensagem, e é esta: Continuem suas buscas sem cansar, sem nunca desistir da verdade! Lembrem-se da palavra de um de seus grandes amigos, Santo Agostinho: “Busquemos com o desejo de encontrar e encontremos com o desejo de buscar ainda mais”. [...] Sem impedir seus passos, sem ofuscar seus olhares, nós vi-

*mos lhes oferecer a luz da nossa lâmpada misteriosa: a fé.
[...] Nunca talvez como hoje, graças a Deus, é tão eviden-
te a possibilidade de uma concordância profunda entre a
verdadeira ciência e a verdadeira fé, uma e outra servas
da única verdade. Não impeçam esse precioso encontro!
Tenham confiança na fé, grande amiga da inteligência!
Deixem-se iluminar pela sua luz, para alcançar a verdade,
toda a verdade!*

Transformemos essas reflexões em oração, com as palavras de Romano Guardini, que nos conduzem para a luz de Deus, guia seguro na escolha do bem.

*Ó Deus, tu sustentas tudo o que existe
sobre o abismo do nada
e o penetras com tua potência
para que seja, mova-se e viva.
A todas as coisas deste uma faísca da tua claridade,
porque somente de Ti, Pai de toda luz,
elas recebem verdade e valor.
Tudo é permeado pelo teu sopro e pleno do teu mistério.
Todas as coisas orientam o espírito do homem
para fora e para cima dele em direção ao Uno mais Alto que ele
e faz pressentir no coração
uma potência que não vem dele .
Eu te peço, Senhor, abre o meu coração ao Mistério
que em toda parte dá testemunho de Ti.
Dá segurança ao meu conhecimento
a fim de que eu possa chamar de bom o bem e de mau o mal.
Ilumina o meu espírito,
para que eu saiba discernir o que leva a Ti
e o que afasta de Ti, no erro e no engano.*

HOSPEDE EM SANTO ALESSANDRO



O antigo colégio dos Barnabitas hoje é um moderno pensionato universitário dirigido pelos Padres, inserido na estrutura seiscentista originária, da qual respeita as características. Isto nos permite percorrer algumas áreas do edifício que, sem dúvidas estavam presentes no Oitocentos, no tempo de Biraghi.

Aqui ele quis morar quando foi nomeado para a Ambrosiana, renunciando, portanto, a morar no palácio contíguo, ao qual tinha direito na qualidade de doutor. Não muito longe da Biblioteca, a estrutura do Santo Alessandro lhe pareceu mais adequada para continuar a vida de comunidade a que estava habituado no seminário, na convivência com aqueles que afetuosamente definira “os meus Padres” numa carta de 18 de novembro de 1875, endereçada à superiora do colégio das Irmãs Marcelinas de Genova. Consta nos Atos do Capítulo do colégio de S. Alessandro que o pedido de hospedagem apresentado por Biraghi foi acolhido favoravelmente, por “tratar-se de uma pessoa com muito bom relacionamento com a nossa Congregação, sacerdote exemplar, insigne por sua piedade e doutrina” (Arquivo dos Barnabitas S. Alessandro, Milano, p. 25).

Cercada por históricos edifícios que pertencem aos séculos XVII e XVIII, sobre uma imponente escadaria, ergue-se a igreja seiscentista de Santo Alessandro. A construção, iniciada pelo Pe. Lorenzo Binago em 1601, foi continuada através dos anos por outros arquitetos como Richino e terminada pelo Pe. Marcelo Zucca em 1717. O aspecto monumental, típico do barroco, atende à exigência de colocar o edifício num pequeno espaço urbano milanês: a fachada, enquadrada entre duas torres, eleva-se para a cúpula.



Ornamentado com estilo barroco, no interior da igreja, encontram-se os lugares da pregação, da penitência e da celebração que Biraghi deve ter frequentado durante o longo período transcorrido em Santo Alessandro. Entre esses, o púlpito de pedras duras levantado sobre uma coluna, os confessionários de madeira esculpida inseridos nos nichos parietais, o altar mor, com seus mármore, pedras duras e bronze, enfim o coro, em nogueira, destinado à celebração do ofício e à meditação. Também a sacristia, com os móveis da época e os preciosos paramentos, é rica de lembranças, assim como a segunda capela à esquerda, dedicada a Nossa Senhora das Dores tão querida a Biraghi; como não pensar que aí se detivesse, várias vezes, em oração?





Das origens, o convento conservou a parte destinada aos dormitórios, que se estende em um longo corredor, com suas maciças portas da época, a estrutura do pátio com galerias e colunas binadas.

Monsenhor Biraghi retribuía a hospedagem recebida dos barnabitas colocando a serviço da paróquia o seu ministério sacerdotal. Na carta de 19 de setembro de 1855, endereçada ao pároco, Pe. Giuseppe Mazzucconi, e conservada no arquivo de S. Alessandro junto ao pedido para ser acolhido, ele promete a sua colaboração pastoral: “Eu amo de coração a Congregação dos Barnabitas, que considero como minha, contando com ótimos religiosos, muitos dos quais recordo com prazer terem sido meus discípulos de letras e de espírito. Congregação, lugar de queridas memórias e de belas esperanças, como gostaria de fazer algo por ela. Mas, depois de 31 anos de trabalhos nos Seminários e em outros afazeres, que posso eu oferecer a não ser um pouco de ajuda atendendo em confissão e ajudando (quando for necessário) os estudantes de S. Bárnaba na língua grega e hebraica para compreensão das Sagradas Escrituras, etc...? Eu, na realidade, procuro um sagrado asilo para mim, um quarto onde retirar-me na Casa Religiosa de Santo Alessandro que me é muito querida e propondo uma recompensa, pois é justo que eu retribua”.

Biraghi chegou a S. Alessandro em 1855, depois de acontecimentos desgastantes na diocese. Uma carta datada de 18 de março de 1854 em resposta a Irmã Marina Videmari, nos faz perceber a sua preocupação, o peso da incerteza desse momento de passagem, embora vivido por ele com espírito de fé: “Caríssima, não se perturbe por mim que, graças a Deus, sei ocupar-me com estudos e coisas daqui de baixo e de pensamentos lá de cima, de forma que me tranquilizo e me acalmo facilmente. Entretanto, obrigado pela vossa bela e querida carta; obrigado pelo vosso bom coração do qual conheço a sinceridade e generosidade. Vós estais coberta de razão: ajudemo-nos, consolemo-nos”. Pe. Luigi sabia como viver abandonado nos braços da providência: “Sim, devemos procurar somente aquilo que Deus quer de nós e, com santa resignação, deixarmo-nos conduzir pela sua santa mão.” (*Cartas...*, 19 dicembre 1853).

Na prática, deixar definitivamente o seminário, que por trinta anos tinha sido o seu domicílio e também o lugar onde desenvolvia a sua atividade pastoral, implicava encontrar um lugar alternativo no qual pudesse levar uma vida semelhante, em comunidade, ritmada por uma disciplina, desprovida de todo conforto individual. Isto era o que o Biraghi queria e isso encontrou junto aos Padres Barnabitas. Em 12 de novembro de 1855 enviava ao colégio de Vimercate uma carta a Videmari, para comunicar-lhe sua posição quanto à situação do momento: “eu comecei a morar em Santo Alessandro e hoje comecei ir à Biblioteca: estou contentíssimo com uma e outra coisa”.

Assim será até o final. Em 1º de abril de 1878, pouco tempo antes de morrer, confiava à Irmã Caterina Locatelli, superiora da casa de Genova: “Aqui nós gozamos paz *in nomine Domini*, e devemos agradecer ao Senhor que usa para conosco de indulgência e benignidade”. De fato, Biraghi habitará com os barnabitas até os últimos momentos da sua vida terrena, quando, no inverno de 1879, começando a sentir alguns distúrbios de estômago que lhe causavam desmaios, foi transferido para a hospedaria do Colégio de via Quadronno, junto às Irmãs Marcelinas. Não conhecemos muito sobre esse período, temos pouca documentação. “As notícias sobre esses últimos anos se fazem cada vez mais escassas - comenta Portaluppi na biografia -. Talvez nenhum acontecimento particular tenha perturbado sua vida regular. A humilde e devota cela de Santo Alessandro, os estudos prediletos e os habituais cuidados para com as suas Irmãs e seus Colégios certamente eram para ele objetos das mais serenas satisfações. Os cuidados e o peso das grandes comunidades se encontravam definitivamente sobre os ombros ainda fortes de Madre Videmari” (p. 232).

PARA UM MOMENTO DE REFLEXÃO

Para um momento de reflexão, pensemos em Biraghi no exercício de seu ministério de confessor em Santo Alessandro. Para nos sentirmos mais próximos dele, usaremos palavras de hoje retiradas da introdução ao Rito da Penitência (10 c), emitido após o Concílio Vaticano II, em 1973, com a certeza no coração de não nos afastarmos em nada do espírito com o qual Biraghi exercia o ministério penitencial:

“No ato de acolher o pecador penitente e de guiá-lo à luz da verdade, o confessor desenvolve uma missão paterna, porque revela aos homens o coração do Pai, e personifica a imagem de Cristo, bom Pastor. Lembre-se, portanto, de que o seu ministério é o mesmo de Cristo, que para salvar os homens operou na misericórdia a sua redenção, e está presente com sua virtude divina nos sacramentos”.



BASÍLICA DE SANTO AMBRÓSIO: OS SEPULCROS SANTAMBROSIANOS



A basílica de Santo Ambrósio em Milão, que é visitada por turistas do mundo inteiro como exemplo de arquitetura românica na Lombardia, abriga na sua cripta, isto é, no lugar destinado a sepulturas, em baixo do altar, os corpos de Santo Ambrósio, bispo do IV século e patrono da cidade, e de dois mártires milaneses do I século, os santos Gervasio e Protasio. Biraghi, que tanto se dedicara às pesquisas arqueológicas, foi o afortunado descobridor em 1864 dos três santos despojos, hoje reunidos numa urna de prata.

A basílica encontra-se hoje praticamente na zona central da cidade; no tempo de Ambrósio, essa área encontrava-se junto às portas da cidade, fora dos muros, ali o Santo quis que fosse construída a igreja, protegida do centro habitado.

BIRAGHI E A ARQUEOLOGIA CRISTÃ

O século XIX viveu apaixonadamente o interesse pela arqueologia. As bases históricas-críticas dessa disciplina antiga tinham sido lançadas pouco antes pela História da Arte na antiguidade de Winckelmann (1764), que colocou em primeiro plano o interesse pela arte grega. As escavações das cidades de Pompéia e Herculano iniciadas no setecentos e as pesquisas empreendidas no século seguinte, graças também às expansões coloniais, alcançaram o cume com as clamorosas descobertas de Troia e de Micene por obra de Schliemann, a partir de 1871.

Essa ciência dava seus primeiros passos e a investigação arqueológica orientada para os vestígios da cristandade era quase desconhecida. A arqueologia cristã apaixonou Biraghi. Ele viu nela a confirmação do que estudara nos textos dos autores antigos e sobretudo um instrumento válido para aprofundar a fé nas suas raízes. Num artigo de sua autoria, coletado nos *Escritos recentes, intitulado Antigo Epitáfio Cristão, descoberto em Milão junto à igreja de São Calimero*, Biraghi assim se expressa com sagrado ardor: “Vede quanta doutrina evangélica traz consigo esta placa antiga, outra colocada sobre a terra ainda quente pelo sangue dos mártires. Batismo, Eucaristia, Matrimônio, Sacramento, oração pelos defuntos, a Santa Igreja, a Virgem Mãe, Jesus crucificado e triunfador. E se o século incrédulo rejeita essas doutrinas, essa lápide grita e alto reclama” (p. 18). Dessas suas interessantes pesquisas, Biraghi obteve satisfações e reconhecimentos, graças às numerosas publicações, como também ao feliz reencontro dos corpos dos mártires milaneses.

A era napoleônica já havia realizado várias intervenções urbanísticas na cidade de Milão, que continuava a crescer nos aspectos demográfico e econômico. O desenvolvimento não parou com a volta dos austríacos: as estradas foram alargadas e reestruturadas, as primeiras estações ferroviárias foram construídas e, em 1845, foi introduzida a primeira iluminação a gás. Nesse contexto de reestruturações, “igrejas e basílicas milanesas, no decorrer das restaurações promovidas também pelas autoridades civis, revelaram tesouros inesperados que Biraghi era infalivelmente chamado a interpretar, tendo adquirido para si, como autodidata, fama de perito da história milanesa, através da leitura de autores antigos que colocou em prática em várias publicações.” (Positio pág. 1043). Também na biografia de Portaluppi notifica-se que “os subterrâneos de São Calimero, de São Nazaro e de Santo Ambrósio receberam visitas e pesquisas interessadas por parte

dos arqueólogos. Em diligente procura descobriam-se lápides, urnas, restos arquitetônicos que estimulavam a curiosidade dos estudiosos que procuravam vestígios para interpretar os sinais das antigas escrituras romanas e cristãs. Biraghi foi o estudioso que mereceu de nós maior e mais devoto reconhecimento” (p. 161).



A NARRAÇÃO DO SANTO REENCONTRO



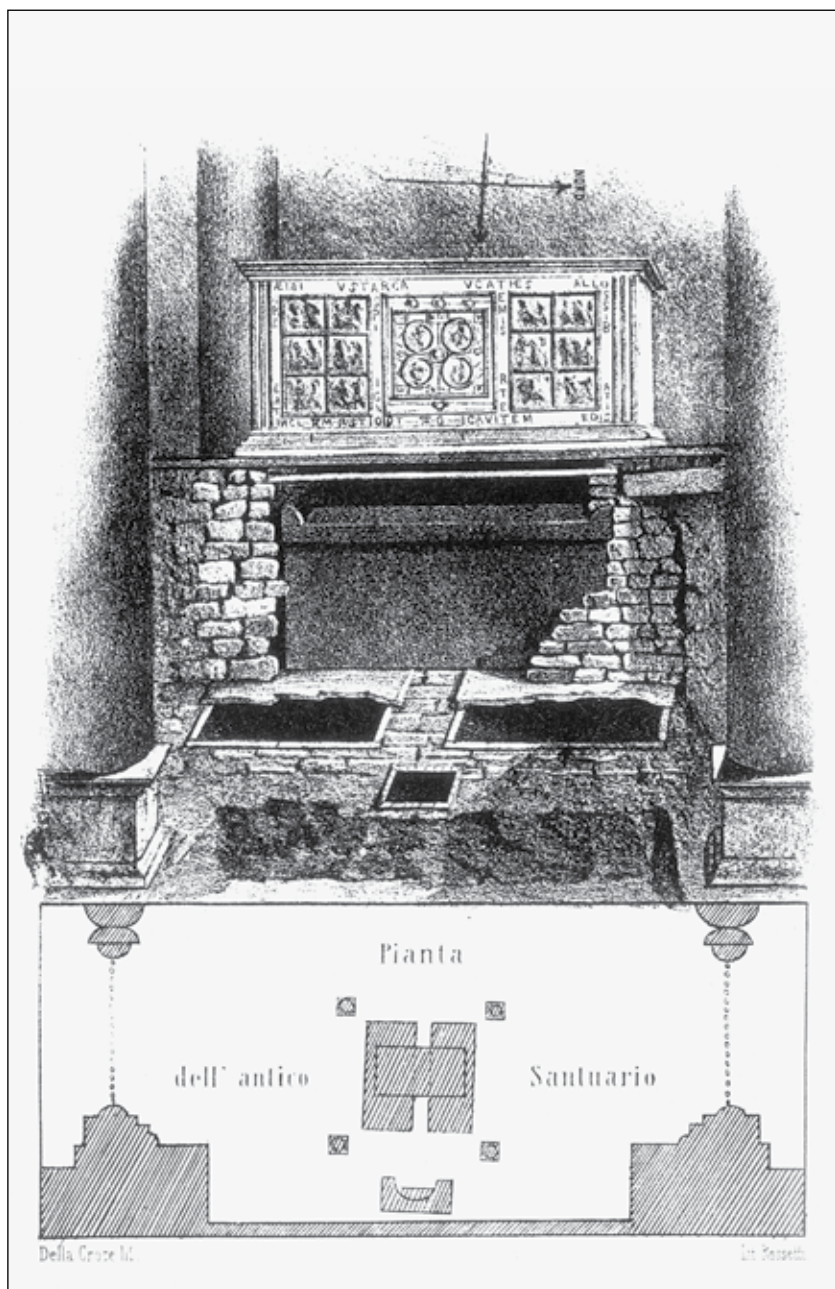
“A tão suspirada descoberta desta Arca Sacrossanta”, contendo os despojos mortais de Santo Ambrósio, aconteceu em janeiro de 1864, no coração da basílica ambrosiana. Com essa expressão solene e ao mesmo tempo carregada de emoção, tirada do escrito sobre *Os três sepulcros santambrosianos descobertos em 1864* (p. 90), que aqui citamos, Biraghi comenta a sua tríplice descoberta dos corpos dos mártires Ambrósio, Gervásio e Protásio. A descoberta lhe foi possível graças também ao estudo aprofundado de textos como o *Sermão* do próprio Ambrósio referente ao precedente descobrimento dos mártires Gervásio e Protásio e ao desejo do bispo de ser sepultado ao lado dos túmulos desses mártires.

Em seguida, uma deposição subsequente ocorreu por volta do século IX, por obra do arcebispo Angilberto II, o qual reunira os três corpos num único sarcófago de pórfido. Com o passar dos séculos perdeu-se a indicação precisa dessa sepultura: foi Biraghi quem descobriu a arca de pórfiro que continha os despojos mortais de Santo Ambrósio e dos dois mártires milaneses; descobriu também o “primeiro sepulcro dos dois Mártires” e o “antigo sepulcro de Ambrósio”. Em colaboração com Don Francesco Rossi, o amigo arqueólogo e abade de Santo Ambrósio, depois de ter escavado em volta e em baixo do altar mor, na noite de 13 de janeiro,

[...] finalmente eis uma grande Arca ou Urna, verdadeiramente principesca, toda de resplandecente pórfiro, finalmente trabalhada, eis o suspirado Depósito. Eu beijei aquela Urna e a abracei, como se estivesse encontrando o querido Pai por longo tempo perdido.

[...] na noite seguinte, do dia 14, seguindo as indicações do Sermão de Ambrósio, procuramos verificar se, por ventura, ainda houvesse algum sinal do primeiro sepulcro dos dois Mártires, localizado a direita ou “in cornu Evangelii”. E aprofundando as escavações o encontramos de fato. Um longo sepulcro que do ocidente ao oriente cruzava, em baixo da Arca, o fundo do altar; composto por lajes de finos mármore avermelhados, verdes, brancos, variados [...]. Portanto, do outro lado, à esquerda, estaria o antigo sepulcro de Ambrósio. Assim, de fato, com grande júbilo encontrou-se, na noite da sexta feira 15, um sepulcro de finos mármore, semelhante ao da direita, na mesma direção [...].

O arcebispo de Milão, Mons. Paolo Ballerini, em uma carta enviada a Biraghi, assim o felicitava (em *Positio...*, pág. 826):



O Senhor preparou-vos para a bela glória dessas descobertas com todos os estudos históricos e arqueológicos que vos levou a realizar e com o amor especial com que vos orientou para as nossas coisas ambrosianas, depois vos conduziu, às vezes por caminhos dolorosos, mas meritórios, a sentar-se, mas com grande atividade, entre os escondidos tesouros da Biblioteca Ambrosiana e agregando-vos, assim, ao mesmo Capítulo da Biblioteca Ambrosiana [...]. Eu vos garanto que não posso parar de bendizer à Providência, [...] fico felicíssimo que a vós, de preferência a outros, tenha sido reservada a sorte de ser o principal instrumento.

Ainda Ballerini, numa carta enviada a madre Marina Videmari, conservada no epistolário do Arquivo Generalício das Marcelinas (Ep. Vi, I, n. 26), assim se expressava, em plena exultação pela descoberta:

Fico muito feliz por Deus ter escolhido Monsenhor Luigi como sábio instrumento da preciosa descoberta, e que a segunda descoberta das relíquias dos gloriosos santos Gervásio e Protásio, juntamente com aquela dos despojos mortais de nosso Pai Santo Ambrósio, deva ser associada ao nome de Luigi Biraghi, como a primeira descoberta dos corpos daqueles foi ligada à descoberta do próprio Ambrósio.

PARA UM MOMENTO DE REFLEXÃO

Detenhamo-nos diante das arcas santambrosianas para um momento de oração. Podemos utilizar as palavras das intercessões das Primeiras Vésperas, tiradas do comum dos mártires:

*Na hora em que Cristo, rei dos mártires, ofereceu por nós
a sua vida na ceia pascal e na oblação cruenta sobre a cruz,
a ele se levante o louvor da Igreja:
Nós te louvamos e te adoramos, Senhor.*

*Nós te louvamos e te adoramos, ó Cristo,
causa e modelo de todo martírio, porque nos amaste até o fim,*

nós te louvamos e te adoramos, Senhor.

*Porque chamaste os pecadores arrependidos ao prêmio da vida eterna,
nós te louvamos e te adoramos, Senhor.*

*Porque ordenaste à tua Igreja que ofereça
o sangue da nova e eterna aliança, derramado pela remissão dos pecados,
Nós te louvamos e te adoramos, Senhor.*

*Porque neste dia nos deste a graça de perseverar na fé,
nós te louvamos e te adoramos, Senhor.*

*Porque associaste muitos irmãos à tua morte redentora,
nós te louvamos e te adoramos, Senhor.*

Do Comentário ao salmo 118 de santo Ambrósio:

Bem a propósito é chamado de mártir quem suporta injustamente os tormentos da perseguição, porque não roubou, não fez violência a ninguém, não derramou sangue, não cometeu nada contra a lei, entretanto deve suportar suplícios maiores que os bandidos. Ele fala a verdade e não é ouvido: fala somente de coisas salutares e é contestado ao ponto de poder dizer: "Quando lhes falo, eles se opõem sem motivo" (Sal 119,7). Sem motivo, portanto, sofre a perseguição, é combatido sem culpa; é atacado como um culpado enquanto deveria ser louvado por seu testemunho; é combatido como um malfeitor porque se gloria no nome do Senhor, enquanto a piedade é o fundamento de todas as virtudes. Na verdade é combatido sem razão quem por ímpios e infiéis é acusado de impiedade, enquanto é mestre na fé. [...] Queira Deus que eu mereça ser assim! De tal forma que, se me golpear o perseguidor, eu não considere a aspereza de meus suplícios, não meça os tormentos e as penas, não pense na atrocidade de dor alguma, mas tudo estime como coisa leve. Tremerei, porém, ao temor de que Cristo me renege, de que Cristo me exclua, me expulse do colégio dos sacerdotes, me julgue indigno. Eu preferiria me ver aterrorizado pelas penas corporais, que inquieto pelo juízo futuro. E se me disser: "Homem de pouca fé, porque duvidaste?" (Mt 14.31), me oferecerá a sua direita, e tornará firme e inabalável a minha alma perturbada pelos acontecimentos deste mundo.

Da oração que conclui a liturgia da palavra, na missa dos santos mártires Protásio e Gervásio:

Alegre-se, ó Deus, a tua Igreja pela única coroa de glória que une fraternalmente os mártires Protásio e Gervásio; seu testemunho aumente a nossa fé e conforte a nossa vida. Por Cristo nosso Senhor.

Das orações depois da comunhão, tiradas da missa de Santo Ambrósio e do comum dos bispos; possa o patrono de Milão ser modelo de vida para todos nós, assim como o foi para Monsenhor Biraghi:

Ó Deus, que nos renovaste com a potência misteriosa deste sacramento, concede-nos que no seguimento do bispo Santo Ambrósio trilhemos felizes e fortes os caminhos da salvação e possamos alcançar a alegria do convívio eterno. Por Cristo nosso Senhor.

Fortifica, Senhor, a nossa fé com este alimento de vida eterna para que, seguindo o exemplo de Santo Ambrósio professemos a verdade em que ele acreditou, e testemunhem nas obras o ensinamento que nos transmitiu. Por Cristo nosso Senhor.

EXÉQUIAS E COMEMORAÇÕES



[...] eu coloquei toda confiança em Deus: in te Domine, speravi, non confundar in aeternum (Cartas..., 22 de fevereiro de 1851).

Felizes aqueles que colocam no Senhor toda sua confiança e consolação. Só Ele é sempre o verdadeiro amigo e benfeitor como também justo recompensador (Cartas..., 7 de janeiro de 1853).

Com as expressões “até ao Paraíso” e “seja feita a vontade de Deus” (Positio..., p. 1108) Monsenhor Luigi Biraghi terminava seus dias quase octogenário: era a manhã de 11 de agosto de 1879. Suas exéquias foram celebradas nos dias 12 e 13 de agosto em Milão e no dia 14 em Cernusco.

Escreve Angelo Majo: “As exéquias fúnebres foram celebradas na basílica de Santo Ambrósio presididas pelo abade Mons. Rossi, amigo e colaborador do falecido, estando presentes representações das maiores instituições da diocese [...]. Depois de uma breve parada junto ao magnífico cemitério, onde o prof. Pe. Giuseppe Pozzi, entre a comoção geral dos presentes, fez o elogio fúnebre, o corpo foi levado para Cernusco sul Naviglio, acolhido pelas autoridades e pelo povo, e depositado na capela do Colégio, sua obra primogênita, onde foi velado pelas suas Marcelinas. Na manhã seguinte foram novamente celebrados os funerais na igreja paroquial com a participação de sacerdotes e fiéis também das cidades próximas. No cemitério municipal, onde foi provisoriamente colocado, Pe. Luigi Talamoni e Pe. Giulio Tarra, seus queridos discípulos, proferiram a última saudação ao saudoso falecido” (pág. 87-88).

A oração fúnebre a que acenamos, proferida por Pe. Giuseppe Pozzi no cemitério de Milão, onde o cortejo parou brevemente, descreve sua profunda e sólida devoção: “[...] toda a sua ciência tendia a buscar e fazer conhecer sempre mais o grande mistério de Cristo [...]. A sua palavra era expressão do seu coração, o seu coração estava repleto do espírito de Jesus Cristo, e este era alimentado por uma sólida piedade. Disse sólida piedade, porque combatia aquela piedade que se expressa em mesquinhas aparências de mera sensibilidade sem o espírito do Evangelho, mas queria aquela piedade forte e generosa que vive de sacrifícios, que tende a imitar Jesus Cristo, aquela que formou a base de seu caráter e que era praticada por ele” (pág. 25-26).

Devido à supressão da área do cemitério situada diante do pátio do tão querido santuário de Santa Maria de Cernusco, realizada na época napoleônica, a urna tinha sido colocado numa sepultura de terra no velho cemitério da cidade, situado numa área pouco distante, à direita do próprio santuário. Em 1892, foi trasladada para uma das capelas que as Marcelinas tinham adquirido no mesmo cemitério. Assim aconteceu também com Marina Videmari, falecida no ano anterior, em abril de 1891, cujos despojos mortais seguiram semelhante percurso, da sepultura na terra à gaveta da capela. Um mesmo destino os uniu na vida e na morte “na realização de um ideal de apostolado que não passará”, como foi escrito no portal da igreja paroquial. Em 1951, “as urnas foram abertas e no dia 23 de março os restos mortais



de Biraghi e Videmari na presença do oficial sanitário dr. L. Garlaschi, e revestidos convenientemente, ficaram expostos à visita reverente de quem quisesse desfilar ordenadamente diante deles. Às 14 horas do dia 26, segunda feira de páscoa, um cortejo escoltou as duas urnas, recobertas uma pelo véu preto das Marcelinas, a outra pelos paramentos sacerdotais, do velho cemitério, junto ao santuário de Santa Maria, à nova Igreja paroquial [...]. Em seguida as duas urnas foram acompanhadas até à capela do primeiro colégio e depositadas em sarcófagos de mármore à direita do altar” (*Positio...*, pp. 1443-1444).

No dia 14 de dezembro de 2005, na mesma capela, aconteceu a exumação dos restos mortais do venerável servo de Deus Monsenhor Luigi Biraghi e, no museu ao lado, o reconhecimento canônico da mesma. Os restos mortais serão depois recompostos numa urna relicário de bronze, já em via de preparação, que será colocada no interior do primitivo sepulcro.

Na parte da frente da urna será representado uma síntese dos momentos

significativos da sua vida de sacerdote e de educador. A figura de Biraghi será ladeada pelo portão de entrada do seminário de Milão, onde ele foi diretor espiritual, e por uma representação do santuário de Santa Maria de Cernusco, onde teve a inspiração de fundar as Irmãs de Santa Marcelina. Nas paredes laterais do sepulcro, no lado esquerdo será reproduzido o medalhão com a figura do Biraghi, cuja obra original do escultor Enrico Manfrini se encontra na entrada do edifício situado ao lado do primeiro colégio, hoje Residência Sanitária Assistencial Luigi Biraghi. Na parede do lado direito da urna serão reproduzidas frases significativas do beato.



BREVE ANTOLOGIA DE LEMBRANÇAS

Desta vez percorreremos um itinerário diferente daqueles propostos até agora, cujo caráter exclusivamente virtual segue um mapa ideal, aquele dos lugares onde foram celebradas as memórias mais significativas de Luigi Biraghi.

O primeiro centenário da sua morte (1979) e o bicentenário do nascimento (2001) geraram uma série de manifestações celebrativas, sobretudo na diocese ambrosiana, evidenciando alguns aspectos da sua personalidade. Também o ano de 1954 foi um ano rico de lembranças, porque ocorria, naquela data, o centenário da fundação do colégio de via Quadronno, em Milão, do qual foi celebrado recentemente o sesquicentenário.

As reflexões surgidas nessas ocasiões oferecem ensejos interessantes sobre a pessoa do sacerdote lombardo por isso algumas delas são aqui propostas novamente como aprofundamento do estudo da sua pessoa. Os textos a que nos referimos são o pequeno volume *“Lembrança de Mons. Luigi Biraghi”*, de 1879, que evoca a sua fama de santidade, logo após a sua morte; o periódico

do Instituto Internacional das Irmãs de Santa Marcellina, “Conoscerci”, de 1979; “*Monsenhor Luigi Biraghi duzentos anos depois*” obra que marca o bicentenário do seu nascimento (2001); o fascículo publicado por ocasião do primeiro centenário do colégio de via Quadronno, *Quadronno 1854 – 1954*.

Abrindo essa breve antologia de lembranças, o estudo publicado em “Conoscerci”, orientado, em 1979, pela Irmã Marcelina Enrica Gussoni, apresenta um retrato em homenagem ao sacerdote ambrosiano (p. 105):

Monsenhor Biraghi, homem de Deus, personalidade riquíssima, recebeu o dom de uma intimidade espiritual reservada e profunda, que se expressava em sua força carismática nos relacionamentos pessoais tão carregados de humanidade e de amizade que estabeleciam relações tão fortes quanto ricas em valores.

Esse foi o segredo da sua paternidade espiritual, entre os jovens, votados ao sacerdócio, entre os estudiosos da Ambrosiana, entre as autoridades religiosas e civis nos contrastantes acontecimentos do seu século e, sobretudo, com as suas filhas Marcelinas.

Percebe-se sua influência apostólica em cada etapa de sua vida: Sacerdotes e gente do povo, homens de cultura e grandes na caridade, nobres fechados em seus privilégios e humildes deficientes, moças destinadas a se tornarem esposas e mães, fermento de uma sociedade nova, e leigos abertos à consciência social.

Assim soube cercar sua nascente instituição de colaboradores inteligentes e influentes: sacerdotes e mestres ilustres e santos, mas também leigos capazes de aconselhar e de atuar concretamente.”

DA BASÍLICA DE SANTO AMBRÓSIO

A homilia do cardeal Carlo Maria Martini, proferida na basílica de Santo Ambrósio em Milão, em 2001, por ocasião da celebração do bicentenário do nascimento de Monsenhor Luigi Biraghi, descreve o seu ideal sacerdotal (p. 7):

Ele mesmo descrevia um ideal de padre aos que dirigia espiritualmente, os seus seminaristas, e dirigia uma saudação aos ordenandos, numa daquelas instruções que também hoje os diretores espirituais costumam dar aos candidatos próximos à ordenação e dizia : “Combatei, mas não para alcançar uma sorte feliz, não para angariar faustosos privilégios, não para fazer valer vossas vontades ou satisfações pessoais, mas sim em favor da verdade e da justiça - e continuava admoestando os sacerdotes a – combater em favor da verdade e da justiça, por meio da verdade - é interessante notar essa insistência sobre a verdade – pela força do sofrimento, vencendo através da mansidão, triunfar pela paciência, adquirir a coroa com o padecer. As nossas armas são a Palavra de Deus, as lágrimas e a oração, a nossa glória é a cruz de Jesus Cristo e toda a nossa ciência é Jesus e Jesus crucificado”.

Luigi Biraghi estudou em profundidade a obra e a pessoa do bispo milanês Ambrósio e dele tirou inspirações ao longo de toda sua vida. Da família de S.E Líbero Tresoldi, proferida na basílica de Santo Ambrósio em Milão, durante a comemoração do centenário da morte, em 1979 (p. 23):

Mons. Luigi Biraghi volta à sua amada Basílica de Santo Ambrósio. Ele a deixara no dia 14 de agosto de 1879 – há cem anos - quando a sua Urna ali recebera a última saudação cristã e em recolhida oração a saudade de muitos que o tinham amado e estimado. O amor de Mons. Biraghi por Santo Ambrósio tinha diversas e válidas motivações: a devoção sincera pelo santo Bispo e Padroeiro de Milão, cujas relíquias repousam nesta Basílica e do qual admirava a ação apaixonada em favor da comunidade cristã e a defesa firme contra as intrigas da heresia ariana; o conhecimento profundo dos escritos de Santo Ambrósio, que lhe permitia colher a segurança da doutrina, a elegância do estilo, a capacidade de deixar marca na alma dos fieis;

a descoberta da influência educativa exercida sobre Ambrósio pela irmã Marcelina, por ele depois escolhida como protetora do Instituto de vida religiosa por ele fundado; a paixão do estudioso e do arqueólogo que o levou por muitos anos a estar ao lado do Pároco de Santo Ambrósio na obra de reestruturação da Basílica, a qual foi devolvida, depois de tantas fadigas, a pureza da arquitetura românico-lombarda, e que o teria conduzido à descoberta dos seus mais verdadeiros tesouros: as relíquias dos santos Ambrósio, Gervásio e Protásio; por último (e não é certamente a motivação menos importante) aqui em Santo Ambrósio, em 1835, ele conheceu a jovem milanese Marina Videmari, durante um curso de Exercícios espirituais por ele pregado às moças do Oratório; e, na cripta, diante das relíquias dos Santos, Videmari amadureceu, na oração, a sua adesão ao projeto que conduziria à fundação do Instituto das Marcelinas.

DA AMBROSIANA

Um escrito de Monsenhor Carlo Marcora, de 1979, revela a importância da cultura para o Biraghi, concebida como intensa vida de colaboração na busca (pp. 35-37):

À Ambrosiana, Pe. Luigi Biraghi não chegara por espontânea vontade, mas levado por um complexo de circunstâncias não agradáveis. Era Biraghi um homem de estudos, mas sobretudo sentia-se sacerdote, para o qual valia o dito paulino “Omnia omnibus factus sum” (fiz-me tudo para todos). [...] Biraghi chegava à Ambrosiana, porque a Áustria o expulsava do Seminário, como réu por ter despertado o amor à liberdade nos jovens estudantes, que acreditaram ser seu dever ajudar Milão a sacudir o domínio austríaco nas fatídicas Cinco Jornadas. [...] Biraghi entrava no Instituto Federiciano com uma única dor, “a idade já avançada, o cansaço e o pouquíssimo que eu posso valer, me obrigam a pedir

compaixão onde eu deveria manifestar-me ativo e pronto para fadigas e estudos". O seu consolo era entretanto: "a doce certeza de que lá saborearei a caríssima companhia de verdadeiros amigos" assim escrevia na carta de agradecimento ao Colégio dos Doutores.

Não uma vida austera de estudos, mas, antes de tudo, a cultura da amizade e da serenidade, da compreensão e da colaboração que precede e dá valor a toda conquista científica.

DO COLÉGIO DE VIA QUADRONNO

No volume dedicado ao centenário do colégio de Quadronno (1954), Irmã Mary Ferragatta assinala a marca educativa que Biraghi pretendia incutir nas jovens de seus colégios. (pp. 25-26):

As Marcelinas, dedicadas à tarefa bem difícil de preparar as futuras esposas e mães de família, receberam da transparente alma de Mons. Luigi Biraghi uma marca toda própria e indeletável. Elas deviam apresentar às juvenzinhas, não mais a inflexível disciplina dos antigos colégios, mas uma grande família, na qual a unidade dos objetivos, a intimidade da convivência, a ternura do afeto, a serenidade da alegria pudessem oferecer a viva imagem das abençoadas famílias que um dia deveriam formar.

No mesmo volume, Pe. Angelo Portaluppi descreve a obra de Biraghi em sua diocese, cuja memória ainda se faz bem presente (p. 5):

Ainda presente no Instituto das Marcelinas, ele vive também hoje e deveria viver mais ainda na Diocese que ele honrou e alimentou com a clareza da sua mente. Ele teve Santo Ambrósio sempre presente como exemplo e conheceu seus escritos como poucos conhecem. No seu tempo

gozava de fama de exímio arqueólogo e sobre esses assuntos era solicitado como raro conhecedor. Lembremos, portanto, dele com amor e tornemos menos desbotada entre os jovens estudiosos a sua memória.

DE CERNUSCO SUL NAVIGLIO

As raízes de Biraghi se aprofundaram na terra da sua Cernusco sul Naviglio. Da homilia de Mons. Gualberto Vigotti, na igreja prepositural de Cernusco sul Naviglio, em 1979 (p. 19):

Cernusco nunca esquecerá este seu concidadão. Como aqui encontrou o ninho da sua infância e juventude, quis que Cernusco se tornasse também o primeiro ninho da sua Congregação. Aqui, considerado por ele como sua pátria amada nos dias felizes e também nos infelizes, como nas horas da calamidade da trágica cólera em 1836, quando ofereceu seu compromisso de coração, de trabalho e de dinheiro, onde são guardados seus despojos mortais, nunca poderá ser esquecido e deveremos nos gloriar sempre pelo privilégio de termos tido um autêntico santo.

O discurso de Pe. Luigi Talamoni em Cernusco sul Naviglio, no dia da deposição dos seus despojos, 14 de agosto de 1879, ilustra o aspecto social da ação caritativa de Biraghi (pp. 41-42):

Conselheiro municipal, pronto nos negócios de maior relevância, se fazia presente, prudente sugeria, sábio disputava; e as escolas municipais, a higiene, a iluminação das ruas, a salubridade das habitações, a fácil comunicação com a metrópole... de tudo ele se ocupou merecendo a vossa gratidão. [...] Digno sacerdote de Jesus Cristo, sincero amigo do povo, foram sempre os pobres, os enfermos, numa palavra, os mais necessitados as suas delícias e a primeira preocupação de seu coração.

Constante foi para Biraghi o apelo para a santidade, que hoje sentimos particularmente vivo, no ano da sua beatificação. Da homilia de Monseñhor Marcora, no oratório de Santa Teresa, durante a comemoração pelo centenário da morte (p. 21):

Assim, Cernusco guarda agora o túmulo desse insigne sacerdote, alimentando a viva esperança de que um dia se torne um altar de intercessão e proteção, mas desde agora é uma cátedra de ensinamento. Recorda às nossas almas quanta possibilidade de bem tem o sacerdote cristão quando vivido integralmente na perfeita união com Cristo.

Assim concluía sua intervenção em 1979 Pe. Sandro Maggiolini (p. 6): “Sem paralelos ou transposições históricas apressadas. Mas oferece mais que um exemplo também hoje. E a eficiência inesperada de quem se coloca nas mãos de Deus e torna-se milagre para si próprio, para outros e para nós.”

PARA UM MOMENTO DE REFLEXÃO

À luz dessas lembranças, testemunhos da fé e do amor que Monsenhor Luigi Biraghi transmitiu à Igreja, nos recolhemos num momento de oração.

Ele era bem consciente do como e do objetivo de seu viver: “Viver humilde e desconfiado de si mesmo! Saborear a santa oração! Amar a cruz de Jesus Cristo! Viver em vista do paraíso” (*Cartas...*, 10 de julho 1853).

Esse seu pensar, que manifesta o desejo do paraíso, entendido como jubilosa conclusão da experiência terrena, ocorre muitas vezes na correspondência do dia a dia, sobretudo com Marina Videmari, como na seguinte carta sem data, presumivelmente de 1841: “Oh Paraíso! Querida sociedade dos anjos! Quando chegaremos lá?”.

Escrevia à Videmari, numa carta de 22 de fevereiro de 1851:

Bendito seja Deus em todas as coisas. Tudo passa, tudo desaparece: Somente Deus é eterno: e nós nos reuniremos todos nele para viver eternamente com ele.

E ainda, numa carta de 1850, datada de 8 de maio:

O Senhor disponha do meu e vosso futuro segundo sua misericórdia e sua graça. Mas não nos apeguemos a nada daqui de baixo; estamos aqui por pouco tempo. Sursum corda ad Dominum, ao Senhor Jesus que sobe ao céu para nos preparar um lugar estável, na eternidade. Um olhar frequente ao paraíso nos fará as coisas desta terra parecerem um verdadeiro nada. Amemos muito ao Senhor e seremos felizes aqui e no outro mundo.

Por ocasião da morte de Irmã Teresa Valentini, a primeira a partir entre as “diletíssimas” filhas Marcelinas, Biraghi repete irrevogavelmente à Vide-mari, com força e decisão, um querido desejo (*Cartas, 10 agosto 1855*):

[...] Conceda-me, Senhor, que eu possa encontrar-me para sempre no paraíso convosco e com Irmã Teresa, para sempre no paraíso.

Dirigindo-se a Irmã Giuseppa Rogorini, outra filha diletta, que soube apoiar sapientemente Irmã Marina na tarefa de formar e sustentar a nascente obra educativa, estende a bênção sobre ela e sobre toda a família Marcelina (*Cartas..., 24 de dezembro de 1860*):

O Senhor, que de todas vós e de mim dignou-se formar uma só família com tão queridos vínculos da religião e da caridade, nos abençoe a todos e nos faça cada vez mais dignos de servi-lo e de amá-lo, e nos conduza a todos ao lindo paraíso que me lembrastes para meu grande consolo.

“[...] na doce esperança de nos encontrarmos todos reunidos no paraíso” (*Cartas..., 24 de dezembro de 1845*), façamos nossa a mensagem veiculadas às comovidas palavras de despedida e bênção do sacerdote Giulio Tarra, discípulo do Biraghi, no ato da deposição da urna no cemitério de Cernusco, em 14 de agosto de 1879. Certamente hoje nos parecerá um pouco enfático na estrutura formal, mas fica, entretanto, bem expressivo de modo que não pos-

sa ser esquecido na sua abordagem da figura de Biraghi, já agora na glória do paraíso junto a Ambrósio e a Marcelina, rezando juntos por nós (pp. 52-53):

Ó nosso bom Pai, digno irmão de Santo Ambrósio e de Santa Marcelina, olha do Céu as tuas filhas, os teus filhos, a Igreja e a tua pátria! Sustenta nossa fraqueza, conforta os nossos corações infundindo em nós a viva fé de que não nos deixaste órfãos e de que ainda és nosso pai, e que se teu espírito unido a este teu venerado corpo deixou para nós um bem tão grande, agora, unido a Cristo, fará chover sobre nós maiores tesouros de graças e de bênçãos. Abençoa tuas virgens filhas, pedindo, juntamente com Marcelina, para que conservem o teu espírito e a regra ditada por ti ao seu Instituto, e para que as juvenzinhas confiadas aos seus cuidados possam crescer fiéis à sua santa educação! Roga com Ambrósio para que o clero desta Diocese, que é dele, se conserve santo, imaculado, zeloso, alheio às lutas apaixonadas e às ásperas discussões do mundo, e seja todo consagrado às obras do espírito e à salvação das almas, conforme teus exemplos e teus ensinamentos! Roga pela Igreja Católica, pelo nosso Pastor e pelo Sumo Pontífice, para que, purificados pelas duras adversidades e tribulações presentes, saiam vitoriosos e santos. Roga por esta nossa Pátria, da qual foste honra e decore, para que volte a enriquecer-se de cidadãos, como Tu, sábios e fieis, que a engrandeçam com o exercício das nobres virtudes cristãs e lhe proporcionem dias melhores... Que a nossa vida seja digna de Ti e da tua santa família, de Ambrósio, de Sátiro e de Marcelina!... Que o nosso crepúsculo seja calmo e sereno como o teu, que se parece com uma bela aurora!... Que nenhum dos teus filhos e das tuas filhas se perca!... Ó Pai, levanta, portanto, a tua venerada mão direita e ainda uma vez, com Cristo, nos abençoe em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo! Assim seja.

Concluamos com uma oração que nos faça sentir, também na sóbria estrutura, a livre voz do nosso tempo. É tirada do comum dos presbíteros, ofício das Horas no rito ambrosiano:

Senhor, luz e pastor dos fieis, que chamaste o Beato Luigi para iluminar a comunidade cristã com a palavra e formá-la com o testemunho de vida, dá-nos guardar a fé que transmitiu e seguir o caminho por ele traçado pela pregação e pelo exemplo. Por Cristo nosso Senhor.

ITINERÁRIOS TRANSVERSAIS

Os itinerários transversais propõem um caminho biográfico diferente do discurso estritamente cronológico já contido no índice geral, no qual em linha mais ampla é seguida a sucessão dos eventos. Aqui a vida de Monseñor Biraghi é ainda reconstruída nos momentos fundamentais, mas através da concretude de alguns percursos que seguem uma linha geográfica e uma linha temática.

Os itinerários geográficos agrupam lugares de Milão por proximidade, facilmente alcançáveis entre eles, renunciando, porém, à sucessão dos fatos; os itinerários temáticos sintetizam por assunto a vida de Biraghi, salientando os traços essenciais da sua personalidade.

Conforme as exigências, podem ser escolhidos estes itinerários transversais que oferecem uma nova ocasião para uma releitura, em termos de vivência, da figura e da atividade do sacerdote Luigi Biraghi, do pensamento e da espiritualidade, da obra apostólica e do método educativo. Em síntese, a sua espessura moral de homem de fé.



ITINERÁRIOS GEOGRÁFICOS

1º percurso

1) Basílica de Santo Ambrósio	5-6; 138-140
a) Basílica de Santo Ambrósio : cripta	76-77; 125-133
b) Canônica de Santo Ambrósio: oratório	70-76
2) Biblioteca Ambrosiana	106-118; 140-141
3) Igreja e colégio de Sant'Alessandro	104-105; 119-124
4) Colégio de via Amedei	97-103

2º percurso - (mapas 47; 79)

1) Seminário maior	48-58
2) Duomo	64-69
3) Palácio Arquiepiscopal	59-63
4) Palácio Mellerio	78-83
5) Colégio de via Quadronno	86-97; 101-103

ITINERÁRIOS TEMÁTICOS

1) Biraghi e suas origens	12-38; 142-143
2) Biraghi sacerdote	30-38; 47-53; 138-139
3) Biraghi fundador das Irmãs Marcelinas	38-40; 84-103; 141-142
4) Biraghi, o Estado e a Igreja	49-58; 61-63; 82-83; 112-117; 142-143
5) Biraghi homem de cultura	104-133; 140-141

BIBLIOGRAFIA

BIRAGHI Luigi, antigo epitáfio cristão com figuras, descoberto em Milão, perto de S. Calimero, em escrito recente, G.B. Pogliani dei F.lli Besozzi, Milano, 1877.

Catechismus ordinandorum iussu Karoli Caietani, comentários de Gaysruck cardeal arcebispo ao sacerdote Aloysio Biraghi, Mediolani, J.B. Pogliani, 1837.

Epitáfio romano sobre uma urna funerária descoberta em Cernusco Asinario, ilustrada por Luigi Biraghi, Monza, Tipografia Corbetta, 1849, pp. 24.

Hinos e poemas de Santo Ambrósio, bispo de Milão, retirados de monumentos da Igreja milanese, Milano, Boniardi-Pogliani, 1862.

Os três sepulcros santambrosianos descobertos em janeiro de 1864, ilustrado pelo sacerdote Luigi Biraghi, Milano, Boniardi-Pogliani, 1864.

Carta a Giovanni Battista De Rossi, 28 abril de 1863, Arquivo Generalício das Irmãs Marcelinas.

Lettere alle sue figlie spirituali, Queriniana, Brescia, 2002-2005, 3 voll.

Regola delle suore Orsoline di S. Marcellina, Milano, Boniardi-Pogliani, 1853.

Sobre o livro de E. Renan, “Vita di Gesù”. Carta do Pe. Luigi Biraghi, Doutor da Biblioteca ambrosiana, Milano, Boniardi-Pogliani, 1963.

BRENTARI Ottone, Le vie di Milano e l'origine dei loro nomi, Milano, 1900. Texto publicado em 1994 pela Libreria Meravigli Editrice.

BUFFA sr M. Stanislao osc., Le Suore Orsoline di S. Carlo, tipografia Vanetti, Marnate (VA), 1982.

BUZZI Franco, L'apostolato culturale di mons. Luigi Biraghi dottore dell'Ambrosiana, in Monsignor Luigi Biraghi duecento anni dopo, Milão, ed. Marcelline, 2002, pp. 93-139.

CAVANNA Lucio, Gorla Giorgio, La chiesa di Sant'Ambrogio. Storia della parrocchia e della Parrocchiale di Vignate, Tipografia Staroffset, Cernusco sul Naviglio (MI), 2003.

COLOMBO Giovanni, Il Formatore del Clero ambrosiano e il Formatore dell'Istituto delle Marcelline, em “Conoscerci”, periódico do Instituto Internacional das Irmãs de Santa Marcelina, dezembro de 1979, pp. 40-43.

COPPA Simonetta, Ferrario Mezzadri Elisabetta, Cernusco sul Naviglio. Ville e Cascine, II ed. Garzanti, Milano, 1987.

FAVA Franco, Storia di Milano, Libreria Meravigli editrice, Vimercate, 1995.

FERRAGATTA Mary, Monsignor Luigi Biraghi fondatore delle Marcelline, Queriniana, Brescia, 1979.

Il germe fecondo, in Quadronno 1854 – 1954, Istituto Marcelline, L. Reali, Milano, 1954, pp. 25-29.

(S.M.F.), La casa dell’Immacolata dall’inizio al 1924, em Quadronno 1854 – 1954, Istituto Marcelline L. Reali, 1954, pp. 8-15.

FINOCCHI Anna, Pini Lucia, Il portale maggiore del Duomo di Milano di Lodovico Pogliani, NED.

GIANNI Tamara, L’Addolorata, Fontegrifica, Cinisello B. (MI), 2003.

Sulle orme di Santa Marcellina, Fontegrifica, Cinisello B. (MI), 2004.

GUARDINI Romano, Preghiere teologiche, Morcelliana, Brescia, 1997.

GUSSONI Enrica, Due grandi amici di mons. Biraghi. Il conte Giacomo Mellerio – il conte Paolo Taverna, em “Conoscerci”, periódico do Instituto Internacional das Irmãs Marcelinas, dezembro de 1979, pp. 105-109.

Quadronno che cosa era: la contrada e la casa, in Quadronno 1854 – 1954, Istituto Marcelline, L. Reali, 1954, pp. 49-51.

LANZA Attilia, Somarè Marilea, Milano e i suoi palazzi. Porta Orientale, Romana e Ticinese, Meravigli Editrice, Vimercate, 1992.

Milano e i suoi palazzi. Porta Vercellina, Comasina e Nuova, Meravigli Editrice, Vimercate, 1993.

MAGGIOLINI Sandro, Attualità di mons. Luigi Biraghi, em “Conoscerci”, periódico do Instituto das Irmãs de Santa Marcelina, 1979, pp. 5-6.

MAJO Angelo, Monsignor Luigi Biraghi “gloria del clero ambrosiano”, Milano, NED, 1997.

MALDIFASSI Luigia, Biografia di mons. Luigi Biraghi. O manuscrito original de Luigi Talamoni é conservado no Arquivo Generalício das Irmãs Marcelinas.

MARCOCCHI Massimo, Introduzione, in Lettere alle sue figlie spirituali, Queriniana, Brescia, 2002, vol I, pp. 5-21.

MARCORA Carlo, Homilia do dia 15 de outubro de 1979, em “Conoscerci”, periódico do Instituto Internacional das Irmãs de Santa Marcelina, dezembro de 1979, pp. 20-22.

Mons. Biraghi all’Ambrosiana, op. cit., pp. 35-39.

MARTINI Carlo Maria, Monsignor Luigi Biraghi duecento anni dopo, Milão, ed. Marcelline, 2002, pp. 5-12.

MEREGALLI Luigi, Biografia di padre Luigi Villaresi, pp. 39-49. Cópia do manuscrito é conservada no Arquivo Generalício das Irmãs Marcellinas.

PARMA Giuseppina, Beatificationis et canonizationis servi Dei Aloysii Biraghi [...]. Positio super virtutibus, Romae, 1995, 2 voll.

PORTALUPPI Angelo, Profilo spirituale di mons. Luigi Biraghi fondatore delle Marcelline, Milão, 1929.

Mons. Luigi Biraghi fondatore delle Marcelline e Patriotta, em “La Martinella di Milano. Rassegna di vita lombarda”, 1951, vol. VIII, p. 678-679.

Mons. Luigi Biraghi in Quadronno 1854 –1954, Istituto Marcelline, L. Reali, Milano, 1954, pp. 4-5.

POZZI Giuseppe, Palavras ditas no cemitério Monumental de Milão pelo prof. Sac. Pe. Giuseppe Pozzi, em “Ricordo di mons. Luigi Biraghi”, Milano 1879, pp. 19-35.

RADICE Gianfranco, Mellerio Giacomo (1777-1847), Dicionário da Igreja Ambrosiana, Milão, NED, 1990, vol. IV, pp. 2157-2160.

RAVASI Gianfranco, Introduzione, in Monsignor Luigi Biraghi duecento anni dopo, Milão, ed. Marcelline, 2002, pp. 57-61.

TALAMONI Luigi, Palavras ditas junto ao túmulo de Monsenhor Luigi Biraghi no dia de sua deposição, 14 agosto 1879, em Cernusco sul Naviglio pelo Sac. Talamoni Luigi, Professor do seminário, em Ricordo di mons. Luigi Biraghi, Milão 1879, pp. 37-46.

TARRA Giulio, palavras de saudação a Luigi Biraghi no ato de sua deposição no cemitério de Cernusco, no 14 agosto de 1879, em “Ricordo di mons. Luigi Biraghi”, Milão, 1879, p. 47-53.

TRESOLDI Libero, Homilia em 20 outubro de 1979, em “Conoscerci”, Periódico do Instituto Internacional das Irmãs de Santa Marcelina, dezembro de 1979, p. 23-26.

VANDONI Francesco, Discurso na inauguração do Colégio de Via Quadronno, Arquivo Generalício das Irmãs Macrelinas

VIDEMARI Marina, Alla prima fonte, le origini e il successivo svolgersi della congregazione delle suore Marcelline, narrati alle sue figlie dalla veneranda madre fondatrice, suor Marina Videmari, por Madre Carlotta Luraschi, Milano, 1938.

VIGOTTI Gualberto, Homilia de 14 de outubro de 1979, em “Conoscerci”, Periódico do Instituto Internacional das Irmãs de Santa Marcelina, dezembro de 1979, p. 18-19.

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

Ficha biográfica essencial

- 10 - Fotografia de Monsenhor Luigi Biraghi.

VIGNATE, A CIDADE DAS ORIGENS

- 13 - Mapa de estradas, Edições Cartográficas Milanesas.
- 14 - A Cassina Bianca.
- 15 - Mapa de estradas, Edições Cartográficas Milanesas.
- 16 - Igreja paroquial de Santo Ambrósio: fachada.
- 16 - Igreja paroquial de Santo Ambrósio: mosaico da fachada.
- 17 - Igreja paroquial de Santo Ambrósio: tela da Via Sacra.
- 17 - Igreja paroquial de Santo Ambrósio: anjo no altar.
- 17 - Igreja paroquial de Santo Ambrósio: altar de 1841.
- 18 - Igreja paroquial de Santo Ambrósio: sacrário.
- 18 - Igreja paroquial de Santo Ambrósio: presbitério atual
- 19 - Igreja paroquial de Santo Ambrósio: bancos da época.
- 19 - Igreja paroquial de Santo Ambrósio: pia batismal.
- 21 - Igreja paroquial de Santo Ambrósio: anjo que entrega a veste branca.

CERNUSCO A CIDADE DO CORAÇÃO

- 24 - Cascina Castellana: fachada externa.
- 25 - Cascina Castellana: sino.
- 26 - Cascina Castellana: pórtico com arcos.
- 27 - Cascina Castellana: forro “a cassettoni” pintado.
- 27 - Cascina Castellana: lareira da época.
- 27 - Cascina Castellana: sala de jantar.
- 29 - Cascina Castellana: biblioteca.
- 30 - Oratório de Santa Teresa antes da restauração.

- 31 - Oratório de Santa Teresa: placa comemorativa.
- 32 - Oratório de Santa Teresa: externo, depois da última restauração.
- 32 - Oratório de Santa Teresa: interior, depois da última restauração.
- 33 - Oratório de Santa Teresa: janela comunicante com a cascina.
- 34 - Pala de Santa Teresa: aspecto da obra antes da restauração.
- 34 - Pala de Santa Teresa: aspecto da obra depois da restauração.
- 35 - Pala de Santa Teresa: estado de deterioração da figura antes da restauração, um particular.
- 35 - Pala de Santa Teresa, um particular.
- 38 - Cernusco, Santuário de Santa Maria: externo.
- 39 - Cernusco, Santuário de Santa Maria: imagem de Nossa Sra. das Dores.
- 40 - Cernusco: antiga estampa do colégio, conservada no Museu Luigi Biraghi.

ITINERÁRIOS MILANESES

- 41 - Amanzia Guerrillot Inganni, Il Rebecchino in Piazza del Duomo, 1850, óleo sobre tela, Museu Civico de Milão.
- 43 - “Dia 22 de Março”, Primeiro dia da independência lombarda. Jornal Oficial, Milão, Museu do Renascimento.
- 44 - G. Redaelli, Vista externa do estabelecimento Binda em Milão, 1865 aprox., Milão, Coleção Cívica de gravuras A. Bertarelli.
- 44 - Piazza Belgioioso e a casa de Manzoni por volta de 1840. Coleção Cívica de gravuras A. Bertarelli.
- 45 - Giuseppe Canella, Corsia dei Servi, 1834, Museu Cívico de Milão.
- 46 - Usina Gaz de Milão, 1860 aprox., Milão, Coleção Cívica de gravuras A. Bertarelli.

A VOCAÇÃO SACERDOTAL

- 47 - Mapa de Milão, Edição cartográfica Milanese.
- 48 - Seminário maior: brasão de São Carlos Borromeo.
- 48 - Seminário maior: entrada
- 48 - Seminário maior: pátio interior, um particular.
- 49 - Luigi Premazzi, A coluna de São Bábila e corso Venezia, 1839, Milão, Coleção Banca Intesa.
- 51 - Estátua do Beato Giovanni Mazzucconi, Escola Beato Angélico.
- 54 - Assalto ao Palácio do Gênio em Milão, 21 de março de 1848, Milão, Museu do Renascimento.
- 55 - Combate na Porta Oriental em redor da barricada construída pelos seminaristas, Coleção cívica de gravuras A. Bertarelli.
- 55 - Don Antonio Stoppani, Coleção Cívica de gravuras A. Bertarelli.
- 58 - Carta de Luigi Biraghi (9 de abril de 1848) contendo o relato do encontro com Gábrio Casati.
- 59 - Pátio do palácio arquiépiscopal da praça Duomo 16.
- 59 - Entrada do palácio arquiépiscopal, praça Fontana 2.
- 60 - Pátio do palácio arquiépiscopal, praça Fontana 2.
- 61 - Pátio do palácio arquiépiscopal ao lado da praça Fontana, 1840 c.a., óleo sobre tela, Milão, Museu Cívico de Milão.
- 64 - O Duomo, lado posterior, estampa em aquarela, 1850, Coleção Cívica de gravuras A. Bertarelli.
- 65 - O Duomo, hoje: externo.
- 65 - O Duomo, hoje: interno.
- 67 - Praça do Duomo, aquarela, 1850 c.a., Coleção Cívica de gravuras A. Bertarelli.
- 68 - L. Cherubin, Interno do Duomo durante uma procissão com o Santíssimo Sacramento, “aquarela miniata”, de uma pintura de G. Migliara, 1840 c.a., Coleção Cívica de gravuras A. Bertarelli.

O ENCONTRO COM MARINA VIDEMARI

- 70 - Mapa de Milão,
- 70 - Canônica de Santo Ambrósio: oratório de São Sigismundo visto do pórtico.
- 71 - Canônica de Santo Ambrósio: arcada bramantesca.
- 72 - Canônica de Santo Ambrósio: quadro dos oitocentos reproduzindo o oratório de São Sigismundo.
- 72 - Canônica de Santo Ambrósio: estampa da época reproduzindo o oratório de São Sigismundo.
- 73 - Basílica de Santo Ambrósio vista da rua Santo Agostinho, numa foto dos Oitocentos, em Santo Ambrósio, Banca Intesa, p. 342.
- 73 - Basílica de Santo Ambrósio, atual rua Sto. Agostinho.
- 73 - Basílica de Santo Ambrósio: galeria das mulheres.
- 73 - Biblioteca Capitular de Santo Ambrósio.
- 74 - Basílica de Santo Ambrósio: átrio da capela de São Vittore in Ciel d'oro, numa foto da época.
- 76 - Basílica de Santo Ambrósio: laje do piso indicando a primeira sepultura de Santa Marcelina.

EM RELAÇÃO COM A SOCIEDADE MILANESA

- 78 - Leone Zucoli, Novo panorama de Milão, 1844, Arquivo Histórico Cívico.
- 79 - Mapa de Milão, Edição Cartografica Milanese.
- 79 - Palácio Mellerio.
- 80 - Palácio Mellerio, um particular.
- 81 - Giacomo Martinez, Retrato de Giacomo Mellerio, óleo sobre tela, 1851, Galeria de imagens de Luoghi Pii Elemosinieri A.S.P. Golgi – Redaelli, Milano.

A FUNDAÇÃO DAS IRMÃS “MARCELINAS DE MILÃO”

- 85 - Carta de Luigi Biraghi (19 setembro 1838), contendo a data do início da obra educativa.
- 86 - Leone Zucoli, Novo panorama de Milão, 1844, Arquivo Histórico Cívico.
- 88 - Giuseppa Videmari: pintura de Nossa Senhora Imaculada.
- 88 - O colégio de via Quadronno em 1854, de uma aquarela da casa das Marcelinas em Lecce.
- 91 - Fotografia de Luigi Biraghi, conservada no museu Luigi Biraghi, Cernusco sul Naviglio (MI).
- 92 - Pátio do colégio de via Quadronno.
- 92 - Pátio do colégio de Cernusco.
- 94 - Pátio do colégio de Cernusco: sino.
- 94 - Sino conservado no ex colégio de Vimercate.
- 94 - Ex colégio de Vimercate: pintura representando Marta e Maria.
- 95 - Externo da Residência para estudantes “Santa Marcelina.”
- 96 - Página do “Giornale” de sábado 6 de novembro de 2004.
- 97 - Via Amedei 2: pátio
- 98 - Via Amedei 2: entrada
- 98 - Via Amedei 2: provável brasão do Instituto das irmãs Marcelinas.
- 99 - Casa de via Amedei, 1859, de uma aquarela da casa das Marcelinas de Lecce.
- 100 - Pala de São Carlo, hoje conservada na primeira casa das Marcelinas, em Cernusco S/N (MI).

A OBRA CULTURAL De BIRAGHI EM MILÃO

- 104 - Mapa de Milão, Edição Cartográfica, Cartografiche Milanese
- 105 - Passagem que permite a comunicação do alojamento dos Padres de Santo Alessandro com o externo (rua Zebedia).
- 106 - Biblioteca Ambrosiana: entrada atual.
- 106 - Amanzia Guerrillot Inganni: a Biblioteca Ambrosiana junto à praça S. Sepolcro, óleo sobre tela, 1853, Museu Civico de Milão.

- 106 - Biblioteca Ambrosiana: entrada junto à praça S. Sepolcro, hoje.
- 107 - Biblioteca Ambrosiana: sala de leitura no inverno.
- 108 - Ambrogio Cenenari, Sala de leitura, incisão, 1895, Milão, Ambrosiana.
- 109 - Biblioteca Ambrosiana: atual sala Federiciana para a leitura no verão.
- 109 - Ambrósio Centenari, Sala Federiciana, mesa, Beltrami, Guia da Biblioteca Ambrosiana, 1895, Milão Ambrosiana.
- 109 - Biblioteca Ambrosiana: sala Custodi.
- 113 - Carta autografada do papa Pio IX, de 29 junho de 1862, Arquivo Secreto Vaticano, arq. Pio IX, Sardegna, particulares, 18.
- 114 - Retrato de Luigi Biraghi, post. 1855, óleo sobre tela, propriedade Barni-Biraghi.
- 119 - Convento de Santo Alessandro: pátio interno.
- 120 - Igreja de Santo Alessandro: fachada.
- 121 - Igreja de Santo Alessandro : interno
- 121 - Igreja de Santo Alessandro: Nossa Senhora das Dores
- 122 - Convento de Santo Alessandro: local destinado a dormitório
- 124 - Igreja de Santo Alessandro: antigo confessionário
- 125 - Basílica de Santo Ambrósio: urna de prata que contem os santos despojos de Ambrósio, Protásio e Gervásio.
- 127 - Igreja de São Nazaro.
- 128 - Mesa citada na narração de Luigi Biraghi: Os três sepulcros santambrosianos descobertos em 1864, representando a primeira e a segunda deposição de Santo Ambrósio, de um antigo manuscrito da Biblioteca Ambrosiana.
- 130 - Mesa citada na narração de Luigi Biraghi: Os três sepulcros santambrosianos descobertos em 1864, representando a urna dos três Santos.

EXÉQUIAS E COMEMORAÇÕES

- 134 - L. Taglioretti, Monsenhor Luigi Biraghi, 1880, óleo sobre tela, Milão, Casa Generalícia das Marcelinas.
- 136 - Igreja paroquial de Cernusco: fotografia do cortejo fúnebre (1951).
- 136 - Casa das Marcelinas em Cernusco: túmulos de monsenhor Luigi Biraghi e Irmã Marina Videmari (1951).
- 136 - Museu Luigi Biraghi: caixão de Monsenhor Biraghi (1951).
- 137 - Modelo da urna-relicário do beato Luigi Biraghi (2006).

ITINERARIOS TRANSVERSAIS

- 148 - Mapa de Milão, Editora Cartográfica Milanese.

Pelas referências fotográficas agradecemos a todas as entidades cuja gentil permissão nos tornou possível encontrar e reproduzir a documentação:

- Archivo Generalizio Marcelline, Milano.
- Archivo Segreto Vaticano.
- Arqchivo Storico Civico di Milano, Biblioteca Trivulziana, Coleção cartográfica 3/9.
- Archivo Storico Parochiale di S. Ambrogio, Vignate (MI).
- Biblioteca Ambrosiana, Milão.
- Basílica e Canônica de Santo Ambrósio de Milão.
- Civico Museo de Milano.
- Coleção cívica de gravuras Achille Bertarelli, Milano.
- Cartografia de base, Edizioni Cartografiche Milanesi srl - Ortelio - via Reali 3/5 Paderno Dugnano (MI).
- Coleção Banca Intesa.
- Museo del Risorgimento, Milão.
- Museo Luigi Biraghi, Cernusco s/N.
- Quadreria dei Luoghi Pii Elemosinieri A.S.P. Golgi-Redaelli, Milano.

Impressão terminada em julho de 2013
por: Rush Gráfica e Editora Ltda
São Paulo - SP